



IDENTIDADE

1-EU SOU A LUZ DO MUNDO

2-EU SOU A PORTA

3-EU SOU O PÃO DA VIDA

4-EU SOU O BOM PASTOR

5-EU SOU O CAMINHO A VERDADE E A VIDA

6-EU SOU A VIDEIRA VERDADEIRA

7-EU SOU A RESSURREIÇÃO E A VIDA

8-EU SOU

1

JESUS DISSE: "EU SOU A LUZ DO MUNDO!"

Debonnaire Kovacs

TOPO

(João 8:12)

Wen Chung olhava fixamente para o batido de ananás e banana colocado em cima da mesa à sua frente. Mal se apercebeu de que a empregada, sua amiga, tinha parado junto à sua mesa.

"Há alguma coisa errada, Wen? O teu batido está bom?"

Wen começou a falar. – Oh, olá, Andrea. Desculpa, não te vi. – Demorando a aperceber-se da pergunta, olhou inexpressivamente para o copo gelado e alto, vendo-o pela primeira vez. – Oh, sim, sim, está bom. Para dizer a verdade, ainda nem sequer o provei.

Andrea fez uma ronda pelo pequeno café e depois sentou-se do lado oposto ao dele. – Ainda não há muito movimento. O que é que se passa? Há algo que esteja a perturbar-te?

Wen olhou para os seus olhos preocupados. Isto era aquele tipo de coisa que o fazia gostar de Andrea. Ele sorriu pela primeira vez naquela manhã. – Tu és espectacular, sabias?

Andrea pareceu surpreendida. – Eu? Porquê?

– Tu já tens tanto com o que te preocupar. Três filhos, dois empregos, um marido ausente...

– Pois, pois – respondeu Andrea, fazendo um gesto com a mão.

– Eu perguntei o que se passava *contigo!*

– É isso o que eu quero dizer – disse Wen. – Tu és sempre a primeira pessoa a reparar em alguém que tem um problema. Não tens já demasiados problemas?

– Talvez seja *por isso* que eu me apercebo – disse Andrea com um sorriso. – Os problemas das outras pessoas são bem mais interessantes do que os meus, nunca reparaste? Vá lá – fala comigo! O médico está em casa e o relógio está a marcar as horas.

Wen colocou uma expressão no rosto. – Bom, por um lado, estou a pensar mudar de curso – outra vez! Já estou no meu segundo ano de Faculdade, e não sei *o que* quero ser quando crescer, se alguma vez crescer!

Andrea voltou a sorrir. – O truque talvez seja perguntares-te o que é que irias querer fazer se nunca tivesses crescido!

– Tu queres dizer para além de ser um bombeiro, um habitante do espaço, ou um criador de *software* milionário? – Wen começou a rir, mas depois parou. Fez uma pequena pausa. – Essa é uma ideia realmente boa! Tenho de pensar nisso! – Ele mexeu o seu batido distraidamente.

– Bem - disse Andrea – isso terá um custo de 183€. Vou cobrar-te. – Ela começou a levantar-se, mas Wen impediu-a.

– Oh, não, essa é a menor das minhas preocupações!

Andrea voltou a sentar-se.

– O Professor Ellison entregou-nos como trabalho de casa uma tarefa suicida. Não vais acreditar. Temos de escrever um artigo

de 10 páginas sobre 'Quem sou eu?' *Dez páginas!* Consegues acreditar? Eu poderia usar só 10 palavras para responder a essa pergunta!

Quem sou eu?

Esta é uma das grandes questões da vida, talvez a maior questão de todas. Podemos passar toda a nossa vida a tentar descortinar a resposta (ou as respostas). Alguns nunca chegam a encontrá-la. Outros nem sequer tentam fazê-lo.

Se alguém nos perguntar "Quem és tu?", o que é que dizemos? A resposta mais óbvia, claro, é dizermos o nosso nome. Mas isso é apenas aquilo que somos chamados. Não diz realmente aos outros quem somos nós, no nosso interior.

Quais são algumas outras respostas? Quais destas hipóteses poderíamos nós indicar?

"Sou uma mulher."

"Sou um homem."

"Sou filho ou filha desta pessoa e daquela."

"Sou uma irmã ou um irmão."

"Sou uma mãe ou um pai."

"Sou de uma determinada raça."

"Sou de um determinado Estado/País/Cidade."

"Sou um Cristão."

"Sou um Adventista do Sétimo Dia."

Ou poderíamos responder referindo o que fazemos:

"Sou um artista."

"Sou do tipo científico."

"Sou um viciado em computadores."

"Trabalho na empresa XYZ."

"Sou um atleta."

A melhor resposta seria "Sou um filho de Deus", mas o que é que isso significa na verdade? Será que isso significa que nos parecemos de uma certa forma ou que nos comportamos de uma determinada maneira? Podemos sempre afirmar com toda a certeza se uma pessoa está a viver de acordo com o estatuto de um filho de Deus, apenas olhando para essa pessoa? Podemos até mesmo saber com toda a segurança se nós próprios estamos a viver como um filho de Deus?

Parece óbvio que a melhor forma de descobrirmos a que é que isso se assemelharia é olhar para a vida do Primoroso Filho de Deus, Jesus de Nazaré. E isso é o que vamos fazer ao longo desta Semana de Oração.

Pensemos nos diversos modos como Jesus sabia quem Ele era. Isto torna-se interessante quando pensamos mais profundamente no assunto, uma vez, de certa forma, todos nós julgamos que Ele, como Filho de Deus, simplesmente *sabia*. Bem, sim, Ele era o Filho de Deus. Ele era tanto humano como divino (e ninguém vai conseguir compreender isso – é algo que se se tem vindo a tentar há séculos!) Mas, ainda assim, como humano, Ele iniciou a Sua vida aqui na Terra como uma criança, da mesma forma que nós, não é verdade? Ele cresceu e aprendeu como uma criança. Tenho a certeza de que algumas avós ou alguns rabis judeus apertaram as Suas bochechas e Lhe perguntaram o que é que Ele queria ser quando crescesse! O que é que Ele respondeu? O que é que Ele disse acerca de quem Ele já era, mesmo ainda jovem? "Sou filho de Maria, sou filho de José, sou um Judeu, sou de Nazaré, sou um carpinteiro."

Algumas das formas através das quais sabemos quem somos são as histórias que os nossos pais e os nossos avós nos contam. Imaginemos as histórias que Jesus ouviu! "Quando eras um pequeno bebé, os anjos cantaram e um deles disse-me que Tu irias salvar o Teu povo dos seus pecados!" Conseguimos realmente imaginar como seria uma criança de 10 anos de idade ouvir histórias como esta?

Mas como é que Jesus sabia quem Ele era *na verdade*? Essa é a questão para a qual vamos atentar ao longo desta Semana de Oração. Não só para aquilo que os Seus pais Lhe disseram, ou o que Ele aprendeu quando estudou as profecias, mas como é que Ele *realmente* sabia, no seu interior, quem era e o propósito com o qual tinha sido enviado. Se olharmos para estas questões e para algumas das formas como Ele lhes deu resposta, talvez possamos descobrir alguns modos através dos quais também nós possamos responder. Talvez venhamos a aprender algumas coisas sobre quem nós real e verdadeiramente somos no nosso interior.

No Evangelho de João, encontramos sete famosas declarações feitas por Jesus introduzidas pela expressão "Eu Sou". Estudaremos estas sete declarações durante esta semana, e, de seguida, iremos passar algum tempo a analisar o que é que toda esta expressão "Eu Sou" significa. Sendo um nome de Deus, temos de admitir que é mais criativo do que a maioria dos nomes que os deuses deste mundo reivindicam! O que é que realmente significa esse nome?

Jesus: a Luz do mundo

A primeira declaração "Eu Sou" para a qual queremos atentar é "Eu sou a luz do mundo."

É logo no primeiro capítulo deste Evangelho que, pela primeira vez, Jesus é chamado a *Luz*. João, o discípulo amado, e o mais novo dos 12 apóstolos de Jesus, é mais conhecido aqui por chamar a Jesus a Palavra, mas ele também lhe chama a Luz. Leiam os versículos 4 e 5 comigo: “Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.” Outras versões dizem que as trevas não podem prevalecer contra ela, o que é igualmente verdade. Então, é a própria vida de Jesus que é a luz. Só por existir, Jesus (e o Pai e o Espírito Santo) traz luz ao Universo. Talvez seja essa a razão por que a luz foi a primeira coisa criada por Deus.

Depois, no versículo 9, João chama a Jesus “a luz verdadeira”, Aquele que concede luz a todas as pessoas. A todas as pessoas! Não é que todas a compreendam ou aceitem. Mas essa é a promessa básica. Jesus vem ao mundo para viver como um ser humano e para trazer luz a todos os homens. A Sua vida é a luz, pelo que, só por estar aqui, Ele vai conceder essa luz.

Agora vamos ver em que contexto é que, na verdade, Jesus faz esta declaração onde reivindica ser a Luz do mundo. Folheiem comigo as vossas Bíblias até João 8:12: “Falou-lhes, pois, Jesus, outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar­á em trevas, mas terá a luz da vida.”

Esta é uma afirmação familiar, contudo muitas pessoas não compreendem o que é que se estava a passar no momento em que Jesus a fez. É bastante surpreendente. Qual é a história que precede estas palavras de Jesus e que, de alguma forma, lhes serve de introdução? É a história da mulher que foi

apanhada num acto de adultério. Os líderes queriam apredejá-la, porém Jesus perdoou-a e disse-lhe: “vai-te, e não peques mais.” Na nossa vida, todos nós fomos já apanhados em falta algumas vezes, independentemente do facto de essa falta ser grande ou pequena. E eu espero que todos tenhamos ido a Jesus em busca de perdão e de purificação. Isto por si só parece já suficientemente difícil, mas é ainda também a parte fácil. A parte difícil é aquilo que fazemos depois. “Vai-te e não peques mais.” Como? Ir e não pecar mais? Mas como é que isso é possível?

Na maioria das vezes em que esta história é relatada, as pessoas param precisamente neste ponto. “Eu perdoo-te, agora vai e sê uma pessoa boa!” E o que é que, afinal, nós fazemos? Pecamos outra vez!

Mas, como nos apercebemos, Jesus não Se deixou ficar por aqui.

Consideremos novamente o versículo 12.

Não é algo estranho para se dizer precisamente neste momento? Parece uma completa mudança de assunto! “Eu sou a luz do mundo!” O que é que isto tem a ver com “Vai-te e não peques mais”?

Não pensam que a primeira coisa de que necessitamos, antes de fazermos o que quer que seja, é luz para ver o que se passa à nossa volta? Dificilmente conseguiríamos até vestir-nos ou comer sem pelo menos um pouquinho de luz. Então, como é que podemos saber como viver como filhos de Deus se não dispomos de luz espiritual para ver o que nos rodeia?

Provavelmente, aquela mulher que cometeu adultério não se comportou daquela forma porque apenas queria ser uma má

peessoa. Ela pode até nem o ter feito simplesmente porque estivesse interessada nos seus próprios desejos e não se preocupasse com o que estava certo ou errado. Muito provavelmente, ela fê-lo porque o que ela mais queria é a mesma coisa por que todo o ser humano anseia, que é sentir-se amado. As pessoas tentam todo o tipo de coisas para sentirem que são boas, que têm valor e que são amadas: e uma dessas coisas, que é bastante comum, é envolverem-se com alguém que lhes diga coisas bonitas e que as elogie: e assim fingem acreditar que esse alguém as ama, quando, no seu coração, sabem que tal pessoa não se importa minimamente com elas. Já alguma vez fizemos isso? Sabe bem durante algum tempo, mas não por muito tempo, não é?

Jesus estava a dizer a esta mulher desamparada: “Segue-me, e viverás sob a verdadeira luz do Meu amor. Eu sei quem tu *verdadeiramente* és, no teu coração, e Eu amo-te! Não te amo por aquilo que posso alcançar através de ti, ou porque te quero controlar. Amo-te porque tu és quem és e tu és Minha. Eu sou a luz de todo este mundo. Vem e segue-Me!”

Como é que Jesus sabia isto acerca de Si mesmo? Como constatámos anteriormente, Ele era Deus tornado em carne humana e sabia tudo sobre todas as coisas, mas a Bíblia diz que Ele aprendeu, e sabemos também que Maria Lhe contou as histórias relacionadas com o Seu nascimento e o anúncio feito pelos anjos. Sabemos ainda que, quando Ele Se dirigiu ao templo, quando tinha 12 anos, Ele observou os sacrifícios e começou a entender mais completamente qual era a Sua missão nesta Terra. (Consegue imaginar-se a compreender uma coisa tal como aquela com apenas 12 anos de idade?

Quando eu tinha 12 anos, estava mais interessada em saber qual seria o próximo jogo divertido que iria ser lançado...) Sabemos que Jesus passou muito tempo a estudar os rolos de pergaminho do Antigo Testamento e a orar sozinho nos campos, em comunhão com o Seu Pai Celestial. Parece-me que, uma vez que Ele prometeu enviar-nos o Espírito Santo, e uma vez que sabemos que o Espírito Santo desceu sobre Ele em poder no momento do Seu baptismo, podemos ter a certeza de que o mesmo Espírito estava n'Ele na infância e na juventude, enquanto descortinava os mistérios que envolviam a Sua vinda à Terra mediante o estudo e a oração, precisamente da mesma forma como também nós o podemos fazer. Jesus constatou esse facto na Bíblia; Deus era o Portador de Luz, e Ele prometeu, tal como muito tempo antes o fizera a Adão e a Eva, que iria enviar um Redentor para trazer de novo a luz que o pecado tinha feito desvanecer. Jesus aprendeu que Ele era o Redentor.

Acima de tudo, Jesus sabia que a verdadeira luz do mundo é o amor. Lá no Céu, com o Seu Pai e com o Espírito Santo, Ele sabia como era o perfeito amor, tal como sabia quão erradas estão as nossas ideias acerca do amor. Ele sabia que as pessoas têm a tendência quer para pensar que são demasiado más para que Deus as possa amar, quer para acreditar que Deus *tem uma dívida* de amor para com elas, pois são mais dignas de ser amadas do que todas as outras pessoas. Jesus veio à Terra para nos mostrar como é o amor do Pai. Ele demonstrou-o todos os dias da Sua vida. Ele tocou nas pessoas que outros não ousariam tocar, curou aqueles que outros pensavam não serem merecedores, perdoou as pessoas

por todos os tipos de pecados, falou com elas, riu-Se com elas, foi aos seus casamentos e festas... Ele amava-as! E elas sabiam disso.

Depois Ele disse: “Sigam-me. Vivam na luz. Deus ama-vos – passem essa mensagem!”

Até aqui, não há propriamente quaisquer surpresas. Todos nós sabemos que Jesus é a luz do mundo, e, provavelmente, todos concordamos que “amor” é outro nome que se pode atribuir a essa luz. Mas é precisamente aqui que surge o verdadeiramente inesperado.

No Sermão da Montanha, Jesus disse algo espantoso. Algo que não se encontra no Evangelho de João, mas no Livro de Mateus. Vejamos o que é dito em Mateus 5:14-16: *Vós sois a luz do mundo: não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.*

O quê? *Quem* é a luz do mundo? Eu? Como é isso possível?

Wen Chung ficaria realmente surpreendido se alguém caminhasse até junto dele, enquanto permanecia ali sentado e preocupado com o seu curso e com aquele trabalho que o seu professor de religião lhe tinha pedido para fazer, e lhe dissesse: “Wen, tu és a luz do mundo!” Andrea, provavelmente, ficaria ainda mais surpreendida, ainda que seja evidente para os espectadores que ela se mantém atarefada a transmitir essa luz de amor todos os dias, apesar das dificuldades da sua própria vida.

Mas foi isso mesmo o que Jesus disse. Ele não apenas disse aos milhares de ouvintes que ali se encontravam junto d'Ele naquele dia “Vós sois a luz do mundo”, como ainda prosseguiu, dizendo-lhes que não deviam tentar esconder as suas candeias debaixo de vasos ou potes. Deviam colocá-las, sim, em candelabros e permitir que as suas candeias iluminassem todos os que se encontravam à sua volta. Será que isto não parece um pouco vanglorioso? “Olhem para mim, eu sou a luz do mundo!”

Reflectores da luz divina

Será que foi isto o que Jesus quis dizer? Felizmente, não temos que discutir o que *pensamos* que Ele quis dizer – Ele explica-nos precisamente no mesmo instante. Ele não disse: “Permitam que as pessoas vejam as vossas boas acções e vos glorifiquem!” Ele disse: “Permitam que as pessoas vejam as vossas boas acções e glorifiquem o vosso Pai que está nos Céus!”

É um pouco como o Sol e a Lua. O Sol está a arder e a produzir enormes quantidades de luz e calor, tudo isso por sua acção. Ninguém está ali continuamente a alimentá-lo com combustível ou a reacendê-lo. Deus criou-o e fê-lo começar a arder, e ali está ele – a arder desde que foi criado. Deus é como essa luz. Ele produz luz, amor e bondade simplesmente por estar presente.

No entanto, a Lua é apenas uma grande rocha redonda. Não tem em si qualquer fonte de calor ou de luz. Isto significa que não pode brilhar nem aquecer ninguém, e, se pudéssemos subir até junto dela e perguntar-lhe quem é e que benefício produz, este satélite poderia ficar bem deprimido e responder-

nos: “Eu não sei – sou apenas um pedaço de rocha sem qualquer valor!” Mesmo que pudesse ver, sentir e pensar, a Lua não teria qualquer forma de saber que quando o Sol brilha sobre ela, resplandece como uma jóia no nosso céu. Numa noite de Lua cheia, há suficiente luz reflectida para projectar sombras no chão. Antes de haver luz artificial, as pessoas que tinham de realizar viagens de longas distâncias prestavam atenção à fase em que se encontrava a Lua, de forma a terem luz que lhes permitisse viajar.

E acreditam que, à luz do Sol, a temperatura na face da Lua pode chegar aos 123°C? E logo que a Lua roda e se afasta do Sol, na sua parte escura, nos pólos, a temperatura pode descer aos -233°C, pois é aí que recebe a menor incidência de calor solar. É uma grande diferença!

Assim, uma vez que aceitemos que Jesus é a Luz do mundo, várias coisas acontecem. Primeiro, nós dizemos-Lhe que, sim, por favor, queremos que Ele preencha a nossa vida com a Sua luz, a Sua vida e o Seu amor. De seguida, todos os dias despendemos tempo a aquecer-nos na Sua presença, através do estudo das Escrituras, da oração e do louvor. Depois, passamos à prática, reflectindo o Seu amor e a Sua luz para todos aqueles que nos rodeiam.

Olhamos ao nosso redor para ver as obras que a luz de Deus realiza. Essa luz transmite calor às pessoas, brilha, ilumina e anima todos os que se encontram à nossa volta. Logo, se queremos saber se estamos a agir como a luz, colocamos-nos a questão: Será que as pessoas se sentem iluminadas e animadas quando estão perto de nós? Também nós nos aproximamos de outras pessoas que nos fazem sentir

animados e amados e passamos tempo na sua presença, pois um dos meios de aprendermos sobre o amor de Deus é a forma como nos relacionamos uns com os outros.

Fazemo-nos a nós mesmos perguntas, tal como Ellen White sugere:

“Compreendemos que somos a luz do mundo? Deixamos nós, mediante as nossas palavras e o nosso comportamento em casa, um rasto de luz que conduza ao Céu? (Poderíamos acrescentar no trabalho, na escola, onde quer que nos encontremos.) O que é que significa ser-se a luz do mundo? – Significa termos Deus como o nosso guia, ter o companheirismo dos santos anjos, e reflectir a luz que brilha sobre nós e que vem lá do Alto; mas se falharmos em praticar a cortesia, a paciência e o amor Cristãos no seio da nossa família, Deus e os anjos são repelidos, e em vez de sermos a luz do mundo, somos corpos de escuridão.” (Boletim oficial da União Australiana, 1 de Novembro de 1904, parágrafo 8)

Corpos de escuridão! O problema reside no facto de que, se lemos esta afirmação e a levamos a sério, podemos vir a olhar para nós mesmos durante todo o tempo, e a preocupar-nos sobre quando estamos a ser a luz do mundo, ou, pelo contrário, quando estamos a ser corpos sem luz. Mas também é possível que olhemos para nós próprios de uma forma demasiado dura. Se perdermos demasiado tempo a examinar-nos, bem como às nossas acções, assemelhar-nos-emos à Lua, que roda e se afasta do Sol, e passaremos a olhar para nós mesmos em vez de olharmos para Jesus. Essa é uma forma bastante rápida de nos tornarmos frios e corpos sem luz! Quando mantemos os nossos olhos em Jesus, caminhando

lado a lado com Ele, contemplando a Sua face, absorvendo o Seu amor, esse amor reflectir-se-á em todos aqueles que se encontram à nossa volta. Os outros verificarão que somos luzes resplandecentes e pessoas bem-dispostas, e poderão sentir-se melhor em relação a si mesmos. Talvez eles nos questionem sobre as razões por que somos pessoas tão felizes, e nós podemos responder-lhes: “Porque Jesus me ama muito e eu não posso deixar de me sentir feliz por isso! E, sabes, Ele também te ama.”

Nós não somos, e nunca poderíamos ser, uma fonte de luz para o mundo, do mesmo modo que a Lua nunca poderia ser uma fonte de luz, calor e poder para a Terra. Mas se permitirmos que Jesus faça resplandecer a Sua luz e o Seu amor na nossa vida, nós seremos candeias para Sua glória, e, quando os outros olharem para nós, também eles vão aprender a louvar Deus.

QUESTÕES PARA DEBATE

1. Quem és tu? Não, quem és tu *verdadeiramente*?
2. Como é que achas que a mulher adúltera se sentiu quando Jesus a perdoou? Porquê? Já alguma vez te sentiste dessa mesma forma?
3. Concordas que o amor é a luz do mundo? Porque é que isso é tão importante? Porque é que perdemos o seu rasto tão facilmente?
4. Partilha com o grupo algumas formas através das quais Jesus, ultimamente, fez resplandecer luz e amor na tua vida.

1º PRINCÍPIO IDENTIFICADOR DA VIDA – Porque Jesus é a Luz do Mundo, eu posso ser uma vela, iluminando o caminho percorrido por outros até Ele.

2

JESUS DISSE: “EU SOU A PORTA!”

Debonnaire Kovacs

TOPO

(João 10:9)

Andrea apercebeu-se da expressão surpreendida na face de Wen, quando caminhava na sua direcção, para tomar nota do seu pedido. Ela começou a falar antes mesmo de chegar junto da sua mesa. – Eu sei, eu sei, pareço um caso de abuso doméstico! Toda a gente está a olhar. Vês aquela porta giratória que está ali? – Ela apontou e o olhar de Wen desviou-se para a porta que dava acesso à cozinha e, depois, voltou a encará-la. Ele mostrou compreensão e simpatia para com ela.

– Deixa-me dar-te uma pequena dica. Aquelas portas são construídas daquela forma de modo a que possas ver as pessoas caminharem na tua direcção. Elas não funcionam tão bem se duas pessoas se dirigirem para elas, partindo de lados opostos, as duas com os braços carregados, e as duas a olhar para trás, por cima dos seus ombros, para dizer alguma coisa a alguém!

– Ah! – disse Wen, enrugando de uma forma cómica a sua face arredondada.

Andrea esforçou-se por retribuir a expressão mas, depois, retraiu-se. – Pois... – Ela tocou na bochecha. – Só de pensar até dói! As portas são a minha maldição esta semana! Ontem a cancela de protecção da minha filha mais nova partiu-se, e fui dar com o cão e com Minnie, a minha filha de três anos, a banquetear-se em conjunto com cereais – apanhados do chão! – Wen estava a rir-se e Andrea encarou-o. – Não tem graça! Então, o que vais querer esta manhã?

– Bem, tu sabes, eu e os batidos... – respondeu Wen com um largo sorriso. – A minha missão pessoal é prová-los todos. Portanto, hoje, quero aquele Batido de Banana e Granola. E, se fazes favor, passa pela porta com muito cuidado!

– Não te preocupes – disse Andrea.

Quando ela voltou com o batido de Wen, ele tinha o seu computador portátil aberto e escrevia de forma atarefada. Wen olhou para cima e agradeceu-lhe enquanto ela poisava o alto copo de vidro em cima da mesa. – E olha que não é apenas pelo batido – acrescentou. – Tu acabaste de me ajudar num trabalho – outra vez!

– O quê, estás a escrever sobre mulheres desajeitadas?

– Não, é que esta semana o Professor Ellison quer saber tudo sobre portas. Qual é a sua função, se mantêm as coisas do lado de dentro ou do lado de fora, e o que é que significa o facto de se dizer que Jesus é a Porta. Ele disse uma coisa sobre a qual eu nunca tinha pensado antes. No livro de Apocalipse, onde se fala sobre Jesus estar a bater à porta, Ele não o faz no contexto que sempre julgamos tratar-se e que é a

porta do nosso coração enquanto indivíduos; Ele fá-lo no contexto da Igreja – neste caso, a Igreja de Laodicéia. O que é que pensas que isso significa?

Andrea pensou nisso apenas por alguns instantes. Estava a entrar no café um grande grupo de pessoas. – Queres dizer que Ele está a bater à porta da Igreja e que não consegue entrar? Bem, isso é algo em que tem que se pensar. Tenho de ir, desculpa!

Jesus: a Porta

A segunda declaração de Jesus iniciada por “Eu Sou” e que vamos analisar esta semana encontra-se em João 10:9: *Eu sou a porta: se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens.* É um pouco estranho Jesus dizer algo como isto. Dizer que Ele é a luz do mundo tem todo o sentido. Nós conseguimos ver que, pela Sua presença, Ele ilumina e aquece as pessoas. Mas, como é que uma pessoa pode ser uma porta?

Esta questão torna-se ainda mais estranha quando tomamos em consideração o contexto, ou seja, as histórias e os relatos que rodeiam essa afirmação. O capítulo precedente é uma longa e detalhada história acerca de um homem que foi curado da sua cegueira por Jesus. É curioso que, primeiramente, Jesus repetiu a expressão: “Eu sou a luz do mundo!” Depois, então, curou o homem. Este homem tinha sido cego durante toda a sua vida, e algumas pessoas pensavam que Deus o tinha tornado cego deliberadamente, porque ou ele ou os seus pais tinham cometido pecados. Outros ficaram muito ofendidos por Jesus o ter curado no dia de Sábado. Conseguimos imaginar a situação? Sofremos de cegueira ao longo de toda a

nossa vida, miraculosamente Jesus cura-nos, e, em vez de se juntarem a nós no nosso júbilo, o nosso pastor e os nossos anciãos ficam todos escandalizados porque esse milagre teve lugar no dia de Sábado!?

No final do capítulo 9, Jesus dirige-se aos Fariseus, dizendo-lhes que eles sofrem de um problema de cegueira espiritual. As Suas palavras seguintes, em João 10:1, têm que ver com ladrões e salteadores que entram num redil, saltando os seus muros, para roubarem ovelhas, em vez de entrarem directamente pela porta do curral. Ele acrescenta ainda que as ovelhas não obedecerão a ninguém a não ser ao seu pastor, mas que O ouvirão a Ele. Podemos dizer que Jesus está a preparar o terreno para dizer que Ele é o Bom Pastor, e de facto Ele está a fazê-lo (vamos analisar essa questão noutra dia), mas primeiramente Ele refere que Ele é a porta que conduz a esse redil.

Isto é algo que soa estranho. O que é que Jesus quer dizer?

Talvez já tenham ouvido que, por vezes, naqueles tempos, o curral das ovelhas não dispunha de uma porta. Tinha somente uma entrada aberta onde o pastor se deitava para dormir, de forma a que nenhum predador pudesse ali entrar e ferir as suas ovelhas durante a noite. No entanto, se algum animal tentasse fazê-lo, iria acordar o pastor e este afugentá-lo-ia. Assim, se um ladrão ou um salteador quisesse roubar ou fazer mal às ovelhas, teria que tentar esgueirar-se sorrateiramente por cima da parede sem acordar o pastor. Uma pessoa podia, literalmente, ser uma porta.

Para o que é que serve uma porta? Vamos falar sobre isso durante alguns momentos. Se o Professor Ellison fosse o

nosso professor de Religião e nós tivéssemos que fazer este trabalho, poderíamos começar por fazer uma lista com algumas das coisas que uma porta faz. (Se tal for possível e praticável, procure obter algumas sugestões por parte dos ouvintes e peça a um assistente que as escreva num quadro.) Ela abre e fecha. Mantém as pessoas e os animais fora. Mantém as pessoas e os animais dentro. Mantém o ar quente ou frio no interior ou no exterior. Pode permanecer aberta para receber alguém, ou pode ser firmemente fechada. Até nos mostra para onde nos devemos dirigir. Se queremos entrar numa casa, não podemos simplesmente subir pela parede, apenas podemos entrar passando através da porta. (Poderíamos entrar pela janela, mas, por norma, isso aponta para algo que não é bom.) Para o que serve uma porta?

Será que Jesus faz todas estas coisas? Vamos ver.

Abre: Quais são algumas das coisas às quais Jesus nos dá acesso? Obviamente que Ele nos concede acesso ao amor, à luz e à verdade. Ele está sempre aberto para todo aquele que quiser falar com Ele ou ouvi-l'O. Ele acolhia Nicodemos, que ia ter com Ele em privado, à noite, assim como acolhia o povo que percorria todo o caminho ao redor do Mar da Galileia para O encontrar, e até acolheu a mulher junto ao poço, que nem sequer sabia do que é que andava à procura. Jesus está aberto a tudo o que toda e qualquer pessoa queira dizer-Lhe, mesmo que se trate de algo negativo ou prejudicial e que Ele lhe vai pedir para abandonar. No livro dos Salmos, David diz algumas coisas realmente repulsivas a Deus quando se encontra zangado ou triste. Deus não encoraja David a pensar dessa forma, mas Ele também não o repele e nem Se recusa a ouvi-lo.

Já alguma vez ouviram um patrão ou um pastor dizer que “praticam uma política de porta aberta”? Isso significa que se sentem felizes em falar connosco a qualquer momento e que não estaremos a incomodar. Jesus é assim.

Fecha: A que é que Jesus fecha a porta? Em toda a Bíblia nos é ensinado que, em breve, Deus vai fechar a porta de uma vez por todas ao pecado, à falsidade, ao ódio, à inveja, à idolatria, ao egoísmo e ao orgulho. As pessoas que se encontram apegadas a esses pecados também verão a porta ser-lhes fechada e isso é precisamente aquilo que Deus não quer que aconteça. Assim, Ele manterá a porta aberta durante tanto tempo quanto Lhe for possível, suplicando às pessoas para que entrem. Este acto começou no momento em que Deus procurou os nossos primeiros pais quando estes se esconderam d'Ele após a sua triste falha, e continuará até ao último dia em que as pessoas puderem escolher ficar do lado de Deus. Depois, a porta fechar-se-á e o pecado será destruído para todo o sempre.

Vale ainda a pena notar que, por vezes, Jesus fecha as portas que nós abrimos e abre as portas que nós fechamos. Sabiam que, nos primórdios do Adventismo, ainda antes de a Igreja ser oficialmente constituída, alguns acreditavam que a porta – no conceito da “porta fechada”, a que se faz referência em Apocalipse 22:11 e 12 – já tinha sido fechada e que não havia qualquer possibilidade de salvação para aqueles que não tinham passado pelo Grande Desapontamento original? Graças a Deus que os nossos antecessores ainda estavam abertos à influência de Deus e foram capazes de reconhecer quase que imediatamente que Deus não queria que pensassem daquela

forma. E esse é um ponto muito importante – estamos nós abertos à influência de Deus e aos Seus desígnios, mesmo que estes não sejam aquilo que pensamos que seriam, ou estamos fechados a todas as ideias em que não tenhamos pensado já e que não sejam nossas e às quais não está agregado o nosso nome? Estamos dispostos a mudar a nossa conduta se isso se tornar necessário? Está a nossa mente aberta ou fechada? É possível ser-se uma mente tão aberta que o nosso cérebro saia cá para fora, ou ter-se uma mente tão fechada que Deus não consiga entrar?

Mantém as coisas dentro: Por vezes queremos a porta fechada porque é Inverno e queremos manter o ar quente no interior. Outras vezes, queremos a porta fechada porque é Verão e queremos manter o ar fresco também no interior. Outras vezes ainda, fechamos a porta do redil porque não queremos que as ovelhas saiam a vaguear. Andrea, a empregada, tem uma cancela de protecção na entrada que dá acesso à cozinha, não porque não ame os seus filhos e o seu cão, mas precisamente porque os ama. Nas clínicas de cuidados continuados, onde existe uma ala para doentes com *Alzheimer* ou outras demências, os funcionários que ali trabalham têm de manter a porta dessa enfermaria trancada, para que as pessoas que não conseguem lembrar-se do local onde estão não saiam por ali a vaguear. Elas poderiam perder-se, ou ser atropeladas por um carro. Por vezes esses pacientes enfurecem-se porque se sentem presos, mas as pessoas que os amam querem mantê-los em segurança. Agir desta forma e ver aqueles que amamos ficarem zangados quando estamos apenas a tentar protegê-los pode ser uma experiência dolorosa.

Será que, por vezes, Jesus também tranca os Seus cordeiros? Ele diz: “Submetam-se a Mim, fiquem aqui Comigo, deixem-Me escolher o caminho. Não fujam.” Por vezes podemos sentir-nos subjugados a uma circunstância ou regra, porém, na verdade, se nós nos mantivermos pertinho de Jesus, ficaremos surpreendidos com o quão longe podemos chegar. Viveremos aventuras bem mais emocionantes e teremos experiências bem mais variadas do que alguma vez poderíamos esperar – certamente bem mais empolgantes do que tiveram aqueles que saltaram pela parede e foram apanhados numa cerca de espinhos! Mas isso não tem mal, porque Jesus vai também atrás deles para os resgatar dos espinhos, carrega-os de volta e concede-lhes uma nova oportunidade.

Mantém as coisas fora: Quando se trata de ar quente ou frio, a situação é a mesma. Nos meses de Inverno, mantemos o ar frio fora e o ar quente dentro? E, no Verão, mantemos o ar frio dentro e o ar quente fora? Sim, claro... as portas também funcionam dessa forma. Quando a porta do redil é fechada e trancada, as ovelhas não conseguem sair e, assim, as hienas, os lobos, os chacais e os pumas não conseguem entrar para as comer! Não sei se se passa o mesmo no seio das ovelhas, mas eu sei que há diferentes tipos de pessoas – há algumas que preferem manter-se dentro de casa, em segurança, sem nunca terem de sair e há outras que se sentem revoltadas e zangadas e que não querem de todo estar fechadas. Onde é que nós, neste contínuo, nos inserimos?

Neste texto, Jesus fala acerca de ladrões e salteadores que sobem a parede. Neste mundo, temos de encarar a realidade: as coisas não são da forma como Deus queria que elas fossem

quando o criou. Já não há segurança perfeita. Mesmo mantendo a porta fechada, podem ocorrer coisas más. As pessoas podem entrar nas casas e roubar os pertences, e podem irromper no coração de outros e roubar a segurança e a paz que ali existe. Aquelas pessoas cujas casas foram assaltadas e roubadas, dizem frequentemente que a pior coisa não é ficarem sem as jóias, ou o dinheiro, ou a televisão. A pior coisa é, sim, nunca mais voltarem a sentir-se seguras. Alguém esteve no seu quarto, a mexer nas suas coisas pessoais. Elas sentem-se traídas e violadas. Com o coração passa-se o mesmo. Algumas pessoas em quem pensámos poder confiar traem a amizade que lhes demos e magoam-nos, outras fazem-nos promessas que não cumprem.

Jesus nunca agirá assim connosco. Ele não é apenas Alguém que não arrombará a porta – Ele é a Porta. Ele é o único caminho que leva à vida e à felicidade. Ele pode abrir-Se completamente e fazer-nos sentir que somos bem-vindos, da mesma forma que pode fechar-Se de uma forma aconchegante e fazer-nos sentir seguros.

Nós podemos confiar n'Ele.

Parece simples, não é? A verdade é que Jesus nunca nos irá trair, mas, algumas vezes, poderemos vir a sentir como se Ele o tivesse feito. As nossas orações podem ser respondidas de formas que nós não reconhecemos; assim, por vezes durante um grande período de tempo, sentimos que não nos foi dada uma resposta. Podemos confiar n'Ele mesmo nestas alturas?

Sim. Nós podemos confiar n'Ele. Verdadeiramente.

Indica o caminho: Jesus não somente disse que Ele era a porta, mas também disse que Ele era o *único* caminho que

conduz ao Pai. Encontramos isso em João 14:6, logo depois de Jesus ter dito que Ele era o Caminho, a Verdade e a Vida, uma questão que vamos deixar para analisar noutra dia. Algumas pessoas temem que isto signifique que todos aqueles milhões de pessoas que nunca conheceram Jesus possam estar automaticamente perdidas, mas não é isso o que a Bíblia nos ensina. Deus é o perfeito e verdadeiro Juiz, e Ele sabe quando é que as pessoas estão a esforçar-se por seguir o Criador e quando é que estão a rejeitá-l'O no que respeita ao conhecimento que lhes está acessível (Ver Romanos 1:18-20). Aquelas pessoas que receberão a vida eterna e que viverão com Deus para todo o sempre, fá-lo-ão mediante a vida, a morte e a ressurreição de Jesus, mesmo que não tenham conhecimento de tal facto e nunca tenham ouvido falar d'Ele. É algo surpreendente e encorajador, não é?

No reino de Deus, todo o ser vivente, de uma forma ou de outra, teria que ter passado por essa porta, independentemente de o saberem ou não. Jesus diz que todos aqueles que, *em consciência*, tentaram entrar por uma outra via, “passando por cima do muro” – como Ele o designa – são ladrões e salteadores, e a menos que mudem a sua atitude e se dirijam para a porta, serão repelidos. A maior bênção é ser-se capaz de ver que Jesus é a Porta para a vida, e escolhermos entrar n'Ele. Precisamente como a Luz do mundo, esta imagem da Porta também funciona das duas formas. Jesus é a Porta, a entrada que dá acesso ao Céu, mesmo para aqueles que não O conhecem e talvez nunca tenham ouvido falar d'Ele até lá chegarem. Mas não somos apenas nós que entramos n'Ele, Ele também entra em nós. Também nós temos portas. Em

Apocalipse 3:20 é dito: *Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.*

À porta do coração

Tenho a certeza de que o Professor de Wen iria concordar que a interpretação tradicional deste texto – Jesus a pedir para entrar no coração de cada indivíduo – está igualmente correcta. Vamos atentar um pouco para este texto de acordo com a sua interpretação.

Apesar das palavras que temos usado ao longo de muitos anos, ao referirmos que “Jesus quer morar no nosso coração”, nenhum de nós consegue realmente descrever nem explicar o que é que isso significa ou como é que isso se processa. É um mistério divino. As crianças costumam perguntar como é que Jesus pode ficar tão pequenino que possa viver dentro delas. Elas dão evidências do mesmo tipo de pensamento que Nicodemos demonstrou quando Jesus lhe disse que ele tinha de nascer de novo; ele questionou-O sobre se teria que voltar a entrar no ventre da sua mãe. As pessoas seculares, mesmo quando, de uma forma sincera, procuram entender o significado desses conceitos, consideram-nos confusos. Se formos honestos, todos nós iremos admitir que nos perguntamos como é que isso realmente funciona. Dizemos que Jesus, mediante a acção do Espírito Santo, vive em nós, transforma-nos, mune-nos com as capacidades necessárias para o serviço, guia-nos, ajuda-nos a tomar decisões e a fazer as coisas certas.

Jesus nunca derruba portas. Ele nunca nos força a seguir os Seus caminhos. Ele criou o nosso coração, tem vindo a apelar-

nos ao longo de toda a nossa vida, e detém todos os direitos e todo o poder sobre cada um de nós! Ele podia transformar-nos em marionetas se assim o quisesse, mas Ele tem passado todos estes milhares de anos a fazer-nos compreender que não tem qualquer interesse em obrigar-nos a aceitá-l’O e a obedecer-Lhe. Ele nunca força a Sua entrada. Ele permanece delicadamente à porta e bate, aguardando que nos dirijamos à porta e a abramos.

Quais são algumas das formas através das quais Jesus “bate ao nosso coração”? Podemos pensar na nossa consciência. E dispomos de mais alguns conceitos de jargão Cristão, tudo para falar de “consciências cauterizadas” e por aí fora... Mas a verdade é que, a maior parte do tempo, temos uma ideia bastante nítida de que estamos prestes a fazer algo que não deveríamos. Sentimos dentro de nós uma agitação desconfortável. Isso é uma batida na porta. Abrimo-la? Ou fingimos que não ouvimos? Ou será que arranjamos argumentos e justificações para arrazoar porque não tem mal não respondermos “só desta vez”?

O pastor faz um sermão que, de uma forma particular, nos apela e nos relembra acerca da eternidade e da vida cheia de poder que poderíamos ter com Deus, ou que queremos ter, ou que teremos... um dia destes... Será que dizemos: “Só um momento!”?

Até mesmo uma canção, ou alguma coisa amável que um amigo nos diz ou nos faz, pode ser uma batida na porta. Alguém morre e nós pensamos sobre o momento em que voltaremos a ver essa pessoa na Nova Terra, e, mais uma vez, ouvimos uma batida na porta.

Por vezes pensamos: “Jesus está à porta! É melhor eu limpar tudo antes de O deixar entrar! Não gostaria de que Ele se apercebesse de como as coisas estão realmente aqui dentro!”

Surpresa! Ele sabe como é que as coisas estão dentro de nós! E, de qualquer das maneiras, Ele é o único que pode limpar tudo. Se de alguma forma tentarmos parecer “suficientemente bons” primeiro, nunca permitiremos que Ele entre. Há apenas uma coisa que nós podemos fazer, e isso é algo bastante difícil. Eis como Ellen White explana o assunto:

“Diz Jesus: 'Eis que estou à porta, e bato.' Deixá-l'O-emos entrar? Ele não quer que fiquemos, neste tempo, entre os perigos dos últimos dias, na nossa própria força infinita... É nosso privilégio andar à luz da Sua presença, e entretecer, no carácter que estamos a formar, os áureos fios da alegria, do reconhecimento, da paciência e do amor. Podemos assim mostrar o poder da graça divina, e reflectir luz celeste por entre todas as irritações e todos os enfados que nos sobrevêm dia a dia... Então, porque vamos tropeçando, sem luz? ... O nosso trabalho é abrir a porta do coração e deixar Jesus entrar. Ele bate pedindo entrada... Abrireis a porta? Jesus está à porta do vosso coração. Deixai-O entrar, o Hóspede Celeste.” (*A Nossa Alta Vocação*, pág. 350, parág. 1, 5)

Ouviram isto? “O nosso trabalho”! Abrir a porta e deixá-l'O entrar é a coisa mais simples de se fazer – nós apenas dizemos que sim. Mas, depois, prosseguimos o nosso caminho e começamos a fazer aquelas coisas que sempre fizemos, e apercebemo-nos de que nos esquecemos e que voltámos a colocá-lo fora do nosso coração. Então, pedimos perdão e voltamos a abrir-Lhe a porta. Desta vez isso dura mais ou

menos cerca de cinco minutos, e, de seguida, alguém nos aborrece, e nós gritamos com essa pessoa; tomamos consciência disso e dizemos: Bom, Ele está cá dentro, mas eu não estou a permitir que Ele diga o que quer que seja – continuo a mantê-l'O num canto, fora do meu caminho. Isto é trabalho! Vai demorar o resto da nossa vida para o conseguirmos realizar, mas vale *tanto* a pena! Em breve, vamos compreender que estamos a cooperar com Ele e que novas coisas estão a acontecer, e isso é algo muito entusiasmante.

Para os diferentes tipos de pessoas existem também diferentes formas de bater. Tomemos em consideração, por exemplo, a nossa subsistência. É logo na infância que começamos a pensar no que queremos fazer com a nossa vida. As pessoas costumam perguntar: “O que queres ser quando cresceres?” O que torna este assunto verdadeiramente embaraçante é se, tal como Wen, estamos há já dois ou três anos na Faculdade e ainda não sabemos. Ou, como Andrea, até nem vamos para a Faculdade e arranjam um emprego no qual não nos sentimos assim tão realizados como gostaríamos. Jesus ainda tem planos para nós. Ele não Se limita a bater apenas uma vez sem voltar a importar-Se connosco. Ele tem todo o tipo de grandes idealizações para a nossa vida. Se nos unirmos com Ele, estaremos aptos para reconhecer quando algo tão simples como um anúncio na televisão ou uma oportunidade de emprego que surge na nossa área de residência pode muito bem ser da Sua parte uma batida na nossa porta. À medida que crescemos n'Ele, crescemos também no conhecimento que vamos tendo de nós mesmos, especialmente enquanto

peças individuais que somos e diferentes umas das outras. Perguntar-Lhe-emos acerca de qual o propósito com que Ele nos criou e seremos capazes de ouvir as respostas.

A Porta, uma protecção

A principal questão à qual procuramos responder durante esta Semana de Oração, que se apresenta com maior ênfase espiritual, é: “Como é que Jesus sabia quem Ele era? Como é que Lhe ocorreu que Ele era uma porta?” Pergunto-me se uma das formas de Jesus saber isto acerca de Si próprio tinha que ver com o Ele encontrar-Se na posição de alguém cuja função era a de proteger. Essa é uma das principais coisas que uma porta faz – proteger algo que está de um lado da porta daquilo que está do outro lado dessa mesma porta.

Nesta história relatada em João, Jesus tinha curado o homem cego e, de seguida, este homem foi praticamente escorraçado da Sinagoga, pois continuava a dizer que tinha sido Jesus quem o tinha curado! Os Fariseus contestavam dizendo que Jesus não poderia ter o poder para curar a cegueira, pelo que o homem simplesmente respondeu: “Ouçam, eu não sei nada acerca disso. Tudo o que sei é que eu era cego e agora posso ver!” Então ficou impaciente e falou de uma forma bem clara e directa aos Fariseus, pelo que estes o insultaram, dizendo-lhe que a sua vida estava carregada de pecado desde que nascera, e expulsaram-no da Sinagoga.

Quando Jesus tomou conhecimento disso, como nos é dito em João 9:35, saiu ao encontro deste homem. Jesus sabia que ele precisava da Sua intervenção protectora. O homem e a sua família devem ter-se sentido confusos. Ali estavam eles – naquele que deveria ter sido o dia mais feliz da sua vida – um

grande milagre tinha sido feito em seu favor, e eles tinham sido escorraçados da Sinagoga! Vamos ver o que Jesus disse ao homem. (Leia os versículos 35-38 ou peça a alguém que o faça.) Jesus escolheu procurar este homem e encorajá-lo, assim como aos seus pais, pelo seu intermédio. Foi quase como se Jesus tivesse fechado estes furiosos líderes da Igreja do lado de fora e, por outro lado, tivesse fechado o homem e a sua família do lado de dentro, onde era seguro.

Foi precisamente depois deste episódio que Jesus contou a história das ovelhas e da porta e que Ele referiu ser a porta e ainda que as Suas ovelhas conheciam a Sua voz, não obedecendo a mais ninguém senão a Ele. Isto também é algo bom. E se aquele homem tivesse dado ouvidos aos líderes da Sinagoga e tivesse baixado a sua cabeça como que em acordo relativamente ao quão má pessoa ele era? Ele continuaria a ser capaz de ver, mas teria perdido algumas das bênçãos que tinham recaído sobre ele. No entanto, em vez disso, ele permaneceu firme em Jesus e no que ele sabia ter sido feito em seu favor. A sua fidelidade foi amplamente recompensada quando Jesus Se encontrou com ele fora da Sinagoga e lhe revelou que Ele era de facto o “Filho do Homem”. O homem cego, que podia agora ver, tornou-se numa das poucas pessoas mencionadas nos Evangelhos que, na verdade, adoraram Jesus como o Messias durante a Sua vida aqui na Terra.

Jesus é a Porta. A Porta que conduz à segurança. Será que nós já passámos por essa porta?

Ele permanece também à porta do nosso coração. Já permitimos que Ele entrasse?

Logo que tenhamos respondido a estas duas perguntas, coloca-se uma terceira questão. Será que existem formas de nós podermos ser portas ou guardiões de portas?

Há uma história muito interessante sobre portas e seus guardiões de que já ouvimos falar centenas de vezes, mas sobre a qual, provavelmente, nunca se pensou dentro deste contexto. É relatada em quase todos os Evangelhos. Vamos atentar no relato que aparece em Mateus 19:13, 14. (Leia os versículos ou peça a alguém para o fazer.) De que história se trata? Certo – é aquela história em que Jesus abençoa as crianças. E o que é que esta história tem a ver com os guardiões de portas?

O Salmo 84 é um salmo realmente espectacular. Proponho que o leiam do princípio ao fim quando tiverem essa oportunidade. Há um verso em particular ao qual vamos prestar atenção. Mantenham a Bíblia aberta no capítulo 19 de S. Mateus e vejam o que é dito no Salmo 84, no versículo 10. O que é que acham que isto significa?

Um guardião de portas não deveria ser uma pessoa importante nem de uma posição muito elevada, pois não? Provavelmente, ele até seria tido como um servo de uma condição bastante humilde. Um porteiro é apenas alguém que permanece ali e, durante todo o dia, abre e fecha a porta àqueles que entram e saem. O salmista diz que sente tanto prazer em estar na casa de Deus que prefere ser um modesto porteiro do que viver noutra sítio qualquer, de uma forma mais desafogada e com muitas mais riquezas, mas entre ímpios.

Eu gostaria de ser um porteiro como aquele.

Porém, há pessoas que tomam sobre si a responsabilidade não só de abrir e fechar a porta da casa de Deus, mas também de decidir quem é que entra e quem é que deve ficar do lado de fora. Muitas pessoas julgam saber tudo sobre quem é suficientemente bom para vir à Igreja, ou sobre quem se veste razoavelmente bem, ou ainda sobre quem tem atitudes boas o suficiente para que Deus as ame.

E isso traz-nos de volta ao comentário do Professor Ellison sobre o facto de o versículo de Apocalipse 3:20 se aplicar no contexto da Igreja de Laodicéia. Será que já alguma vez impedimos, ou será que estamos a impedir, a entrada do Senhor da Luz nas nossas congregações, ao vedarmos a entrada àqueles que são considerados “os menores destes”?

Voltando a Mateus 19, notamos que os discípulos pensavam que sabiam quem é que devia ver Jesus. Jesus estava cansado e ocupado e, além disso, estava a tornar-se numa pessoa famosa e importante. De todos os lados vinham pessoas para O ouvir. E quanto mais importante Ele se tornava, mais importantes os discípulos se tornavam. Ou pelo menos eles assim pensavam. Quando algumas mães se dirigiram a Jesus trazendo-Lhe os seus filhos para que os abençoasse, os discípulos tentaram fazer com que fossem embora dali. “Saíam daqui! O que é que vos faz pensar que o Mestre tem tempo para vocês?”

Eles estavam a ser guardiões de portas, mas de uma forma negativa. Eles julgavam que sabiam quem é que era suficientemente importante para receber a atenção de Jesus. Se tivesse sido um chefe da Sinagoga, ou uma pessoa rica, ou até um soldado romano, a ir ter com Jesus, eles não os teriam

mandado embora! Mas crianças e mulheres? Isso era outra coisa!

Será que já nos cruzámos com pessoas assim?

Bom, os discípulos tinham uma surpresa à sua espera. Eles não eram a porta. Jesus era a porta e Ele estava prestes a lembrá-los acerca disso. “Não impeçam as crianças de vir a Mim! Deixem-nas vir!” Isto era Jesus a ser novamente a porta de protecção. Possivelmente, as mães e as crianças começaram a voltar para as suas casas, tristes, sentindo-se envergonhadas e pedindo desculpa por terem incomodado o Grande Mestre. Mas não por muito tempo. Jesus sorriu e estendeu os Seus braços e, como sabemos, estas crianças correram para Ele. E também as suas mães foram encorajadas e confortadas.

Sem proferir qualquer palavra, Jesus acabara de dizer: “A Minha porta está fechada ao orgulho e a um espírito ajuizador e às pessoas que pensam que têm poder e autoridade. Mas está completamente aberta para os que são humildes e inocentes, que não julgam serem merecedores de Mim, mas que, mesmo assim, querem estar perto de Mim.”

Mas Ele não Se deixou ficar por aqui. Ele continuou, dizendo: “O reino dos Céus é formado por pessoas como estas criancinhas!” Isso demonstrou-se uma surpresa. Assim, estes *seriam* os VIP do reino de Cristo, um reino em que os valores sociais se mostravam completamente opostos aos da sociedade da época. Se os discípulos (na altura ou agora) pudessem actuar como portas, deixariam de fora as pessoas certas e permitiriam que entrassem as pessoas erradas. Dessa

forma, o Céu seria precisamente como esta Terra em desordem, e quem é que quer isso?!

Se Jesus é a Porta, como é que nós podemos ser guardiões de portas? Será que abrimos completamente a porta congratulando todos os que querem entrar? Pensamos saber quem é que Deus pode ou não amar e aceitar? Será que as pessoas se sentem seguras, protegidas e bem-vindas quando estão perto de nós?

Este é um princípio básico que devemos manter em mente: Se Jesus Se abriu o suficiente para *nos* incluir, quem somos nós para decidir se qualquer outra pessoa não é aceitável?

Abramos a porta do nosso coração.

Passemos pela porta de Jesus.

E vivamos como uma porta aberta para os outros.

QUESTÕES PARA DEBATE:

1. Quais são algumas das coisas que Jesus tem impedido que entrem na tua vida, ajudando-te a sentires-te seguro?
2. Quais são algumas formas através das quais Jesus tem aberto portas na tua vida, fazendo-te sentires-te livre?
3. Qual é uma das formas através da qual, este mês, Jesus tem batido à porta do teu coração?
4. Partilha uma experiência relativa a um momento da tua vida em que não te sentiste bem-vindo. O que é que aconteceu? O que é que farias de diferente?
5. De que formas és uma porta aberta? De que formas manténs a porta fechada? Como é que sabes quando deves abrir a porta e quando a deves fechar?

2º PRINCÍPIO IDENTIFICADOR DA VIDA – Porque Jesus é a minha Porta, eu posso ser um porteiro, dando as boas-vindas aos que se juntam à família de Deus.

3

JESUS DISSE: “EU SOU O PÃO DA VIDA!”

Debonnaire Kovacs

TOPO

(João 6:35)

Eu não devia estar boa da cabeça! – pensou Andrea. *Como é que eu pude pensar que iria ter tempo, mesmo sem estes três pestinhas a “ajudar”?*

– Posso girar? *Por favor!*” – Adam, o seu filho de 10 anos de idade, encontrava-se praticamente aos saltos com tanto entusiasmo.

– Não! Eu! – choramingava Jeanie, a sua filha de 7 anos. – És *sempre* tu o primeiro!

Até a pequena Minnie, que não fazia a mais pequena ideia sobre o que é que se estava a passar, gritava: – Eu! Eu!

– Estejam calados! – gritou Andrea e, como que por milagre, todos sossegaram. – Minnie, senta-te aqui e certifica-te de que esta taça não sai do sítio, mas *não mexas* nas pedras quando elas estiverem a girar! Percebeste? – Minnie anuiu avidamente, de onde se encontrava sentada, no canto em cima do balcão, porém Andrea disse: –Adam, vigia-a como um falcão. Jeannie,

www.4tons.com.br

Pr. Marcelo Augusto de Carvalho

podes ser tu a primeira a rodar. Posiciona-te aqui em frente – desta forma – para não esforçares somente um dos lados do teu corpo.

Com uma expressão de extrema concentração, Jeannie começou a fazer girar a grande manivela. – *Isto é difícil!* – exclamou.

– Sim, é verdade – concordou Andrea – mas agora imagina como é que a mãe de Jesus tinha de fazer isto, apenas com duas grandes pedras achatadas. Lembras-te do desenho que vimos?

Andrea, inspirada – tinha quase a certeza disso – pelos fanáticos da saúde, das dietas orgânicas e *veggans* com quem lidava todos os dias no trabalho, tinha acabado de adquirir uma máquina de moer grão manual e um medidor graduado para despejar os grãos de trigo lá para dentro. A cozinha tornava-se num local sossegado e carregado de concentração à medida que todos, até Minnie – com as mãos de Andrea por cima das suas por alguns instantes – se revezavam, fazendo girar a manivela, e observando enquanto uma fina e leve farinha acastanhada saía por entre as duas mós achatadas que roçavam uma na outra. Parecia mesmo magia.

Quando as crianças compreenderam quão árduo este trabalho era, obviamente que deixaram de suplicar pela sua vez de ajudar. Andrea depressa percebeu que não seria necessário tornar-se sócia num daqueles ginásios caros para realizar um exercício corporal completo dos seus membros superiores. Ela chegou mesmo a ficar ofegante e teve de parar de quando em vez para descansar.

– Não estás contente por não teres que fazer este trabalho da mesma forma como era feito nos tempos da Bíblia? – perguntou Jeannie.

– Quem? Eu? – retorquiu Andrea. – Como filha, terias de fazer esse trabalho todo!

– Comigo não seria assim – disse Adam presunçosamente. – Eu estaria na rua a realizar as tarefas que competiam aos homens.

– Sim, sim, como arar a terra para plantar este trigo! – respondeu Andrea, com um sorriso.

Levou-lhes quase uma hora para moerem farinha suficiente para fazer massa que dava para dois pães. Depois, acrescentaram-lhe fermento, uma pitada de sal e de azeite, um pouquinho de mel e água morna. As crianças envolveram tudo com uma grande colher de pau até que aquela massa pastosa se tornou demasiado dura para eles. Então Andrea continuou a misturá-la, até que também ficou demasiado dura para ela. De seguida, despejaram tudo para cima da bancada da cozinha.

Esta foi a parte de que todos gostaram. Dividiram a massa em quatro porções e todos a amassaram e rebolaram e lhe bateram com os punhos. Por vezes acrescentavam-lhe um pouco mais de farinha quando a massa se tornava pegajosa. Fizeram o seu melhor para evitar que Minnie comesse demasiada massa da porção que lhe tinha sido dada. Por fim, colocaram as suas três macias e esponjosas bolas de massa e o pedacinho, já cinzento, de Minnie em diferentes recipientes, com os seus nomes em cada um deles, e levaram-nos para um local com uma temperatura agradável, para que levedassem. E,

sem que ninguém se apercebesse disso, Andrea colocou uma nova bolinha de massa na taça de Minnie.

Adam bateu com uma mão na testa. – Ufa! – exclamou. – Sinto-me mesmo feliz por não ser um grão de trigo!

Andrea riu-se. – Acabaste de sujar a cara com farinha, aqui. – Ela limpou-lhe a cara com uma toalha e todos se dirigiram para o lava-loiça para tentar tirar os restos de massa das mãos e de debaixo das unhas.

– Porque é que estás feliz por não ser um grão de trigo? – perguntou Jeannie.

– Bem, imagina lá! Primeiro, és jogado no chão e coberto com terra, e és regado e tudo o mais. Depois ficas todo entufado e rebentas para te abrires, o que penso que iria doer, se o trigo pudesse sentir alguma coisa. Depois pequenas raízes e folhas começam a despontar e aquilo que era um grão de trigo torna-se numa linda e grande planta. Essa parte, provavelmente, deve ser gira, balançar ao sabor da brisa e sob a luz do Sol.

– A menos que apareça uma toupeira – acrescentou Andrea, e Adam fez uma cara esquisita, enquanto as irmãs se riam.

– Então vem uma grande máquina que te deita abaixo! – continuou Adam. – És colocado dentro de todo o tipo de máquinas para que se separe todo o trigo de todas as folhas e de todas as outras coisas – chama-se a isso palha, certo?

– Certo. As pessoas usam-na para proteger o solo ou para compor as malhadas dos animais. Serve para esse género de coisas.

– Depois és embalado e colocado na estante de uma loja, e, precisamente no momento em que pensas que a pior parte já passou, as pessoas despejam-te dentro de um moinho e

trituras-te e fazem todas as coisas que nós fizemos hoje. Finalmente cozem-te num forno a escaldar!

– E, de seguida – referiu Jeannie, esfregando a mão no seu estômago, – comem-te! Hhuumm!

– *Realmente* acho que não gostaria de ser um grão de trigo! – concordou Andrea. – E ainda bem que os grãos não conseguem sentir nada!

Jesus: o Pão da Vida

Até este momento já falámos acerca de duas declarações feitas por Jesus, introduzidas pela expressão “Eu Sou”. Primeiramente, Ele disse que era a luz do mundo, a qual era ofertada a todos os habitantes da Terra. Depois ficámos a saber que Jesus disse que Ele era a porta, e que não nos é possível entrar no Reino dos Céus senão através d'Ele. É quase como se a luz se assemelhasse a uma iluminação de rua que nos alumia onde quer que estejamos, mostrando-nos, assim, o caminho para a porta, e depois fosse como a luz de um átrio que nos ilumina de forma a conseguirmos chegar até junto de Jesus. Temos então de fazer uma escolha. Vamos escolher entrar através da única Porta Verdadeira, ou vamos voltar para trás, ou tentar entrar de uma outra forma?

Uma vez que escolhamos entrar na porta verdadeira e viver a nossa vida em comunhão com Jesus – e isto significa não só entrar pela Sua porta como também abrir-Lhe a porta do nosso coração – há algo que, então, Ele faz primeiramente, antes de fazer outra coisa qualquer. Vamos atentar novamente para Apocalipse 3:20 para descobrir do que se trata. (Leia o versículo, ou peça a alguém que o faça.) Então, o que é que Jesus faz em primeiro lugar? Certo – Ele alimenta-nos!

É surpreendente como é fácil esquecermo-nos deste passo. Nós pensamos: “Tudo bem, sou uma nova pessoa em Jesus, e agora Ele vai guiar-me e eu vou segui-l'O. Mas, vamos ver. O que é que Jesus faria primeiro? É isso, eu sei! Ele sairia em auxílio daquela pessoa!” E lá saímos, enquanto Jesus permanece na cozinha a chamar-nos: “Olha, esqueceste-te de algo! Vamos comer primeiro, para que tenhamos energia suficiente para trabalhar!”

Talvez, nalguma ocasião, possa já ter-se dito que ninguém iria esquecer-se de tal coisa na sua vida física do dia a dia; porém, actualmente, a vida corre tão apressada que muitas pessoas saem para o trabalho, para a escola, ou para qualquer outro local para onde tenham de se dirigir, sem tomar o seu pequeno-almoço. Talvez alguns de nós tenham feito isso esta manhã. Isso não é lá muito bom e também não o é no que respeita à nossa vida espiritual.

(Nota para o pregador: Passe algum tempo a conversar com o seu grupo acerca deste capítulo, analisando os parágrafos que se seguem, mas reservando algum tempo, se possível, para se comentar e discutir o assunto.)

Afirmações surpreendentes!

Hoje vamos estudar um capítulo da Bíblia realmente muito interessante. Vamos abrir as nossas Bíblias no Evangelho de João, no capítulo 6. No dia anterior aos acontecimentos relatados neste texto bíblico, Jesus alimentou uma multidão onde se encontravam cinco mil homens. Agora, numerosas multidões seguem-n'O para todo o lado, mas não porque reconheçam que Ele é o Messias. Na verdade, e como podemos ler nos versículos 25 e 26, estas pessoas nem sabem bem se

devem ou não crer n'Ele. (Leia o texto ou peça a alguém que o faça.) Jesus não está a deixá-las ir embora sem lhes ensinar algo, ou está? Vamos ler o verso 27. Aqui, vemos que Jesus está a tentar desviar o assunto sobre as coisas terrenas para o assunto relativo às coisas celestiais. Durante um pouco de tempo, Ele prende a atenção de pelo menos algumas daquelas pessoas. Elas perguntam-Lhe: *Que faremos, para executarmos as obras de Deus?* (Versículo 28). Qual é a resposta que Jesus dá, que encontramos no verso 29? É precisamente a mesma que lemos ontem na citação da Sra. White! Ela disse que o nosso trabalho era abrir a porta, e nós sabemos que, por vezes, isso é mais fácil de se dizer do que se fazer. Jesus diz aqui que o nosso trabalho é *crer*, que é outra forma de dizer, ainda que por outras palavras, a mesma coisa, certo? Aquelas pessoas, aparentemente, pensaram que este era um assunto demasiado complexo. E concentram-se de imediato no seu estômago, que sempre podem ver e sentir.

Solicitam-Lhe, então, um sinal miraculoso de modo a provar que Jesus é quem Ele Se diz ser. (Não sei de quantos milagres é que estas pessoas pensam que precisam!) No versículo 31, elas sugerem que o maná seria uma boa opção. Imaginem só – não se moeria mais trigo, não se cozinaria mais, apenas comida fácil que se poderia apanhar do chão. “Sim, Jesus, isso seria espectacular. *Assim* de certeza que iríamos acreditar em ti!” (Sim, porque ontem nós não acreditámos em Ti...)

Uma vez mais, Jesus tentar chamar a sua atenção para as coisas de Deus. Vamos ver o que o texto dos versículos 32 a 37 nos diz. (Leia ou peça a alguém para o fazer.) Jesus está a ser bem explícito, não está? Não que se trate de um assunto

simples! Alguns cristãos devotos vivem toda a sua vida a tentar compreender mais e mais claramente o que significa “comer Jesus”.

Obviamente, as pessoas argumentam. Jesus diz que Ele é o juiz do seu coração, e elas murmuram entre si: “Quem é que Ele pensa que é?” Jesus pede-lhes que parem com os murmúrios e, nos versos 46 a 48, Ele repete a sua reivindicação ainda mais afincadamente: “Eu sou o pão da vida, eu sou o único pão da vida, vocês não conseguem chegar a Deus senão através de mim, e vice-versa.”

De acordo com o que o texto bíblico nos diz no verso 52, o povo contesta as palavras de Jesus de uma forma ainda mais brusca. “Mas do que é que Ele está a falar? Nós não podemos comê-l’O!”

Jesus torna-se ainda mais insistente. Nos versículos seguintes, Ele diz que, se não comermos a Sua carne e não bebermos o Seu sangue, morreremos eternamente, mas que, se o fizermos, viveremos para todo o sempre. E mais à frente, nos versículos 61 a 65, Jesus explica mais evidentemente o sentido das Suas palavras. Tão pateticamente como parece, as pessoas estavam a agir como se elas de facto pensassem que Ele Se referia a comerem-n’O com um garfo e uma faca. No verso 63, Jesus diz: *O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita: as palavras que eu vos disse são espírito e vida.*

Agora compreendemos! Comer Jesus significa mastigar as Suas palavras, digeri-las, torná-las parte de nós, da mesma forma que o pão se torna numa parte de nós depois de o comermos!

É precisamente aqui que tem lugar uma das coisas mais importantes deste capítulo, quem sabe mesmo uma das coisas mais importantes da vida de Jesus. Atentemos no versículo 66. (Leia ou solicite a alguém para o fazer.)

Conseguimos imaginar? Este é um momento decisivo na vida ingrata daquele que era o Messias. Que instante doloroso para Jesus, que amava estas pessoas, mesmo contestadoras como o eram. Mas, acima de tudo, que momento triste para elas! E quão triste para nós hoje se decidirmos virar as costas a Jesus. É demasiado duro. Ouvir as palavras ditas por Jesus é uma coisa. Lê-las por alto é simples.

Mastigá-las?

Digeri-las?

Viver de acordo com elas?

Isso é difícil!

Valerá a pena fazê-lo?

Todos nós, assim o espero, estamos a escolher responder sim. Todos nós vimos *alguma* luz (nunca ninguém a viu na sua totalidade – é demasiado deslumbrante!) e encontrámos a porta e entrámos, e agora estamos sentados, prontos para comer com Jesus. Na verdade, esta Semana de Oração é como uma refeição partilhada – como um banquete em que tomamos juntos uma refeição, mastigando as palavras de Jesus. Tal como em qualquer festa, cada pessoa está a comer um pouco de uma comida diferente, escolhendo as coisas que mais querem, digerindo-as da mesma maneira que o *seu* corpo digere. Não nos podemos esquecer de que não devemos optar apenas pelas coisas de que gostamos. Deixemos que Jesus

recomende as verdades de que necessitamos também, da mesma forma que precisamos de comer legumes e vegetais!

Como responder ao Seu apelo?

Então aqui estamos nós! Entrámos pela porta e Jesus deseja que comamos com Ele. Quais são algumas das formas através das quais podemos fazer isso? Claro, a primeira ideia que nos vem à mente é o estudo da Bíblia. Mas existem vários modos de o fazermos. Podemos adquirir um livro de estudo ou de cariz devocional, ou um conjunto de estudos bíblicos sobre um assunto no qual estejamos interessados. Certifiquemo-nos tão somente de que lemos a Bíblia, e não apenas o livro acerca daquele assunto sobre o qual queremos saber mais! Retirar todo o nosso alimento espiritual a partir daquilo que ouvimos as outras pessoas dizerem acerca das palavras de Jesus é como comer comida de bebé, que já foi triturada e parcialmente digerida. Esse tipo de alimento é bom para os bebés e também pode ser benéfico para os cristãos recém-convertidos, desde que a pessoa que está a conceder o alimento esteja verdadeiramente a alimentar com as palavras de Jesus e não com um qualquer “substituto adocicado”. Nem todo o alimento que é macio é bom para os bebés!

Contudo, logo que possível, os novos cristãos necessitam de aprender a ler por si mesmos, estudar a Bíblia, compreender *porque* é que acreditam naquilo em que acreditam e até a ser capazes de explicar isso mesmo. Logo, a melhor coisa que têm a fazer é ler a própria Bíblia. Também existem diversas formas para o fazer. Eis aqui três dessas formas:

1. Começar pelo livro de Génesis e ler até ao último livro da Bíblia. Poderíamos pôr em prática o plano de leitura da Bíblia

num ano, o ano bíblico Porém, muito honestamente, será muito mais proveitoso (se estivermos preparados para algum alimento sólido e, por vezes, difícil de digerir) se, em vez desse, optássemos por um dos planos de leitura da Bíblia em três anos.

Fica ao critério de cada um. Por vezes há algumas vantagens em ler-se a Bíblia mais depressa e verificar como é que as diferentes partes se encaixam umas nas outras. Na verdade, existe até um plano de leitura da Bíblia em 90 dias, que algumas pessoas apreciam imenso. É um bom começo, especialmente para aqueles que não tiveram ainda a oportunidade de a ler do princípio ao fim. Devemos iniciar o estudo da Bíblia com uma oração e lê-la, depois, com a consciência de que Jesus está ao nosso lado a inspirar-nos a compreendê-la. Novamente devemos orar e, de seguida, falar ou escrever acerca daquilo que aprendemos. Essa é a parte da digestão.

2. Escolher diferentes livros da Bíblia e estudá-los bem, um de cada vez, ou escolher um assunto que nos interesse e usar uma concordância para procurar todas as passagens bíblicas em que esse assunto é tratado, estudando-as em conjunto. Este é, provavelmente, o método do “alimento mais sólido”. Temos de estar preparados para seguir no encalço de versículos que se assemelham uns aos outros, e para orar acerca de alguns textos bíblicos que parecem contradizer-se uns aos outros, e para fazer muitas perguntas difíceis a Deus. Deus gosta imenso disso! Este é o ponto em que começamos verdadeiramente a digerir a palavra de Deus e a torná-la parte da nossa vida.

3. Ao reflectirmos sobre uma determinada passagem da Bíblia, há ainda uma abordagem de quatro simples passos que se acha útil e que se traduz no seguinte: Escolher um local tranquilo e orar para que Deus nos fale – a nós – pessoalmente durante esse período de meditação.

a) Ler: Podemos ler essa passagem várias vezes seguidas, pedindo que o Espírito Santo chame a nossa atenção para um versículo ou pensamento, ou mesmo para uma palavra que se mostre de particular relevância para nós.

b) Reflectir: Tomemos algum tempo para pensar nesse versículo, nesse pensamento, ou nessa palavra, perguntando a Deus qual o aspecto da nossa vida a que esta passagem se aplica.

c) Responder: Submetamos esse aspecto da nossa vida à influência de Deus e concedamos-Lhe total liberdade para que Ele faça o Seu trabalho em nós.

d) Descansar: Confiemos que Deus irá fazer o Seu trabalho e agradeçamos-Lhe por isso.

Em qualquer um destes métodos, é importante lembrarmo-nos de que não comemos sozinhos. Nós comemos mais e melhor em grupos. Estudemos a Bíblia com amigos ou num pequeno grupo. Estudemo-la com os outros elementos da nossa classe bíblica e da nossa classe da Escola Sabatina. Busquemos o auxílio de Cristãos experientes que nos dêem a segurança de serem pessoas consagradas e prestáveis e que evitem dar-nos todas as respostas.

E sabes que mais? Estás a crescer! Não saberemos como é que isso aconteceu, nem sentiremos isso a acontecer,

precisamente da mesma forma como, enquanto crianças, não nos apercebemos de como é que, repentinamente, as nossas roupas deixaram de nos servir. Seremos um exemplo para os outros mesmo sem nos termos proposto a isso, e as pessoas perguntar-nos-ão o que é que estamos a fazer, e nós responderemos: “Estou a ler as palavras de Jesus, e não vais acreditar no que eu aprendi esta semana!”... e podemos prosseguir partilhando com elas o que aprendemos, a menos que elas não queiram que o façamos. Nesse caso, devemos calar-nos e orar e simplesmente amá-las em cada oportunidade que nos for dada para o fazer. Não há um “és obrigado a comer” na mesa de Deus.

Antes de pensarmos que estamos prontos, seremos aqueles Cristãos experientes que os outros terão como exemplo e a quem estes farão perguntas. Enquanto isso nos fizer sentir que não estamos à altura e nos fizer perceber de que precisamos de buscar o auxílio de Deus, estaremos no caminho certo.

Eis aqui duas citações retiradas dos escritos da Sra. White acerca deste assunto: “Não basta conhecermos e respeitarmos as palavras das Escrituras. Precisamos compreendê-las, estudando-as diligentemente. ... Os Cristãos revelarão a intensidade com que fazem isso pelo saudável estado do seu carácter espiritual. Precisamos de conhecer a aplicação prática da Palavra à edificação do nosso carácter individual. Devemos ser templos santos, em que Deus possa viver, andar e actuar. Nunca devemos procurar elevar-nos acima dos servos que Deus escolheu para fazerem a Sua obra e honrarem Seu santo nome. 'Vós todos sois irmãos.' Apliquemos esta Palavra à nossa própria pessoa, comparando uma passagem com outra.

Na nossa vida diária, perante os nossos irmãos e perante o mundo, devemos ser vivos intérpretes das Escrituras, honrando Cristo ao revelarmos a Sua mansidão e a Sua humildade de coração. Comendo e assimilando o pão da vida, revelaremos um carácter simétrico. Pela nossa unidade, e considerando os outros superiores a nós mesmos, devemos dar ao mundo um vivo testemunho do poder da verdade. (...)

Submetendo-se inteiramente a Deus, comendo o pão da vida e bebendo a água da salvação, os homens crescem em Cristo. O seu carácter compõe-se daquilo que a mente come e bebe. Por meio da Palavra da vida, que eles aceitam e à qual obedecem, tornam-se participantes da natureza divina. Então Cristo, e não o homem, é exaltado.” (*Exaltai-O*, Meditação Matinal, CPB, 1992, página 97).

Ao jantar, Andrea reparou que Adam estava muito pensativo. Ela observou-o, mastigando o pão – que tinha que admitir que estava muito melhor do que qualquer outra coisa que ela alguma vez tinha tentado cozer no forno – com a testa franzida.
– O que se passa, Adam?

Lentamente os seus olhos voltaram a focar-se à medida que regressava de onde quer que tenha estado. – Eu estava apenas a pensar acerca do que disse há pouco sobre o não querer ser um grão de trigo. Se calhar não seria assim tão mau.

Isto ia ser mesmo interessante. – A sério? O que queres dizer?

– Bom, eu recordo-me de algo que li na classe bíblica ainda não há muito tempo – e que dizia que, a menos que um grão de trigo seja atirado para a terra e morra, não pode produzir fruto. Eu pensava que isso não fazia qualquer sentido. Se o grão morre, então também não vai produzir fruto, certo? Mas depois,

hoje, enquanto imaginava que um grão de trigo podia sentir e pensar, percebi que se de facto o pudesse fazer, esse grão *sentir-se-ia* como se tivesse morrido, não é? Ali completamente enterrado no escuro, e a ter de rebentar para se abrir, e tudo o resto...

– Acho que tens razão – disse Andrea. – Na verdade, sendo um grão de trigo, ele tem de deixar de o ser para poder existir.

Ela mal podia esperar para partilhar isto com Wen. Ele iria gostar imenso. Talvez os pensamentos profundos de Adam viessem a ser incluídos num dos trabalhos escolares de Wen. Não seria espectacular? Ela própria poderia nunca vir a frequentar a Faculdade, mas estava determinada a que os seus filhos tivessem essa oportunidade, especialmente Adam – o Pensador.

– Sim, é isso. Então, depois, ele passa por todas aquelas fases difíceis de que falei anteriormente e, em todas elas, pensa que dessa vez está mesmo a morrer, até que, por fim, é comido. – Adam deu a sua última dentada no pão e limpou os dedos às calças.

Andrea franziu automaticamente o sobrolho e aguardou. Até Jeannie, em vez de interromper ou de se pôr a tagarelar, estava a ouvir.

Adam mastigou o pão juntamente com os seus pensamentos, e sorriu repentinamente. – E depois torna-se humano!

– Humano?! – gritou, surpresa, Jennie.

– O quê? – perguntou, espantada, Andrea. Adam conseguia sempre surpreendê-la.

– Sim! Não percebem? Eu acabei de comer aquele pedaço de pão e, agora, ele está aqui em baixo, no meu estômago, a ser

envolvido pelos ácidos estomacais, sendo desfeito e espalhado pelo meu corpo e... *puff!* Como que por magia, transforma-se em sangue, ossos e músculos.

– Magia! – repetiu Jeannie.

Andrea sorriu. – E em células cerebrais! Bem pensado, gênio!

Minnie bateu com a sua colher na mesa e gritou: – Bem *penxado, géino!*

E terminaram a refeição a rir uns com os outros.

Grãos de trigo

Se Jesus é o Pão da Vida, talvez nós possamos ser pequenos grãos de trigo semeados por Ele. Talvez Ele possa ensinar-nos a dar-mo-nos pelos outros, sabendo que, pela Sua graça e pelo Seu poder, seremos transformados em algo melhor do que alguma vez poderíamos ter imaginado. Se o pão alimenta, preenche e até conforta e faz com que as pessoas se sintam em casa, então podemos perguntar-nos: “Será que nós aquecemos e alimentamos os outros? Tentamos alimentá-los e preenchê-los com as palavras de Jesus? Será que os ajudamos e alimentamos com as Escrituras que já conhecemos, se eles se sentem fracos e subalimentados, e depois os deixamos comer por si mesmos à medida que ficam mais fortes?”

Eis aqui mais uma citação da Sra. White:

“A vida gasta com o próprio eu é como o grão que se come. Desaparece, não aumenta. Um homem pode juntar tudo o que puder para si mesmo, pensar e planejar para si; mas a sua vida passa e ele nada tem. A lei do serviço do eu é a lei da destruição de si mesmo.” (*O Desejado de Todas as Nações*, PSerVir pág. 531)

Jesus deu tudo de Si mesmo. Ele caiu e morreu, mas levantou-se novamente ainda mais grandioso. O Seu sacrifício multiplica-se cada vez que um dos Seus filhos se dá também pelos outros. Então, um dia, Deus fará uma grande colheita e todos comeremos à mesa de Deus.

QUESTÕES PARA DEBATE

- 1. Já viveste alguma experiência na tua vida em que pareceu que estavas a ser enterrado vivo ou esmagado por circunstâncias dolorosas? Achas que pode ter havido algum tipo de resultados positivos?**
- 2. Lembraste-te de alimentar o teu corpo esta manhã? O que é que comeste? Lembraste-te de alimentar a tua alma? Com o que é que a alimentaste?**
- 3. Qual achas que foi a intenção de Jesus quando Ele disse para comermos a Sua carne e bebermos o Seu sangue? Sê tão específico quanto possível. Comeste e bebeste Jesus?**
- 4. De que formas é que, ultimamente, alguém se deu por ti? Como é que vais agradecer a essa pessoa?**

3º PRINCÍPIO IDENTIFICADOR DA VIDA – Porque Jesus é o Pão da vida, eu posso ser um grão de trigo, oferecendo-me a mim mesmo para alimentar outros com a Sua Palavra.

4

JESUS DISSE: “EU SOU O BOM PASTOR!”

Debonnaire Kovacs

TOPO

(João 10:11, 14)

Era uma sexta-feira à noite, na grande igreja da Faculdade, e algumas pessoas, tanto estudantes, como habitantes das redondezas, tinham-se reunido no salão de convívio, para assistirem a um pequeno vídeo e conversarem. Uma estudante missionária, chamada DeeDee, fez uma introdução, explicando que se tratava de um vídeo que ela própria tinha feito num país do Médio Oriente, onde ela e a sua amiga Ann tinham trabalhado como voluntárias durante um curto período de tempo. A qualidade da imagem não era lá muito boa, mas mesmo assim o vídeo era espectacular. Wen inclinou-se para a frente no seu lugar, mastigando as pipocas sem as saborear, olhando fascinado para a tela de projecção.

A acção desenrolava-se nas redondezas de uma grande cidade, com a comum e surpreendente contiguidade de casas e blocos de apartamentos, antigos, brancos e em forma de quadrado, retirados dos tempos do profeta Jeremias, mas com ar

condicionado nas janelas, antenas, carros e soldados que carregavam metralhadoras. O mais estranho, porém, era o que estava a ter lugar nos limites da cidade.

Tal como Wen imaginava que pudesse ter sido há mil anos, ali estava um enorme rebanho de ovelhas errantes. Eram centenas delas, assemelhando-se a um grande, e maioritariamente branco, novelo de lã. As ovelhas andavam e corriam de um lado para o outro, e a atmosfera circundante preenchia-se com *bééé's* e *mééé's* e balidos. À volta do rebanho encontravam-se vários Beduínos cobertos com túnicas, vestidos mais ou menos da mesma forma como os seus antepassados dos tempos em Jesus viveu ali na região.

– Aperceber-te-ias daquilo? Uma vara de madeira de pastor! – murmurou o seu amigo Josh.

– É verdade... fantástico, não? – sussurrou Wen.

Logo de seguida, os pastores começaram a fazer alguns sons que ecoaram sobre as ovelhas dispersas e irrequietas. Colocaram as mãos na boca e emitiram uns gritos estranhos. Seriam palavras? Ou apenas chamados? Wen não fazia a mais pequena ideia.

Então aconteceu algo espantoso. As ovelhas, que até ali tinham andado às voltas, todas juntas e misturadas, e quase sempre no mesmo sítio, começaram a movimentar-se em diferentes direcções. Algumas empurravam-se umas às outras, seguindo na direcção do homem que se encontrava mais perto da porta do redil. Outras abriam caminho na direcção do pastor que se encontrava mais afastado dessa porta. Havia ainda outras que corriam noutras direcções no sentido de se dirigirem a um terceiro ou quarto pastor.

Os homens continuaram a chamá-las e as ovelhas dividiram-se distintamente. Ouviu-se um balido agudo e a câmara girou para captar a imagem de uma cria que se tinha perdido da sua mãe. Ouviram-se alguns risos no salão de convívio quando a cria pulou – como se tivesse molas debaixo dos seus pés – acima das outras ovelhas, para este e para aquele lado, balançando-se preocupadamente em círculos, com gritos desaforados.

– Ó, que coisa triste! – alguém comentou.

Mas demorou apenas 10 segundos até que uma grande ovelha se separasse do rebanho e mãe e cria voltassem a estar alegremente reunidas. Correndo ao lado da sua mãe, o cordeiro apressou-se para alcançar a segurança do seu próprio rebanho.

E assim, de um grande e único ajuntamento de ovelhas formavam-se agora quatro rebanhos. Cada um desses rebanhos lutava e esforçava-se por estar o mais próximo possível do seu pastor. Os homens começaram a andar, afastando-se da cidade para procurar pastagens. Nem uma só ovelha sequer seguiu, ainda que acidentalmente, o pastor errado. O filme terminou, e acenderam-se as luzes. As pessoas ali presentes recostavam-se nas cadeiras e exclamavam: – Aquilo foi tremendo! Como é que elas sabiam? A cria era tão engraçada!

Ann tomou a palavra. – Se pensam que foi espectacular e estão aqui, imaginem se tivessem estado lá! Este pequeno vídeo não expressa realmente toda a – toda a... Não sei o que o dizer.

– Espectacularidade! – completou DeeDee. – Foi simplesmente espantoso! Perguntei-me várias vezes como é que aquelas ovelhas sabiam qual a voz que deviam seguir.

– Elas têm vindo a ouvir a voz do seu pastor desde o dia em que nasceram. – respondeu Wen de livre e espontânea vontade.

Uma jovem juntou-se à conversa. –Eu penso que aquelas ovelhas até tinham medo das outras vozes. Se outro pastor tentasse levá-las consigo, não creio que elas o seguissem.

– Pergunto-me se aquela cria ainda não conhecia bem a voz do seu pastor!? – indagou alguém. – É como se a mãe soubesse qual era o pastor ao qual se devia dirigir, mas a cria conhecesse apenas a sua própria mãe.

– Sim – concordou DeeDee. – Mais tarde a cria também virá a conhecer a voz do pastor, mas por enquanto ela apenas tem de seguir a sua mãe.

Ouviu-se a voz de uma criança. Wen viu que Andrea e os seus filhos estavam lá. – Pergunto-me quanto tempo é preciso até saberem seguir o pastor por si mesmas!?

– Aposto que é até deixarem de mamar e passarem a comer sozinhas. – disse Andrea.

– Sim, mas até isso é surpreendente – indicou Ann. – As ovelhas têm apenas alguns meses de vida quando são desmamadas, e logo nesse instante elas começam a saber seguir o pastor. E nós, que idade precisamos nós, seres humanos, de ter para começar a ouvir por nós mesmos a voz do Bom Pastor?

– Uma vez mais – respondeu Wen pensativamente – talvez isso tenha também que ver com a comunicação. O que eu quero dizer é que tudo aquilo que os cordeiros têm realmente de saber é que devem permanecer junto do rebanho. Mas, em relação a nós, isso tanto pode ser bom como mau.

Várias vozes se ouviram concordando vivamente.

– Que tipo de trabalho está a nossa igreja a realizar no sentido de ajudar a ter a certeza de que todo o rebanho está a seguir Jesus e nenhuma outra pessoa? – perguntou Josh.

– E em que medida é que deveria isso ser com a consciência de cada um? – questionou DeeDee, e a discussão enveredou por caminhos mais complexos.

Depois de alguns minutos de debate profundo acerca da individualidade, da pressão de grupo, do pensamento de grupo, e da salvação pessoal, Andrea, com um ar pensativo, disse: – Há aqui ainda um outro assunto complexo. Não se trata *apenas* de conhecer a voz do Pastor e ser capaz de ir contra a corrente ou contra a multidão e alcançá-lo. Isto é, quando aquelas ovelhas chegaram ali junto do seu pastor, não atingiram de imediato as pastagens, certo? Ele tem de as guiar, talvez durante um longo caminho. Elas não têm somente de ir ter com ele ao amanhecer. Elas têm de o seguir durante todo o dia, e de descansar quando ele assim o ordena, e de prosseguir caminho quando ele o diz, talvez até de subir montanhas e sabe-se lá mais o quê, tudo isto para encontrar a erva e a água de que necessitam.

– E, de preferência, esforçar-se por não escorregar pelos penhascos abaixo. – acrescentou Wen.

– Sim – prosseguiu DeeDee – e depois, à noite, têm de o seguir de regresso a casa!

– E começar tudo de novo no dia seguinte – referiu Josh.

– Bem, tudo o que eu tenho a dizer é que é extraordinário termos um Pastor bom e paciente! – disse Andrea com um sorriso pesaroso.

Jesus: o Bom Pastor

Hoje vamos recapitular uma passagem que já começámos a estudar – aquela em que Jesus diz que Ele é a porta. Abram as vossas Bíblias no livro de João, no capítulo 10 e no verso 11. (Leia ou peça a alguém para o fazer.) O que é que significa isto de o bom pastor dar a sua vida pelas suas ovelhas?

Nos nossos dias, em quase todo o mundo, as pessoas que têm rebanhos e manadas resguardam os seus animais em locais protegidos com vedações. Estas pessoas tomam conta do gado, usando tractores e até helicópteros. Mais do que isso, nenhuma delas tem de se sentar e permanecer todo o dia junto de um rebanho para o vigiar e para afugentar os animais selvagens, ou de guiar os animais até diferentes locais para os alimentar, e depois até um regato para lhes dar de beber. Nenhuma delas tem de construir um pequeno dique com pedras, para que as ovelhas tenham um local com água parada de onde possam beber, uma vez que estas não apreciam beber água corrente. Nenhuma delas tem de as levar de regresso a casa à noite, contar uma a uma, e, com as suas próprias mãos, tratar de quaisquer ferimentos que possam ter. Certamente que nenhuma dessas pessoas dorme com elas, deitando-se ao longo da porta do redil, de forma a que nenhum predador se aproxime durante a noite sem a acordar! Nós nem sequer conseguimos conceber a ideia de viver a nossa vida *com* os nossos rebanhos e as nossas manadas da mesma forma como os pastores faziam noutras épocas do passado.

Nenhuma pessoa *conseguiria* fazer todas estas coisas, pois os rebanhos e as manadas são enormes, constituídos por milhares de animais, e, muitas vezes, os pastores, ou as

peessoas que administram os ranchos, nem sequer sabem se perderam alguns dos seus animais até que os agrupam e contam uma ou duas vezes por ano. Eles tratam dos animais através de portas ou corredores construídos com armações de metal, de forma a poderem abatê-los ou fazerem com que se alimentem numa gamela com medicamentos próprios para os meteorismos (doenças do gado provocadas pelo excesso de gases que dilatam o seu estômago). Na verdade, é interessante pensar até que ponto o nosso método moderno de criar os animais é mais parecido com o do bom pastor das histórias de Jesus ou com o mercenário que foge e deixa os animais entregues aos seus próprios cuidados!

De qualquer modo, nem sempre conseguimos retirar todas as lições que uma passagem como esta pode ensinar-nos. Jesus está a falar de um Pastor como aqueles que apareciam no filme – um Pastor que conhece pessoalmente cada uma das Suas ovelhas, e que cuida de cada uma com as Suas próprias mãos. A Sra. White, no Século XIX, ainda viveu numa época em que a maioria dos rebanhos eram pequenos e em que os pastores cuidavam deles como se fazia no tempo de Jesus. É desta forma que ela descreve o bom pastor:

“A vida do pastor é uma vida cheia de perigos. Se ele é um pastor de confiança, então não estará desatento nem preocupado com a sua própria segurança, mas sairá, no meio da tempestade e da tormenta, a procurar a ovelha transviada. Talvez venha a encontrar a ovelha perdida escondida na fenda de uma rocha, sem conseguir encontrar o caminho de saída. Ela sente-se assolada por perigos vindos de todos os lados. O bom pastor não se dirige a ela bruscamente, censurando a

pobre ovelha assustada, mas fala-lhe com um tom de voz piedoso, suave e cativante, de forma a que a ovelha siga a sua voz quando a ouvir, a menos que se encontre presa entre as rochas ou emaranhada nas silvas. Desta feita, a única forma de o pastor conseguir encontrar a ovelha é seguindo os balidos de angústia que o errante animal emite em resposta ao seu chamado. E quando o bom pastor encontra a ovelha perdida, ele coloca o fraco animal transviado sobre os seus ombros e leva-o de volta ao redil, regozijando-se a cada passo.” (Youth's Instructor, 28 de Abril, 1886, parágrafo 5).

Poderíamos falar durante muito tempo acerca das diversas formas mediante as quais, todos os dias da nossa vida, Jesus faz estas mesmas coisas por nós. Evidentemente, porém, a forma mais importante através da qual Ele veio procurar a Sua ovelha perdida, aquela sem a qual tudo o resto deixaria de fazer sentido, teve lugar quando Ele veio a esta Terra.

É como se o pastor estivesse a transformar-se numa ovelha de modo a poder falar directamente ao seu rebanho e, assim, as ovelhas poderem compreendê-lo. Não conseguimos imaginar como era o Céu, tal como as ovelhas não podem imaginar o que seria viverem em casas, comerem com talheres de prata e usarem computadores. Mas Jesus abdicou de tudo, tornou-se num ser humano com um corpo que se sentiu cansado, sujo e com fome, conviveu com pessoas que foram maliciosas para com Ele e que disseram coisas falsas a Seu respeito, quando tudo o que Ele estava a tentar fazer era amá-las, e, no fim, Ele permitiu que elas O torturassem e matassem!

Poderíamos dizer que todo este planeta estava perdido e emaranhado nos arbustos espinhosos do pecado. Não só não

fomos capazes de nos libertar a nós mesmos, como também nos habituámos de tal forma a viver nas sarças e nas pedras que julgámos ser essa a nossa vida normal. Argumentámos e lutámos quando Jesus tentou salvar-nos, tal como uma pessoa que está a afogar-se e que fica tão em pânico que, ao lutar, quase faz com que também o salva-vidas se afogue. Bem, os nadadores-salvadores são ensinados a como imobilizar as pessoas se tiverem necessidade de o fazer para as poderem salvar. Talvez hoje, aqui, tenhamos entre nós alguns nadadores-salvadores. (Pode fazer uma pausa para se fazerem alguns comentários se assim o desejar.) Acredito que, algumas vezes, Jesus sentiu vontade de imobilizar alguns dos Fariseus ou alguns dos Seus discípulos quando eles insistiam que Ele estava errado e que eles estavam certos!

Mas só podemos fazer isso se tivermos a certeza absoluta de que a pessoa realmente quer ser salva. Jesus não forçará a vontade de nenhuma pessoa que *insista* efectivamente para que Ele Se vá embora e a deixe sozinha. Imaginemos tão-somente como é que Jesus Se sente quando tem de Se afastar e deixar alguém que Ele ama lá no cimo do penhasco, envolto em espinhos, prestes a cair e a morrer, e a recusar voltar para casa com Ele!

Jesus disse algo mais acerca de ser o Bom Pastor. No livro de João, no capítulo 10, Ele repete esta afirmação duas vezes, e, em cada uma delas, Ele acrescenta algo. Da primeira vez que o disse, Ele referiu que o Bom Pastor dá a Sua vida pelas Suas ovelhas. A segunda vez que o declara encontra-se no verso 14. E o que é que Ele acrescenta agora? (Leia ou peça a alguém que o faça.)

É precisamente como o vídeo que o grupo de pessoas da nossa história viu. Costumava ser um facto real, e continua a sê-lo hoje em dia em relação aos rebanhos pequenos. As ovelhas podem ser bem ingênuas, mas elas têm a capacidade – se lhes for dada a oportunidade – de aprender em quem confiar e em quem não confiar. É como os nossos animais de estimação. Os nossos cães e os nossos gatos conhecem a nossa voz? Iriam eles atrás de qualquer pessoa que os chamasse, ou teriam medo, ou seriam até agressivos? Claro, tal como as pessoas, isso depende do animal de estimação e da sua personalidade.

Ovelhas? Ajudantes de pastor? Ou ambas as coisas?

A verdadeira questão que se coloca é: “Conhecemos nós a voz de Jesus? Seguimo-l'O para onde quer que Ele nos guie, ou escolhemos seguir o nosso próprio caminho? E se Jesus é o Pastor e nós somos as ovelhas, poderá ser também verdade que nós próprios, de alguma forma, somos pastores?”

Vamos atentar para alguns textos na Bíblia. Será que alguém poderia procurar Números 27:16-21, enquanto outra pessoa procuraria Isaías 63:11 e, por fim, uma terceira pessoa abriria a sua Bíblia em Ezequiel 43:8? (Peça a essas pessoas que leiam os seus textos.) O que é que estas passagens dizem acerca das pessoas enquanto pastores? Será que Deus é o único Pastor, ou será que, por vezes, os seres humanos também o são?

No texto de Números, Deus está a instruir Moisés acerca de preparar Josué para que este lidere os Israelitas depois da sua morte. O texto não nos diz isto especificamente, mas Moisés era mais que claramente um pastor do seu povo. Na verdade,

Deus tinha treinado Moisés durante 40 anos como o pastor actual, a fim de o preparar para liderar aquela multidão indisciplinada. E Moisés deu a sua vida por aquelas pessoas, e, como recompensa pelos seus esforços, foi injuriado e alvo de censura. Agora estava a aproximar-se do fim da sua função enquanto pastor e rogou a Deus por um bom líder, um que entrasse e saísse adiante do povo e que o liderasse como um pastor. Deus disse a Moisés que era sobre Josué que recaía a Sua escolha. Ele tinha uma ENORME recompensa para Moisés pelos seus anos de serviço, mas Moisés ainda não o sabia.

Isto significa que as pessoas podem ser pastores das ovelhas de Deus. E podem ser bons pastores... ou maus pastores!

Os textos de Ezequiel e de Isaías falam acerca de maus pastores. Eles aparecem nas profecias dadas por Deus, insurgindo-se contra os sacerdotes e os reis de Israel e de Judá. Estas foram pessoas a quem Deus, o Grande Pastor, incumbiu com a tarefa de cuidar das Suas ovelhas, e que não realizaram o seu trabalho da forma como deveriam! Não só estes pastores falharam em proteger as ovelhas dos ladrões e dos salteadores, como, por exemplo, os reinos da Síria e da Babilónia, como também, algumas vezes, cooperaram eles próprios *com* esses ladrões e salteadores!

No Novo Testamento, Jesus disse a Pedro para apascentar as Suas ovelhas, e tanto Pedro como Paulo escreveram cartas à Igreja sobre como se ser um bom líder, ou pastor. Provavelmente, a maioria de nós saberá que a palavra *pastor* (de Igreja) deriva do conceito *pastagem*, mas penso que temos a tendência para nos esquecermos deste aspecto. Pensamos que um bom pastor (de Igreja) é apenas um bom pregador, e

talvez um bom administrador. E depois questionamo-nos por que motivos é que o pastor (de Igreja) não consegue realizar todos as incumbências que lhe atribuímos. É suposto o pastor (de Igreja) ser um pastor de ovelhas, caminhando lado a lado com as pessoas que formam a congregação, cuidando delas, ouvindo-as, derramando o óleo do Espírito Santo sobre as suas feridas espirituais, procurando-as quando perdem a noção do caminho que deveriam ter seguido.

Bons pastores de ovelhas

E quanto a nós? Se queremos ser pastores das ovelhas de Deus, será que isso significa que cada um de nós tem de ser um pastor de uma igreja? Ou, quem sabe, um mestre? Ou será que qualquer pessoa pode ser um pastor de ovelhas?

Vamos tentar descortinar as respostas a estas perguntas, determinando precisamente o que é que um bom pastor (de ovelhas) faz.

1. Ele conhece as suas ovelhas pelo nome. Ele sabe tudo acerca de cada uma delas, quando é que têm um casco ferido ou quando é que precisavam de comer uma erva específica, ou quando é que se sentem cansadas e precisam, por vezes, de ser carregadas ao colo. Conhecemos assim tão bem os nossos amigos? Somos capazes de reconhecer quando é que precisam de um ouvido que os ouça ou de um ombro sobre o qual possam chorar?

2. Um bom pastor guia as suas ovelhas. Nós não somos os guias dos nossos amigos. Nem mesmo os pastores (de Igreja) são esse tipo de líderes. Deus é o líder. Mas todos nós exercemos alguma influência. Será que seguimos o Pastor e usamos a nossa influência para encorajar outros a fazer o

mesmo? Ou será que, em vez disso, seguimos os nossos amigos, e acabamos por cair no meio de arbustos que nos prendem?

3. Um bom pastor protege as suas ovelhas. Será que nos recusamos a permitir que , na nossa presença, alguém seja atormentado, alvo de injúrias e de calúnias? Sabiam que segundo um estudo realizado em 2000, 74% dos homens interviriam no sentido de prevenir um ataque sexual sobre uma mulher?* *Setenta e quatro por cento?! Isso é aterrador. Cem por cento das pessoas, quer do sexo masculino, quer do sexo feminino, deveriam estar desejosas de intervir numa situação como a relatada acima, mesmo que essa intervenção passasse somente por marcar o número nacional de emergência! O mesmo estudo revelou que apenas 83% dos homens indicaram ainda respeitar os desejos das suas esposas no que tem que ver com a actividade sexual. Os Cristãos necessitam de liderar o caminho quer nesta quer em qualquer outra forma de mostrar respeito, cortesia e cuidado uns pelos outros. E se, neste processo, tivermos que colocar a nossa própria vida em perigo?*

4. Um bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas. Jesus deu a Sua vida por nós de formas que nós nem sequer conseguimos começar a imaginar. Seguimos a Sua liderança e esforçamo-nos por amar aqueles que nos rodeiam mesmo quando essa é uma tarefa difícil e perigosa? E se isso for simplesmente inconveniente? Planeamos fazê-lo “algum dia”? “Algum dia” nunca chegará.

Vamos finalizar com uma citação de Ellen White relativamente a este assunto dos bons subpastores:

“É deste modo que o verdadeiro Pastor trata o pecador perdido. Ele vai atrás dele; não hesita perante o perigo, a negação do Seu eu e o Seu próprio sacrifício. Ele está decidido a trazer a alma sob o fardo do pecado ao arrependimento, à salvação, à paz, ao descanso e à felicidade que encontra no amor do seu Salvador. E é privilégio de todo aquele que experiencia o amor de Jesus no seu próprio coração pensar se não existirá alguém que, pelo seu esforço pessoal, pelo seu tacto cuidado e pela sua bondade, ele possa trazer a Jesus, que está pronto e ansioso por aceitar todos aqueles que venham a Ele. Todos nós podemos realizar grandes obras mediante o nosso esforço pessoal. Podemos ser cooperadores de Jesus Cristo. Irá a família (da Igreja) ver o que pode fazer no sentido de procurar e de salvar as ovelhas perdidas?” (Youth’s Instructor, 28 de Abril, 1886.)

QUESTÕES PARA DEBATE

- 1. Como é que aprendeste a reconhecer e a ouvir a voz de Jesus?**
- 2. Partilha uma experiência sobre um momento da tua vida em que pensaste estar a ouvir a voz de Deus mas acabaste por descobrir que afinal não era a Sua voz. O que é que fizeste? Qual foi o resultado? O que é que aprendeste com essa experiência?**
- 3. Como é que podes saber se estás a aprender a ouvir a voz de Jesus por ti mesmo?**
- 4. Partilha algumas formas através das quais alguém te tem ajudado a cuidar da tua alma.**

5. Quais são algumas das formas através das quais gostarias de ajudar a cuidar de outras pessoas? Podes formar na tua igreja um grupo de cuidadores de almas, no sentido de os elementos desse grupo poderem encorajar-se uns aos outros?

4º PRINCÍPIO IDENTIFICADOR DA VIDA – Porque Jesus é o meu Pastor, eu posso ser uma ovelha que O segue fielmente, bem como um pastor auxiliador, ajudando-O a cuidar das outras ovelhas.

**Fonte: A Vitimização Sexual de Mulheres Universitária, Fisher BS, Cullen FT & Turner, MG (2000); Departamento de Justiça dos Estados Unidos da América.*

Citado em http://www.luc.edu/wellness/sexassualt_men.shtml

5

JESUS DISSE: “EU SOU O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA!”

Debonnaire Kovacs

TOPO

(João 14:6)

Wen já estava a começar a ficar frustrado. – Eu sei que é mais ou menos por aqui! Experimenta virar ali à esquerda, na próxima rua.

Josh revirou os olhos. – Estou prestes a desistir disto! Tens a certeza de que é neste bairro?

– Afirmativo! – insistiu Wen. – E, além disso, eu prometi-lhes que viríamos hoje para o serviço de voluntariado. Eles estão à espera de uma grande multidão de pessoas por causa desta vaga de frio intenso, e precisam de ajuda para registar as pessoas que vão ficar aqui no refúgio.

– Bom, então e porque é que não perguntaste que direcções devíamos seguir para chegar lá?

Wen colocou uma expressão na cara. – Esse é o cerne da questão. Eu arranjei as indicações, mas depois esqueci-me de as trazer comigo. Apercebi-me disso assim que saímos do

dormitório, mas tinha a *certeza* de que conseguiria lembrar-me delas!

Jesus: o Caminho, a Verdade e a Vida

Uma vez que tenhamos visto a Luz do mundo, e que ela nos tenha guiado até à Porta do Reino de Deus, e que Jesus tenha começado a alimentar-nos com o Pão da Vida, e a cuidar de nós e a proteger-nos enquanto o nosso Bom Pastor, *então* é este o momento certo de caminharmos juntos com Ele. Não antes, mas só então!

A nossa declaração “Eu Sou” de hoje encontra-se em João 14:6. Podem abrir as vossas Bíblias? Esta parte do Evangelho, que começa no final do capítulo 13 do Livro de João e que se estende até ao capítulo 17 do mesmo Livro, é aquela que relata a história da última noite que Jesus passa na companhia dos Seus apóstolos. Eles acabaram de tomar a Última Ceia em conjunto, e acção narrada nestes quatro capítulos desenrola-se a caminho do Jardim do Getsémani e também no próprio jardim. Os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas apenas dizem algo como: “E pelo caminho falou-lhes acerca de muitas coisas.” João, porém, recordou as palavras ditas por Jesus e escreveu-as para que as pudéssemos ler. Podemos alegrar-nos verdadeiramente com isso, pois algumas das coisas mais importantes que Jesus ensinou ao longo de todo o Seu ministério terrestre estão contidas nestes capítulos. Ele sabia que iria deixar os discípulos em breve e queria certificar-se de que eles relembrariam algumas lições essenciais de que viriam a precisar, a fim de poderem ir e pregar o Evangelho com a presença do Espírito Santo, em vez de terem consigo a presença física de Jesus.

O Caminho

Provavelmente seremos capazes de dizer de cor os primeiros versículos deste capítulo. (Pode fazer uma pausa e tentar dizê-los, se assim o quiser. Experimente ver se o grupo consegue dizer os primeiros três versos em conjunto, começando com “Não se turbe o vosso coração.”) Os dois versos seguintes já não são assim tão bem conhecidos. Jesus prossegue com o Seu discurso dizendo aos discípulos que eles conhecem o caminho do local para onde Ele vai.

Isto apresenta-se-lhes como uma grande surpresa. Provavelmente, Tomé dá a voz por todos os discípulos quando, em perplexidade, se dirige a Jesus e diz: *Senhor, nós não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho?*

Qual é a resposta de Jesus? (Leia os versos 6 e 7, ou peça a alguém para o fazer.)

A questão é que nós já ouvimos e lemos isto tantas vezes, em todos os sítios possíveis e imaginários, desde sermões até postais ou marca-páginas, que acabamos por não ouvir estas palavras de Jesus da mesma forma que os discípulos as ouviram. Imaginemos que um amigo nosso nos diz: – Vou-me embora!

– Está bem! – respondemos.

– E tu sabes o caminho do local para onde eu vou. – acrescenta o nosso amigo.

Empalidecemos. – Eu nem sequer sei para onde é que vais, como é que posso saber o caminho?

E o nosso amigo olha para nós e diz-nos: – Eu *sou* o caminho.

Acredito que, muito provavelmente, a nossa resposta seria algo muito semelhante à resposta dos próprios discípulos: “O quê?”

O que é que Jesus está a querer dizer quando refere que Ele é o caminho, acrescentando depois: *Ninguém vem ao Pai senão por mim?* Muitos acreditam, como vimos anteriormente, que isso significa que nenhuma pessoa consegue alcançar o Céu senão aquelas que literalmente, e empregando muitas palavras, dizem: “Eu creio em Jesus, aceito a Sua morte pelos meus pecados e agradeço-Lhe por me conceder o dom da vida eterna.” Mas nós sabemos que, no Reino de Deus, irão estar muitas e muitas pessoas que nunca ouviram sequer falar de Jesus (muitas pessoas do Antigo Testamento, só para começar; isto para não mencionar que muitas pessoas haverá que *disseram* de facto estas palavras, mas que *não* entrarão no Reino de Deus, pois nunca chegaram verdadeiramente a conhecer ou a seguir Jesus!). Então, a verdade deve ser bem mais profunda e poderosa do que aquilo.

O que é que significa uma pessoa *ser* o Caminho?

Bem, quais são algumas outras palavras que traduzem a ideia de “caminho”? (Permita que as pessoas sugiram algumas delas.) Trilho, estrada, atalho, vereda, auto-estrada, etc.. Mas há ainda outras formas de se empregar a palavra. Ela pode traduzir uma forma de se fazer algo, ou uma forma de se ser, ou uma forma de se viver. Se alguém disser “Vai por este caminho”, essa pessoa pode estar a querer dizer “Segue nesta direcção”, ou pode querer dizer “Imita fisicamente esta maneira de andar!” A qual destes dois contextos estava Jesus a referir-Se?

Será que Ele não estava a referir-Se a um e a outro? Ele estava a dizer: “Segue na direcção em que Eu estou a ir. Permite que a tua vida aponte cada instante para o alto, sempre na direcção do Céu, do amor e de Deus. Esta forma de viver pode tornar-se tortuosa e repleta de tempestades, mas irá *sempre* seguir-Me! Não sigas noutra direcção e não corras no sentido dos teus próprios desejos e vontades, ou no sentido do ódio, do egoísmo e do orgulho. E se te aperceberes de que, nalgum ponto do trajecto, fizeste um desvio e te perdeste, dá a volta! (Sabes, é isso que significa “arrepender-se”: dar a volta.) Segue comigo novamente, em direcção ao Céu.”

E Ele estava também a dizer: “Imita a forma como me vêes caminhar. Enquanto permaneces aqui, à espera que eu volte (e vai demorar bem mais tempo do que aquilo que julgas!), usa as mãos que eu te dei para abraçar, para trabalhar em prol dos outros, para ajudar, para realizar actos de bondade. Usa os teus pés para fazer os recados de Deus. Usa os teus olhos para procurar a bondade e o amor que vêes nos outros e usa a tua boca para encorajar essa atitude. Caminha como Eu.”

É realmente muito importante notarmos que Jesus não disse: “Estou aqui para te mostrar o caminho”, embora estivesse a fazê-lo; Ele não disse: “Estou a dar-vos as indicações, ou estou a ensinar-vos o caminho”, muito embora o tivesse feito. Ele não disse: “Vou ajudar-vos a encontrar o caminho”, embora Ele o vá fazer. Ele disse: “*Eu Sou o Caminho!*” Há uma diferença! Se tudo o que fizermos for ler acerca de Jesus, tentar fazer o que Ele fez e tentar viver como Ele viveu, isso é bom! Isso é muito melhor do que a alternativa! Mas não é o mesmo que caminhar *em* Jesus, deixando-O *ser* o nosso

caminho. A forma como vivemos ou andamos, não importa quão saudável ela seja, não é o que nos salva. Jesus é que nos salva. Ele é o Único que nos pode salvar. E ele é Aquele que irá salvar aquelas pessoas que nunca terão ouvido o Seu nome até ao momento em que chegarem ao Céu. Quando elas tomarem consciência do que Ele fez por elas, essas pessoas cairão aos Seus pés e adorá-l'O-ão e louvá-l'O-ão. Todos os que estiverem no Céu irão fazê-lo. Porque Jesus quer que estejamos onde Ele está. Ele assim o disse. E eu, sem dúvida, quero ir para o Céu! E vocês?

A Verdade

– Desculpa, Joe. Sim, amanhã, de certeza. Sim, eu vou cuidar de mim. Desculpa deixar-te neste aperto. – Andrea desligou o telefone e passou a mão pela face. Sentiu-se culpada e envergonhada. Na verdade, ela não estava assim tão doente como tinha dito. Ela podia ter ido trabalhar naquele dia, mas a sua vida estava uma trapalhada. A cozinha estava imunda! Não se conseguia ver o chão dos quartos das crianças e Adam precisava de uma ajuda extra para terminar o seu projecto de Ciências. E ela, de facto, estava com uma dor de cabeça e com *um pouco de dor de garganta*. Ela podia mesmo estar a ficar doente e, apesar de tudo, uma empregada de mesa não deveria expor os clientes aos seus germes. Ela iria trabalhar a dobrar no dia seguinte para compensar.

Quando se virou para recolher os pratos, viu Adam a observá-la e, para tornar maior a sua já imensa vergonha, a culpa que sentia fê-la falar-lhe bruscamente: – Pensei que te tinha pedido para levatares a mesa! Podias ter-me ajudado!

Tanto Adam como Jeannie começaram a ajudar, sem que nenhum deles pronunciasse uma única palavra. Andrea virou-se para esconder as suas lágrimas.

Mais tarde, no fim desse dia, ela sentou-se à mesa com Adam, colocando em cima da mesa o seu cartaz de três dobras, os marcadores, e os diagramas sobre correntes eléctricas. – Adam, não posso acreditar que só tenhas feito isto até agora! Ainda não desenhaste nenhum dos circuitos. Pelo menos já começaste a trabalhar na maqueta?

– Não faz mal, mamã. – respondeu Adam. – A Sra. Winston deu-me mais tempo para fazer o trabalho.

– Mais tempo? Porquê?

– Eu disse-lhe que tu estavas doente e que eu também não estava a sentir-me bem. Ela disse que podíamos trabalhar no projecto durante o fim-de-semana e entregá-lo na próxima Segunda-feira em vez de lho entregar amanhã. – Adam escolheu um marcador de cor azul e debruçou-se sobre o seu cartaz, aparentemente despreocupado, enquanto uma pedra gelada parecia preencher o estômago de Andrea. “*Será que eu acabei de ensinar o meu filho a mentir?*” Ela não conseguia pensar numa única coisa que pudesse dizer, então levantou-se simplesmente e saiu para deitar Minnie, tendo a girar na sua cabeça uma oração que lhe pareceu sem sentido.

Nessa noite, sentou-se na berma da cama de Adam. – Ainda não estudámos a tua lição da Escola Sabatina, e também não temos muito tempo agora para o fazer, mas sabes do que fala, certo?

– Sim, fala acerca do momento em que Jesus foi baptizado e em que Deus disse: “Este é o Meu filho amado, em quem Me comprazo!”

Andrea voltou a sentir os seus olhos ficarem cheios de lágrimas. Estava Deus satisfeito com ela naquele dia?

– Estás a ficar pior, mamã?

Ela respirou profundamente. – Não, querido, a verdade é que eu não estou doente. Pelo menos fisicamente não. Mas sinto-me muito doente no meu coração.

– Sentes? Porquê?

– Porque, hoje, eu menti. Quer dizer, é verdade que eu não me sentia lá muito bem, mas eu não estava realmente doente, e não devia ter deixado o meu patrão ficar sem a minha ajuda à última da hora. Isso foi errado. E depois apercebi-me que permiti que tu também agisses de uma forma errada.

Os olhos de Adam estavam fixos nas suas mãos, enquanto brincava com a ponta do seu cobertor.

– Tu sabes que tens vindo a adiar aquele projecto. Podias tê-lo terminado hoje. – Andrea deixou escapar uma lágrima e limpou-a apressadamente. Ela sempre deu o seu melhor de forma a nunca permitir que os seus filhos a vissem a chorar. – Acho que ultimamente tenho sido uma má mãe. Deus, provavelmente, tem bastante vergonha de mim. Desculpa.

– Adam sentou-se na cama e olhou-a de uma forma séria. – Tu não és uma má mãe! Eu sabia que era errado mentir. Tu não me *obrigaste* a fazer isso!

– Mas também não te ajudei a não o fazeres.

O quarto ficou silencioso por alguns instantes. – Bem – continuou Adam – então o melhor é dizermos a Deus que

estamos arrependidos, não achas? Ele ainda nos ama. Tu estás sempre a dizer que Ele nos ama independentemente do que fizermos.

Andrea deu uma gargalhada tremida. Como as que saem da boca dos bebés. – Tens razão. E julgo que se eu consigo fazer-te desviar do caminho, tu és capaz de me trazer de volta ao trilho certo. Vamos dizer a Deus que estamos arrependidos, e então amanhã acho que terei de falar com Joe e podemos ir os dois falar com a Sra. Winston.

Depois de terem orado, Andrea abraçou o seu filho com muita força. – Gosto muito de ti!

Adam apertou-a contra si ainda mais firmemente. – Tu és a minha mãe amada, em quem eu me comprazo! – declarou, com um sorriso aberto.

No nosso texto bíblico, em João 14:6, Jesus não disse somente que Ele era o Caminho. Ele também disse que era a Verdade. E, mais uma vez, este é um conceito interessante. Como é que uma pessoa pode *ser* a verdade? O que é a verdade? Pilatos fez a Jesus essa mesma pergunta, não muitas horas depois, mas não esperou pela resposta. Jesus tinha vindo a mostrar qual era a resposta a essa pergunta ao longo dos últimos três anos e meio. *Ele* era a Verdade. Ele não apenas disse a verdade, ou demonstrou a verdade, ou descreveu a verdade. Ele era e é a Verdade.

Obviamente, uma das coisas que isto significa é que a história de Jesus e da Salvação é a verdade suprema de todas as épocas. Deus criou-nos perfeitos. Porém, nós pecámos. Então Deus enviou o Seu filho para viver e morrer por cada um de nós. J. R. R. Tolkien afirmou que foi como se a melhor de todas

as fantasias, ou o melhor de todos os contos de fadas, demasiado bons para serem verdade, se tivessem, afinal, tornado realidade! Aleluia! Vamos viver felizes para todo o sempre, ainda que não o mereçamos! Tudo o que temos de fazer é dizer sim e passar pela porta, onde começaremos a viver um tipo de aventura completamente novo e diferente. Uma vida de verdade plena.

Isso é difícil!

Mas é mais do que isso. Na verdade, se fosse apenas isso, então seria impossível. De alguma forma, temos de viver *em* Jesus, que é a verdade. Não sabemos verdadeiramente como é que isso funciona. Mas Deus sabe. Ele envia-nos o Seu Santo Espírito, que, na realidade, é a presença do Pai e do Filho entre nós. Deus providenciou um auxílio divino para que possamos viver a vida da verdade (João 14:15-18, 23). O que nós sabemos é que, uma vez que façamos essa escolha, Jesus começa a abrir os nossos olhos para as verdades que outrora conhecemos, e para as verdades de que não tínhamos ainda conhecimento. Muitas vezes Ele recorre a outras pessoas para que possamos conhecer essa verdade. No caso da nossa história, Deus está a usar Andrea e Adam para que estes possam ensiná-la um ao outro. Já alguma vez aprendemos verdades às quais, por vezes, as crianças nos fizeram chegar tão bem ou melhor do que nós conseguimos fazer em relação a elas?

Nesta história, Andrea sentiu que era ela a pessoa mais reprimível e, num certo sentido, isso era verdade, porque ela era o adulto, a mãe, o subpastor com a responsabilidade de guiar os seus cordeiros até junto de Deus. Mas, mais do que o

seu filho, era também ela quem corria maior risco de se desviar ainda mais do trilho da verdade. Como?

(Conceda algum tempo para que se possa discutir e comentar o assunto.)

Ambos erraram. Ambos mentiram, ambos procrastinaram, e no topo de tudo isto, Andrea, enquanto mãe, usou a sua influência para desviar o seu filho do caminho certo. Ou, pelo menos, ela não prestou atenção àquilo que a sua influência estava a levar Adam a fazer. Se ela tivesse pensado nisso, ela não teria feito aquele telefonema numa divisão da casa onde Adam o pudesse ouvir, correcto? Teria isso sido melhor?

O que é que eles fizeram de acertado? Fizeram algum do trabalho que precisavam de terminar. E, para além disso, Andrea não falou agressivamente quando se apercebeu do erro que tinha cometido. Ela aguardou, e mesmo apesar de ter sentido que a sua oração estava desprovida de forma e de sentido, Deus ouviu-a. Mais importante ainda, ambos reconheceram o seu pecado e confessaram-no. E foi aqui que Adam teve a oportunidade de ajudar a sua mãe. Ela estava convencida de uma ideia falsa com a qual Adam não concordava – ela receava que Deus estivesse desapontado com ela, temia que fosse uma pessoa “má”. Não só se sentia envergonhada de si mesma, mas pensava que também Deus tinha vergonha dela. Já alguma vez dissemos algo parecido com isto a nós mesmos? É isso verdade?

Aqui está a verdade, toda a verdade, e nada mais do que a verdade: *Deus ama-nos a todo o instante, não importa o que façamos!* Ele está à espera de uma atitude – o reconhecimento dos nossos erros e a nossa confissão. Felizmente, durante a

maior parte do tempo, Andrea pensava assim, e ela ensinou isso mesmo aos seus filhos. Aqueles que têm filhos sabem que, por vezes, é mais fácil acreditar que Deus ama os nossos *filhos* sempre, do que crer que Ele nos ama a nós durante todo o tempo. (Excepto quando eles estão a dar-nos cabo da paciência, talvez!) Ela tinha ensinado a verdade aos seus filhos, e, quando ela precisou de a ouvir, essa verdade estava ali para lhe ser transmitida.

Nós somos pecadores, e cometemos erros, e até fazemos coisas erradas deliberadamente, e depois tentamos ocultar esses pecados. Se nos sentimos mal ao praticarmos esses actos errados e tentamos, depois, colocar as coisas em ordem, isso é algo bom. Porém, se permitimos que os nossos erros e pecados nos façam sentir sem valor e envergonhados, e pior ainda, se transferimos esses sentimentos maus que temos acerca de nós para outras pessoas ou para Deus, então estamos numa situação muito pior do que aquela em que já nos encontrávamos. O problema é que não estamos apenas a fazer as coisas de uma forma errada, estamos, sim, a fazer o trabalho de Satanás, o acusador. Isso é terrível!

Jesus disse: “Eu sou a verdade. Ouve-Me. Tu és o Meu filho amado. Eu penso mais em ti do que na Minha própria vida. Eu posso ajudar-te a regenerares-te, e a fazeres coisas melhores, mas não se usares toda a tua energia a depreciar-te e a punires-te.”

Mantenhamos os nossos olhos fixos n'Ele e essa é a verdade, capaz de mudar vidas, que iremos vislumbrar.

Espectacular!

Wen assobiava enquanto entrava no café e se sentava na mesa do costume.

– Com o que é que estás assim tão entusiasmado? – perguntou-lhe Andrea, tirando o bloco de notas do bolso do seu avental.

– Com nada em particular. Simplesmente sinto-me feliz.

– Por alguma razão em especial?

– Queres dizer, para além do facto de este semestre ter terminado e eu ainda estar vivo?

Andrea riu-se. – É razão mais do que suficiente, diria eu!

– Bem, todos estes trabalhos aborrecidos que o Professor Ellison nos deu para fazer parecem estar a dar os seus frutos, embora não me agrada ter de o admitir. Sabes, eu costumava fazer algo como simplesmente *ler* a Bíblia. Era como se se tratasse de um qualquer texto de um livro. Eu pensava que se memorizasse capítulos suficientes, ou fizesse uma lista dos princípios correctos e vivesse a minha vida de acordo com eles, eu estaria no bom caminho. Seria um bom Cristão. Só que isso nunca pareceu funcionar assim dessa forma.

– Acho que percebo o que queres dizer. – Andrea bateu levemente com o lápis no bloco de notas. – É como uma matéria que tens de aprender, sabendo as respostas correctas, como as datas dos presidentes ou as tabelas de multiplicação, ou qualquer coisa do género. Tenho de admitir que sempre pensei que estavas em vantagem também, apenas porque tinhas de frequentar aulas de Teologia.

– Certo! Bom, com toda esta conversa acerca de Jesus *ser* o Pão da Vida, e a Luz, e tudo o resto, eu decidi que tentaria ler a Bíblia como se, de alguma forma, eu estivesse a *ler Jesus*. Isto

é, como se eu estivesse a colocá-l'O a Ele e à Sua vida dentro de mim mesmo, tal como coloco comida dentro do meu corpo. Pedi-Lhe para me mostrar como o fazer. E sabes que mais? Estou a começar a dar por mim a pensar n'Ele ali ao meu lado durante todo o dia. Nas aulas, e em qualquer lugar. Tudo está diferente!” Wen parou e pensou novamente. “Na verdade, nem sei se estou a *agir* de uma forma assim tão diferente. Eu sei que ainda no outro dia me zanguei, e ainda adio certas coisas e arranjo demasiadas desculpas.

Andrea sorriu e sentou-se. – Deixa-me partilhar contigo algo que o meu filho, de apenas dez anos de idade, me ensinou! – Ela contou a história e ficou surpreendida e até um pouco embaraçada por ter ficado novamente com lágrimas nos olhos. – Então, como podes ver – concluindo rapidamente – segundo o meu Adam, é simples! Se erras, tu pedes a Deus que te perdoe, vês se há algo que possas restituir e segues em frente! Não te deitando abaixo por causa disso! Então, o vais querer que te traga hoje?

Ela colocou-se de novo em pé e Wen sorriu-lhe. – Surpreende-me!

A Vida

Na Sua conversa com os Seus discípulos na última noite antes do Seu sacrifício, Jesus, numa só afirmação, fez três declarações “Eu Sou”: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*. Falámos já acerca do *caminho*, e sobre como ele pode ser estreito, e tempestuoso, e sobre como, por vezes, pode ser difícil de se ver, mas, se seguirmos o Pastor, caminharemos sempre em direcção ao Alto. Falámos sobre a *verdade*, e sobre

como é tão mau acreditarmos nas mentiras de Satanás acerca de nós, como o é pecarmos primeiramente. Agora vamos falar acerca da *vida*, e sobre o que ela verdadeiramente significa.

À primeira vista, o significado da palavra “vida” é óbvio. Ela significa que não se está morto. Significa que ainda respiramos, e vivemos e fazemos coisas. Jesus é a fonte dessa vida física, Aquele que, segundo João, criou todas as coisas e sem O qual nada se fez. Porém, quando Jesus diz que veio para dar vida, Ele quis dizer muito mais do que isso. Ele explica o assunto mais completamente noutra passagem que encontramos também no Livro de João, e, acreditem ou não, está naquele mesmo capítulo para o qual atentámos já duas vezes ao longo desta semana. Vamos ver o que nos é dito em João 10:10. (Leia ou peça a alguém para o fazer.)

Então, aqui neste capítulo preciso, Jesus disse que Ele era a Porta, o Bom Pastor, e que veio para dar vida abundante, ou uma vida plena. Diferentes Bíblias apresentam diferentes versões deste mesmo assunto, mas todas incluem uma mesma coisa: Jesus veio para nos dar A Vida Que Vale a Pena Ser Vivida. E Ele não estava a referir-Se nem a riquezas, nem a mansões, nem a iates e viagens à volta do mundo, e nem a toda aquela comida *gourmet* com a qual poderíamos sonhar. Ele referiu-Se à Vida Que Vale *realmente* a Pena Ser Vivida.

Mas o que é esta vida completa, abundante? Vamos ver quais os ingredientes necessários para que vivamos a Vida Plena que Jesus nos oferece.

1. Jesus – Uma vida plena, abundante, é uma vida que coloca Jesus em primeiro lugar. Ele é o centro e o propósito de tudo aquilo que os Seus filhos fazem. Se sabemos que Jesus está a

sorrir-nos, também nós podemos sorrir quando os outros têm um semblante carregado. Se sabemos que Jesus está a mostrar-nos o que devemos fazer a seguir, então não temos que nos preocupar se cometemos um erro. E se cometemos esse erro, sabemos que Ele também nos vai perdoar e ajudar. Se Jesus é a primeira pessoa a quem dizemos bom dia e a última pessoa a quem dizemos boa noite, se Ele é a pessoa a quem damos a prioridade ao planejarmos o nosso dia, encontraremos n'Ele uma fonte intensa de alegria, mesmo em momentos de tristeza e de dificuldade. Uma vida completa contém todos os ingredientes da vida, incluindo a perda, o desapontamento e as lutas. Uma vida plena é praticamente o oposto de uma vida fácil. É, porém, uma vida em que todo o trabalho árduo e todas as lágrimas valem a pena, e é uma vida que não se desgasta pelo sofrimento, mas que percebe que Deus ainda está ali, chorando connosco, e que Ele, um dia, vai recolocar em ordem todas as coisas.

2. Outros – O segundo ingrediente necessário para uma vida abundante e de regozijo é o amor aos outros. Nesta mesma passagem, Jesus diz que é desta forma que as pessoas saberão se nós amamos Deus – pelo simples facto de amarmos os outros. João escreve bastante acerca disso na sua primeira epístola (I João). Ele constata que Deus é invisível. É fácil *dizermos* que O amamos. Se não somos capazes de amar as pessoas que se encontram ao nosso redor, então não estamos realmente a amar Deus. Nesse caso, o que é que fazemos? Voltamos ao ingrediente anterior – colocamos Deus em primeiro lugar. Isso fará com que o amor que existe dentro de nós se torne mais vasto e profundo e iremos aperceber-nos de

que podemos amar até aquelas pessoas que consideramos impossível amar. Isso não significa necessariamente que tenhamos de ser os melhores amigos. Algumas pessoas não são as companhias certas para que se passe muito tempo junto delas. Por vezes, o que de amoroso há a fazer é incrivelmente difícil, e inclui afastarmo-nos do contacto próximo com estas pessoas. Isso significa claramente não julgar as escolhas dos outros! Amá-las significa que queremos o melhor para elas, e que desejamos que também elas venham a aprender a viver no amor e na luz de Jesus.

3. Nós mesmos – O terceiro ingrediente, e este é realmente muito importante, é o amor a nós mesmos. As pessoas têm muitas questões quanto a este conceito. Por norma elas pensam que isso significa fazerem tudo o que querem e viverem a sua vida segundo os seus caprichos e desejos. Como é que isso pode ser amor? Se permitíssemos que uma criança tivesse absolutamente tudo aquilo que ela quer, diríamos que isso é amor? Porque é que pensaríamos que, se nos submetêssemos a nós mesmos, se nos estragássemos a nós mesmos com mimos, se colocássemos os nossos desejos acima de tudo, isso deveria ser chamado amor próprio? Isso não é amor.

Os pais que amam os seus filhos impõem-lhes regras. Eles certificam-se de que os seus filhos comem alimentos saudáveis e de que se deitam cedo. Prestam atenção aos programas que vêm na televisão, limitam o tempo que podem passar na Internet e indicam que sítios é que eles podem visitar. Logo, a terceira pessoa por quem devemos demonstrar

um amor saudável é por nós mesmos. Devemos impor regras sensatas a nós mesmos, alimentar-nos bem tanto física como espiritualmente, e tratar-nos como acreditamos que um amado filho de Deus deveria ser tratado. Isto não apenas *não* nos irá conduzir ao egoísmo, mas é também a única segurança eficaz contra isso mesmo! A pessoa, cujas necessidades emocionais íntimas não estão a ser colmatadas, é alguém que está sempre a tentar obter para si tudo o que conseguir e pode até nem se aperceber do quão egoísta é ou o quanto magoa os outros. Pior ainda, pode nem sequer se importar.

Vamos concluir com mais uma citação de Ellen White: “O tema predilecto de Cristo era o amor paterno e a abundante graça de Deus; demorava-Se muito sobre a santidade do Seu carácter e da Sua lei; e apresentou-Se a Si mesmo aos homens como o Caminho, a Verdade e a Vida. Sejam estes os temas dos ministros de Cristo! Anunciai a verdade como é em Jesus. Explicai as reivindicações da Lei e do Evangelho. Contai ao povo sobre a vida de renúncia e sacrifício de Cristo; a Sua humilhação e morte; a Sua ressurreição e ascensão; a Sua intercessão por eles na corte de Deus; a Sua promessa: 'Virei outra vez e vos levarei para Mim mesmo.' João 14:3.” (*Parábolas de Jesus*, pág. 40).

QUESTÕES PARA DEBATE

1. Estas são algumas das coisas que uma estrada faz: mostrar o caminho, manter as pessoas unidas e permitir o progresso. Como é que podes saber se a tua vida está a realizar estas funções?

2. Por vezes as estradas também precisam de manutenção ou, caso contrário, irão deteriorar-se e encher-se de ervas daninhas. Quais são algumas das formas através das quais podes fazer a manutenção do Caminho de Deus na tua vida?

3. Quais são algumas das coisas que pensas, dizes e fazes que te impedem de ver que és o amado filho, ou a amada filha, de Deus? Quais são algumas das coisas que podes fazer no sentido de manteres essa Verdade continuamente diante dos teus olhos, assim como para revelar o amor de Jesus e ajudar os outros a verem essa Verdade aplicada a si mesmos?

4. No sentido de manter a vida abundante que Jesus prometeu:

a) Quais são algumas formas específicas através das quais demonstras amar Jesus em primeiro lugar?

b) Quais são algumas formas específicas através das quais demonstras, depois, amar os outros?

c) Quais são algumas formas específicas através das quais demonstras amar-te em último lugar?

5º PRINCÍPIO IDENTIFICADOR DA VIDA – Porque Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida, posso trilhar o Seu Caminho, observar a Sua Verdade e partilhar uma vida abundante e completa com aqueles que me rodeiam.

6

JESUS DISSE: “EU SOU A VIDEIRA VERDADEIRA!”

Debonnaire Kovacs

TOPO

(João 15:1)

– Wen! Não vais adivinhar o que eu acabei de fazer! – exclamou Andrea logo que ele entrou no café.

– O que foi?

– Arranjei um novo emprego!

– Arranjaste? Isso é fantástico! Quer dizer – espera! Isso significa que não vais voltar a trazer-me os meus batidos nem vais ajudar-me mais nos meus trabalhos? Como é que eu vou terminar a Faculdade sem a tua ajuda?

Andrea riu-se. – De uma maneira ou de outra eu tenho um pressentimento de que te vais desenvencilhar. Mas não, eu vou continuar a trabalhar aqui, ainda que apenas à noite. Eu desisti do meu trabalho nocturno a limpar escritórios, graças a Deus! Queria contar-te, porque, de certa forma, foi graças a ti. Ou talvez a esse teu Professor Ellison.

– O quê? O que queres dizer?

– Bem, tu sabes, tenho andado a questionar-me: quem *sou* eu verdadeiramente? O que é que *eu* quero ser quando crescer? Apercebi-me de que gosto realmente destas comidas naturais, orgânicas. Sabias que eu comprei um moinho manual para fazer o meu próprio pão? Então, quando aquele viveiro de árvores situado do outro lado da cidade abriu, tentei arranjar trabalho lá. E consegui! Acho que vou gostar bastante de trabalhar ao ar livre. O gerente disse que eu posso até aprender a enxertar as árvores!

– Uau! Estou mesmo feliz por ti! – respondeu Wen. De seguida, porém, ficou com um ar deprimido. – Ainda que isso signifique que outra pessoa irá preparar o meu batido de frutas ao pequeno-almoço.

Foi com grande entusiasmo que Andrea e outros dois empregados se reuniram ao redor de Ed, o proprietário do viveiro, para aprender acerca da tarefa de enxertar árvores. Era um dia frio de um já avançado Inverno e tempo de fazer os enxertos que davam origem às mais populares árvores de fruto que eles vendiam.

– Existem diversas formas de enxertar árvores, e eu vou falar-vos de algumas delas, mas vou ensinar-vos somente aquela que eu prefiro, explicando-vos a razão por que a prefiro. – referiu Ed. – A primeira e mais simples é chamada “enxerto de garfo”. Podem simplesmente fazer uma incisão, num ângulo oblíquo, na parte superior de um rizoma viçoso, fazer depois um corte inclinado – que corresponda ao corte primeiramente feito – no vosso enxerto, unir os dois e atá-los. É rápido e simples, mas não é tão resistente quanto os outros métodos. A “enxertia de chicote e língua” é melhor. Começam por fazer os

mesmos cortes inclinados, mas fazem depois um segundo corte transversal em cada um dos ramos, criando, em cada um, uma “língua” que irá firmar o ponto de junção. Este método é mais resistente, mas o corte pode ser perigoso, porque estarão a cortar na direcção dos vossos dedos. Vou ensinar-vos a enxertia que prefiro, que se chama “enxertia de cavalo”.

Ed mostrou-lhes uma fileira do que identificou como macieiras jovens, embora, para Andrea, parecessem paus mortos, com um pouco mais de um metro, com três ou quatro ramos minúsculos no cimo. Com a sua faca, e lembrando-lhes que as suas facas deviam estar muito bem afiadas, cortou o topo de uma árvore jovem num plano inclinado, e depois voltou a cortá-lo, na direcção oposta, de maneira que apontava para cima como um V aguçado, virado ao contrário.

Andrea não pôde deixar de se arrepiar pela pobre arvorezinha, embora soubesse que era uma tolice. Mesmo que se *pudesse* dizer que uma árvore sentia alguma coisa, Ed já tinha explicado que a enxertia era feita enquanto a árvore estava a dormir, por causa do Inverno. “O tronco de raiz é a planta que é mais forte. Pode aguentar o mau tempo, ou os ataques dos insectos, coisas assim. O ramo que enxertamos, chamado rebento vem de uma planta mais fraca, mas com a força do tronco de raiz dará lindas flores, ou frutos, ou qualquer outra coisa que seja produzido por essa planta em especial. Neste caso, podemos esperar ter uma colheita de maçãs muito melhor!”

Ed tinha trazido uma mão cheia de rebentos, ramos normais cortados da variedade de árvore que ele queria enxertar no topo das jovens macieiras. “O corte no rebento é um pouco mais complicado.” Ele mostrou-lhes como, com muito cuidado,

usar a sua faca afiada para fazer um corte no fim do pequeno ramo, voltá-lo, e cortar na outra direcção. “Têm de ter muito cuidado com os vossos dedos, e ter uma faca afiada.” Numa questão de segundos, ele tinha feito um corte em forma de V na ponta do rebento (ou garfo), que ele encaixou no topo da árvore. Assentava perfeitamente. Pelo menos, Andrea pensava que sim. Ed puxou-o outra vez para fora e fez uma pequena correcção. “Têm de se certificar de que a junção é tão perfeita quanto possível, não torcida, nem apenas parcialmente unida. Só uma união perfeita dará bom resultado.” Ed uniu e atou os dois paus um ao outro com fita de enxertar. “Cada um de vocês pode tentar fazer alguns. As árvores desta fileira não são especialmente valiosas,” acrescentou ele, com um sorriso, “por isso não se preocupem se as matarem. Também tenho facas para vocês. No final do dia, teremos uma aula sobre como afiar facas, que vão achar mais complicada do que o processo da enxertia em si!”

Andrea treinou cortes direitos e limpos num pau sem utilidade; depois, cuidadosamente, fez o seu primeiro enxerto. Levou quase 10 vezes mais tempo do que tinha demorado Ed, mas os outros foram igualmente desastrados no início, e quando ela atou o seu enxerto estava bastante segura de que pegaria.

– Quando é que teremos a certeza? – perguntou ela a Ed.

– Dentro de umas semanas, quando o tempo começar a mudar, as árvores começarão a desenvolver-se. Se vierem aqui ver esta fileira, mostro-vos alguns enxertos do ano passado. – Ed levou-os numa pequena viagem para verem enxertos em várias fases. Mas Andrea continuava a olhar por cima do ombro. Com uma gargalhada, confessou à mulher que estava ao seu lado: –

Gostaria de lhe pôr uma fita colorida, ou outra coisa qualquer, para saber que é a minha árvore! Espero que cresça.

Em casa, nessa noite, enquanto descrevia o seu dia aos filhos, Andrea aconchegava-os ainda com mais carinho do que de costume. Acima de tudo na vida, ela desejava que as suas tentativas de os enxertar em Jesus dessem bom resultado!

Jesus: a Videira Verdadeira

Até este momento já estudámos cinco declarações “Eu Sou”. Vimos que Jesus é uma luz que brilha sobre todas as pessoas, conduzindo-as para a porta que há em Si mesmo e incentivando-as a escolherem entrar. Uma vez que tenhamos entrado, Jesus alimenta-nos com o pão da Sua palavra, tornando-Se depois o nosso Pastor, guiando-nos no Seu caminho, na Sua verdade e na Sua vida. Hoje, vamos atentar para uma outra afirmação que Ele fez naquela última noite, no caminho para o Jardim do Getsémani. Encontra-se em João 15:1-8. Vamos ler juntos esta passagem. (Partilhe a leitura destes 8 versículos.)

Uma vez que saibamos no que consiste o trabalho de enxertia, esta afirmação torna-se muito mais espectacular, não é? Jesus é o rizoma. Um jardineiro escolhe um rizoma pela sua força, pela sua intrepidez perante diferentes condições e pela sua resistência aos insectos e às doenças. Vamos tentar descobrir algumas das formas mediante as quais estas mesmas características são aplicáveis a Jesus.

Jesus tem força. Isto não é nada que nos espante! Não é nenhum segredo que, por nós mesmos, *não* somos fortes. Cada vez que pensamos que fizemos algo acertado, estragamos tudo. O que tentamos fazer, não conseguimos

fazer, e o que estamos determinados a *não* fazer é precisamente aquilo que fazemos! Até as forças que possuímos foram-nos naturalmente concedidas por Jesus, e, se tentamos usá-las sem Ele, as coisas não correm lá muito bem. Desta forma, uma pessoa que tenha nascido com grandes capacidades de liderança torna-se num Hitler, ou uma pessoa detentora de grandes talentos musicais torna-se numa – assim chamada – “estrela”, sendo principalmente famosa por andar bêbeda, ou por se ter casado três vezes e ter tido oito casos extra-conjugais. Estas capacidades naturais foram-nos atribuídas por Jesus e designadas para serem usadas juntamente com a Sua força. Apenas imaginemos como seria se Hitler ou todas aquelas estrelas de cinema de que ouvimos falar investissem as suas capacidades em prol de causas boas e positivas. Em que medida é que a História seria diferente? Quando tomamos uma decisão de nos tornarmos seguidores de Jesus e somos batizados como um símbolo do abraçar dessa nova vida, Deus derrama sobre nós o Seu Espírito e investe novas forças em nós ou santifica aquelas capacidades naturais com as quais já nascemos. Estas são conhecidas como os dons do Espírito.

Jesus apresenta intrepidez perante condições diversas. No reino vegetal, algumas plantas conseguem suportar a aridez, as inundações, o calor e o frio melhor do que outras. Às vezes conseguimos, por exemplo, enxertar uma frágil rosa num rizoma de uma rosa mais forte, pelo que, assim, a rosa frágil será capaz de melhor suportar as condições adversas. Se a nossa vida estiver enxertada em Jesus, conseguiremos lidar com as perturbações da existência, desde o escárnio até à

solidão, desde uma vida familiar difícil até à doença. Nunca nós, ou a frágil rosa, seremos tão fortes como o nosso rizoma, mas seremos muito mais fortes do que seríamos se dependêssemos somente de nós mesmos.

Jesus consegue resistir “aos vírus e às doenças” do pecado. Ele viveu a vida que nós vivemos e nunca cedeu às incursões de Satanás, pelo que sabemos que Ele possui força para partilhar connosco. Quando nos encontramos em tentação, se nos lembrarmos de rapidamente orar a Jesus para que Ele resolva o problema, ser-nos-ão colocadas palavras na boca para falarmos, ou ser-nos-á concedida força para nos libertarmos de tal situação. O truque está em lembrarmo-nos suficientemente rápido. A Bíblia diz-nos para resistirmos, ou para enfrentarmos o inimigo, e ele fugirá de nós. Porquê? Será porque ele tem medo de nós? Não, mas ele sente temor de Jesus, que vive em nós através do seu Espírito!

A solução divina para a condição humana

Somos criados como os filhos de Deus e incumbidos de produzir lindas flores e belos frutos, mas, por nós mesmos, somos esmagados pelo *stress*, arrasados pelos dilúvios da tribulação, e devorados pela tentação e pelo pecado. Se não murchamos e morremos, produzimos flores disformes e frutos infestados. Pior ainda, quando esse fruto cai de nós e passa para aqueles que se encontram ao nosso redor, eles também ficam infestados! Estamos em mau estado, e tudo isso começou no Jardim do Éden, ou até mesmo antes disso, quando Lúcifer se rebelou no Céu.

Mas Deus sabia o que iria acontecer, e Ele tinha um plano. Jesus viria à Terra, iria plantar-Se a Si mesmo nesta Terra, iria

desenvolver-Se e, depois de tudo isso, iria deliberadamente permitir que a Sua vida fosse cortada! Tudo isto foi feito de forma a que nós pudéssemos ser enxertados e pudéssemos começar a produzir as lindas flores e os belos frutos que Ele, desde sempre, traçou como plano para nós.

Jesus não disse apenas: “Eu sou a videira”, Ele também disse “Vocês são os ramos.” Ele disse aos discípulos (e a nós) que se não “estivermos n'Ele”, “não podemos dar frutos”. Esta é uma imagética de palavras com um sentido agradável, mas o que é que isso realmente significa?

Temos vindo a falar acerca das formas através das quais se demonstra que Jesus é forte e constitui um bom “rizoma”. Agora, vamos falar sobre algumas formas através das quais podemos ser bons ramos, ou enxertos.

Primeiro que tudo, a principal diferença entre nós e as plantas é que nós temos uma escolha. Podemos colher duas quaisquer plantas que quisermos, assumindo que são variedades adequadas e que irão corresponder bem uma com a outra, e enxertamo-las. As plantas não têm qualquer palavra no que respeita o assunto. Mas Jesus não irá enxertar nenhuma pessoa que não queira viver a Sua vida. Tal como o enxerto que retira o seu alimento da terra através do rizoma, o Cristão que tenha pedido a Jesus para viver na sua vida mediante a presença do Espírito Santo, toma efectivamente para si a vida de Cristo, e se isso tivesse acontecido pela força, seria algo muito mau! Mas nós podemos escolher fazê-lo, e então torna-se num milagre.

E não é apenas isso. Mesmo que tenhamos feito a escolha de viver a nossa vida em Cristo, nós temos sempre a escolha.

Podemos adquirir o nosso alimento a partir das raízes profundas da nossa vida em Deus, ou podemos depender exclusivamente de nós mesmos. É por isso que é tão importante recordarmo-nos de orar no momento em que nos deparamos com a tentação. A nova vida não irá automaticamente brotar em nós como seiva através de um canal sem que nós cooperemos para tal.

Eis a forma como a Sra. White expõe o assunto:

“A raiz da árvore tem dupla função a desempenhar. Tem de segurar-se firmemente com suas gavinhas na terra, ao passo que tira para si o alimento desejado. O mesmo acontece com o Cristão. Quando a sua união com Cristo, o tronco, é completa, quando d'Ele se nutre, correntes de força espiritual são-lhe dadas. Podem as folhas de tal ramo secar? Nunca! Enquanto a alma se dilatar para Cristo, pouco perigo há de que ele se enfraqueça, e murche, e seque! As tentações que sobrevenham, qual tempestade, não o arrancarão. O verdadeiro Cristão tira os seus motivos de acção do profundo amor que tem para com o seu Redentor. A sua afeição pelo Mestre é verdadeira e santa.” (*Filhos e Filhas de Deus*, pág. 288).

À procura de uma união perfeita

Quando Ed ensinou aos seus novos empregados como enxertar, ele disse-lhes que uma das coisas mais importantes era a “união perfeita”. Os cortes feitos nas duas plantas têm de se fazer corresponder diligentemente em tamanho e ângulo, e têm de ser unidos como se essas plantas se tivessem desenvolvido ali desde o início.

Como é que podemos ter uma união perfeita com Jesus? Bem, tal como o rizoma, Ele foi o primeiro a ser cortado. Ele foi

cortado completamente na morte, tal como a parte superior da árvore foi cortada quando se realizou o enxerto. É difícil para nós imaginarmos uma coisa como esta. Mas Ele fê-lo por nós. Então, para que o nosso corte possa corresponder com o de Jesus, temos de ser completamente cortados da nossa habitual atitude de fazermos tudo o que queremos, sempre que queremos, ou de fazermos coisas para agradar aos outros e levá-los a gostarem de nós, ou de quaisquer motivações que pudéssemos ter antes de decidirmos abrir a porta a Jesus. Precisamos de ser cortados das nossas raízes de pecado.

Se fomos criados num lar Cristão, por pais consagrados que nos inspiraram, que viveram a vida de Jesus e que nos instruíram devidamente, talvez tenhamos abraçado naturalmente os valores do Cristianismo como uma forma de vida. Nesse caso, poderá não ser fácil identificarmos um momento específico na nossa caminhada em que tenhamos sido “cortados” das nossas raízes de pecado. Contudo, iremos identificar uma fase da nossa vida em que começámos gradualmente a tornar-nos mais sensíveis às necessidades de Deus de um modo muito pessoal – quando o Deus dos nossos pais Se tornou o nosso Deus pessoal. Também é bom se crescemos na Igreja, e temos sido Cristãos desde crianças, e não conseguimos olhar para trás em busca de um qualquer momento particular de conversão, mas, em vez disso, temos vindo a crescer num conhecimento melhor, mais profundo e mais pessoal com Jesus enquanto nosso Senhor e Salvador. Porém, se não prestarmos atenção ao ponto em que nos encontramos e ao modo através do qual nos tornámos Cristãos, continuamos a ser pecadores! Ainda gostamos que

as coisas sejam à nossa maneira, e ainda caímos em tentação. Ainda temos uma escolha para fazer todos os dias da nossa vida. Queremos permanecer enxertados? Queremos mesmo que seja feita a vontade de Jesus em vez da nossa própria vontade? Mesmo até no que lemos ou vemos na televisão? Até nos jogos de computador que jogamos, ou naquilo que postamos *on-line*, ou na forma como nos relacionamos com a pessoa mais aborrecida da escola ou do nosso local de trabalho? Há gavinhas de pecado a tentar alcançar-nos e que surgem de todas as direcções, e todos os dias, a cada momento, temos decisões para tomar. Queremos nós “estar”, permanecer em Cristo, viver n’Ele?

Então, temos de nos unir a Ele como se fossemos uma planta. Nos últimos capítulos do seu livro, João descreve Jesus a orar ao Seu Pai no Céu, pedindo-lhe que faça com que os Seus filhos sejam “um”. E este pedido inclui-nos. Devemos ser um em Cristo e um uns com os outros. Isso não significa que somos exactamente iguais. Na verdade, se as plantas fossem todas iguais, nunca ninguém faria qualquer enxerto, ou jardinagem nesse sentido. Apenas imaginemos quão aborrecido seria!

Como é que nos tornamos “um” com alguém? Como é que um marido e uma mulher se tornam “uma só carne”, por exemplo? Eles vivem juntos. Eles passam muito tempo juntos. Eles conhecem-se um ao outro e aprendem sobre os interesses e os *hobbies* um do outro. Eles tomam conhecimento dos problemas de um e de outro. Se todos os dias passarmos tempo com Jesus, lendo a Sua palavra, falando com Ele, cantando as Suas canções, realizando o Seu trabalho, tornar-

nos-emos um com Ele. Seremos unidos com Ele até que não consigamos libertar-nos sem termos de nos cortar.

Isto não significa que iremos perder o que quer que seja do nosso verdadeiro eu. Na verdade, é a única oportunidade que temos de alguma vez *sermos* verdadeiramente nós. Só Jesus sabe o que é que o nosso eu verdadeiro e íntimo foi designado para ser, e os Seus sonhos para nós são ainda maiores do que aqueles que poderíamos ter para nós mesmos. Quanto mais próximos nos encontramos d'Ele, mais iremos aprender acerca dos nossos dons, dos nossos chamados e da nossa singularidade, mais seremos capazes de florescer e dar fruto. E é nesse preciso instante que iremos desabrochar na verdadeira beleza que Deus quis que tivéssemos. Nenhum de nós parecerá jamais igual. Deus gosta de variedade, de uma forma que não podemos descrever ! Basta olharmos para os diferentes frutos e flores, isto para não mencionar a incrível variedade de pássaros, animais e peixes. João, aquele que escreveu todas estas coisas, num dos seus livros, em I João 3:2, diz: *ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque, assim como é, o veremos.*

O resultado da união com Jesus

Recordam-se do último versículo da passagem bíblica com que iniciámos este estudo? João 15:8 diz-nos que Deus é glorificado quando damos frutos, porque é desse modo que mostramos que somos discípulos de Jesus.

Bom, então já sabemos como ser enxertados e como ser intimamente ligados com Jesus. Mas o que é que significa dar fruto? Jesus diz aos Seus discípulos: “Eu quero que vocês

dêem muitos frutos”, como se esperasse que eles soubessem o que é que Ele queria dizer, mas Jesus não explica realmente o significado das Suas palavras nesta passagem. Uma vez que eles estavam tão confusos relativamente às restantes coisas que Ele lhes estava a dizer, como, por exemplo, para onde é que Ele ia, ou como é que eles poderiam saber o caminho, ou o que é que Ele quis dizer quando referiu que estava a ausentar-Se e a ir para Deus, provavelmente, podemos assumir que eles também não compreenderam de imediato as palavras que Jesus agora lhes dirigia. Mas compreenderam-nas depois de Jesus subir aos Céus e de o Espírito Santo ter vindo sobre eles em poder. Paulo, que se tornou num discípulo numa fase já avançada da sua vida e que nunca conhecera Jesus pessoalmente enquanto Ele viveu na Terra, mas que veio a ser um dos Seus mais devotos seguidores, escreveu uma passagem inteira acerca do que é este fruto. Encontramo-la em Gálatas 5:22, 23. Abram comigo as vossas Bíblias. (Leia ou peça a alguém para o fazer. Se assim o quiser, pode pedir a alguém que escreva o fruto do Espírito num quadro.) Notem que a palavra “fruto” está no singular. Por outras palavras, o fruto do Espírito expressa-se através da presença colectiva de todos os valores apresentados por Paulo. Estas virtudes não representam diferentes “frutos” que colhemos e escolhemos; é o conjunto total deles que representa o “fruto” do Espírito.

Amor – Esta é a primeira e mais evidente expressão do fruto. Muitos têm escrito e falado acerca das restantes virtudes presentes nesta lista como sendo facetas do amor. A Bíblia, obviamente, ensina-nos que Deus é amor, e que o amor é o único mandamento. Amemos Deus, amemos todas as pessoas,

façamos isso com todo o nosso ser, e automaticamente guardaremos todos os restantes mandamentos e produziremos todo o restante fruto. Falámos já deste assunto numa outra ocasião – só podemos amar os outros se amarmos primeiramente Deus, e, se não amarmos os outros, isso mostra que também não amamos Deus. Logo, se este fruto não for visível na nossa vida, não há margem para dúvida de que algo de errado se passa com o nossa enxertia, e deveríamos esforçar-nos por descobrir qual é o problema, e buscar auxílio em pessoas consagradas em quem confiemos.

Gozo [Alegria] – Sabem aquela sensação que se tem quando estamos a fazer algo de que gostamos mesmo muito e que até somos mesmo bons a fazer? Como se de algum modo isso significasse que somos mais *nós*? Bem, essa é a sensação que se tem quando caminhamos com Jesus, só que esta é ainda melhor. Porque *somos* verdadeiramente mais nós mesmos! À medida que crescemos e aprendemos e Jesus nos ensina mais e mais, a alegria torna-se mais profunda na nossa alma, como se de uma raiz se tratasse. Mas há algo muito importante que devemos compreender. Todas estas facetas do amor são bem diferentes das ideias seculares que parecem transmitir. A alegria de Deus, por exemplo, não é ser-se simplesmente feliz e sentir que tudo está a correr conforme desejamos. Irão acontecer coisas. Coisas aborrecidas. Coisas frustrantes. Coisas assustadoras. Até mesmo coisas horríveis e lamentáveis. Um Cristão não se sente sempre feliz. Até Jesus, em Isaías 53:3, foi chamado “homem de dores, e experimentado nos trabalhos”. Jesus está mais familiarizado com o sofrimento do que nós alguma vez estaremos. A alegria

que ser Seu filho e estar n'Ele nos traz pode ser um sentimento entusiasmante e maravilhoso. Mas, frequentemente, assemelha-se mais a uma sensação de segurança interior – saber que aconteça o que acontecer, Ele está sempre ali, e vai ajudar-nos a ultrapassar a tribulação.

Paz – Também esta faceta não significa o mesmo que serenidade, tranquilidade, inexistência de conflitos. Isso é o que nós pensamos que a paz é. Na verdade, essa é a definição que encontraríamos se verificássemos o significado da palavra num dicionário. Porém, nesta mesma passagem, na Sua última noite com os discípulos, Jesus chamou a nossa atenção para o facto de que a Sua paz não é como a paz do mundo. Vejamos o que nos é dito em João 16:33. (Leia ou peça a alguém que o faça.) Na realidade Jesus afirma que teremos aflições! Mas, depois Ele diz: *Tende bom ânimo, Eu venci o mundo*. Por outras palavras, nós não podemos vencer o mundo e, por vezes, parece que estamos rodeados de tribulações, pequenas e grandes. Mas podemos sentir paz, sabendo que só Ele pode vencê-lo, porque Ele já o fez! Isso torna-nos capazes de suportar a situação.

Longanimidade [Paciência] – Alguma vez ouvimos o aviso de nunca orarmos por paciência? A verdade é que há apenas uma forma de aprendermos a ser pacientes, que é existirem na nossa vida imensas coisas com as quais sermos impacientes. Vamos ser honestos, ninguém pode ser paciente se as coisas estiverem a correr às mil maravilhas. Na verdade, isso nem sequer é paciência! Se queremos realmente aprender a ser pacientes, temos de ter uma série de coisas a acontecer na nossa vida que nos irão tentar a ser impacientes. Então

tomemos em atenção se de facto *pedimos* a Deus para nos tornar pacientes! Quem sabe a quantidade de coisas irritantes com que nos iremos deparar! Não é que seja Deus a *provocar* estas coisas exasperadoras. Ele não precisa de o fazer – existem imensas. Porém, quando oramos pedindo paciência, o Espírito Santo começa a trabalhar no sentido de nos tornar mais conscientes das nossas próprias reacções às coisas que vão tendo lugar, e, de repente, parece que é impossível ser-se paciente! Mas não nos preocupemos – permaneçamos firmes nessa videira, permitamos que o jardineiro nos pode se tal for necessário, e o fruto aparecerá. Não conseguimos fazê-lo crescer pensando nele ou ansiando por ele. Apenas o conseguiremos fazer estando em Cristo.

Gentileza [Benignidade] – Aqui está uma faceta do amor que não precisa de apresentação. Toda a gente sabe o que é a gentileza. Todas as pessoas a reconhecem quando é manifestada para com elas. Mas nem toda a gente se volta para alguém e a pratica. Contudo, uma vez que a Bíblia nos diz que todo o dom perfeito vem de Deus (Tiago 1:17), então, cada vez que alguém é genuinamente gentil, tal atitude vem de Deus, mesmo que a pessoa nem tão pouco tenha noção disso. Podemos saber se a nossa ligação com Deus está em boa forma se conseguimos ser gentis, mesmo para com aqueles que não o são para conosco.

Bondade – Esta não é tão fácil de definir. Todos *pensamos* que sabemos o que é a bondade, mas todos a consideramos difícil de descrever e ainda mais difícil de praticar. Mas Deus diz que a bondade é o fruto do Espírito, logo se o Espírito Santo habitar em nós, e se, diariamente, temos diante de nós as

palavras de Jesus e estamos na Sua presença, então a bondade desenvolver-se-á em nós. Eis uma dica: se pensamos que somos bons, isso não é bondade. Se pensamos que somos maus, isso também não é bondade. Se não pensamos assim tanto em nós, mas os outros parecem pensar que somos bons, e isso nos surpreende – então isso é bondade! E nós podemos responder aos elogios e à gratidão sorrindo e dizendo: “Obrigado, mas isso é tudo Deus, e não eu.”

Fidelidade [Fé] – Esta faceta apresenta duas tonalidades de sentido diferente. Em primeiro lugar, e literalmente, fidelidade significa “cheio de fé”, o que é uma consequência natural espontânea do viver-se diariamente com Jesus. Começamos a ver as coisas que Ele faz em nós e por nós, e a nossa fé cresce e cresce até que se enche e transborda para aqueles que se encontram à nossa volta. Em segundo lugar, significa fazer-se as coisas fielmente. Fazer os trabalhos de casa bem e a tempo e horas. Cuidar das pessoas e das coisas pelas quais somos responsáveis. Cuidar de nós também, algo pelo qual somos mais responsáveis do que qualquer outra pessoa o é. Ser gentis para com os outros. No entanto, a coisa mais importante com a qual devemos ser fiéis, e a primeira coisa a ter em conta se verificarmos que estamos a ser desleais noutras áreas da nossa vida, é fielmente passarmos tempo a orar e a ler a Bíblia, e certificarmo-nos de que oramos no sentido de reservar tempo para escutarmos também. Nós falamos e sabemos que Deus nos ouve. De seguida nós ouvimos e sabemos que Ele irá falar-nos, por vezes através de impressões que sentimos no nosso coração, mas sobretudo tanto através da Bíblia como das

palavras de outros, em sermões, hinos ou mesmo algo que um amigo nos diga.

Mansidão – Isto não é algo muito comum nos dias que correm. Ouvimos falar muito acerca de sermos fortes, mantermos a nossa posição, e sabermos o que queremos para nós e correremos atrás dos nossos sonhos. Os homens, de forma particular, são frequentemente ridicularizados por serem corteses, uma vez que algumas pessoas pensam que isso é o mesmo que ser-se lamechas. E as mulheres que são sensíveis podem tornar-se a si mesmas alvos de acusações que as apontam como sendo “tapetes a que se limpam os pés”, antiquadas e emotivas. Porém, o próprio facto de ser tão mal compreendida pode tornar a mansidão numa das virtudes mais necessárias no nosso actual mundo apressado. Estamos todos juntos nisto, todos tempos problemas, e um pouco de amabilidade ajuda muito a suavizar o caminho de todos aqueles que nos rodeiam.

Domínio próprio [Temperança] – Bem, esta virtude é a preferida de qualquer pessoa! E também a temos definido negativamente. Domínio próprio, pensamos, significa vivermos numa espécie de caixa, obedecer a regras como se fossemos um robô, nunca nos divertindo! Foi isto que Jesus quis dizer? Claro que não! Ou nós definimos tal faceta de um modo muito limitado. Tentamos ser auto-controlados na quantidade de comida que ingerimos, mas não com o quão bem comemos. Somos temperantes em relação ao álcool, mas se calhar enchemos o organismo de açúcar e de alimentos ricos em gorduras. Ou então somos cuidadosos com tudo o que diz respeito à nossa dieta, mas nunca praticamos exercício, ou

fazemos demasiado exercício e tornamos a nossa saúde física na prioridade e no propósito máximos da nossa existência! A verdade é que o domínio próprio iguala a temperança, e iguala a moderação em todos os aspectos. *Todos os aspectos!*

Se formos enxertados na Vinha, Jesus, e o Jardineiro, o Seu Pai, estiver a cuidar de nós, se tivermos começado a crescer em amor, em gozo e em paz e em todo o restante fruto do Espírito, o domínio próprio despontará em nós também. Poderá não significar *nunca* comermos bolo, mas certamente que significará não comermos três fatias de bolo! Poderá não significar nunca manifestarmos ira, mas irá definitivamente significar não perdermos o nosso temperamento ou culparmos os outros pela nossa raiva. Não significará deixarmos de nos divertir por completo e passarmos todo o nosso tempo na escola ou no local de trabalho aguardando a recompensa, ou vice-versa; significará, sim, dar o nosso melhor na escola e no trabalho e divertirmo-nos.

E aqui está: uma imagética da Bíblia que expressa a vida plena e abundante que Jesus promete a todos aqueles que escolhem pertencer-Lhe, crescer n'Ele, retirar d'Ele o seu alimento, desenvolver-se a ponto de serem tudo aquilo que Ele deseja que sejam, produzindo flores e frutos abundantes que são uma bênção para todos os que nos rodeiam.

QUESTÕES PARA DEBATE

1. A que “doença” ou “vírus” pecaminoso gostarias que Jesus te ajudasse a resistir?
2. Quais são algumas coisas que fazes a fim de construir e de manter uma mais perfeita união com Jesus?

3. Como é que podes saber se a tua relação com Jesus tem algumas falhas? O que é que podes fazer então?

4. De todos estes frutos, qual deles está a apelar-te hoje? Porquê?

5. Fala acerca de um momento na tua vida em que uma outra pessoa tenha demonstrado o fruto do Espírito em relação a ti. O que é que aconteceu? Como é que te sentiste? Será que isso te fez querer ser mais semelhante a Jesus? De que forma?

6º PRINCÍPIO IDENTIFICADOR DA VIDA – Porque Jesus é a Videira Verdadeira, eu posso ser um ramo abençoado, extraindo d'Ele o meu alimento e glorificando Deus com muitos frutos.

7

JESUS DISSE: “EU SOU A RESSURREIÇÃO E A VIDA!”

Debonnaire Kovacs

TOPO

(João 11:25)

Wen e Josh correram ao longo de um *hall* de entrada repleto com uma multidão de pessoas, apressando-se para a saída e atravessando o relvado em direcção ao edifício da Administração. Todas as pessoas que estavam no *campus* foram chamadas para se reunirem no salão da igreja. Todo o colégio estava num caos.

– O que é que se passa? – perguntou Wen a Josh.

– Eu não sei, mas acho que é algo sério. Vi a Professora Willa a chorar.

Quando, finalmente, chegaram à igreja, esta encontrava-se apinhada e barulhenta como uma auto-estrada em hora de ponta. A reitora colocou-se de pé e levantou as mãos, e as vozes, por fim, silenciaram-se. – Senhoras e senhores, lamento ter tido de vos chamar a todos aqui. Receio ter más notícias. Pensámos que seria melhor se todos tivessem conhecimento do assunto ao mesmo tempo, na esperança de que não haja

distorções nem se faça qualquer confusão quando a história for contada e recontada. – A reitora tirou os seus óculos da cara e limpou-os.

Wen e Josh trocaram alguns olhares. Mas o que era aquilo? E por que razão é que ela simplesmente não dizia o que se estava a passar?

Quando voltou a falar, tornou-se claro que estava a ter alguma dificuldade em controlar a sua voz. Iria ela chorar? – Acabámos de receber a notícia de que o autocarro que transportava os nossos alunos missionários que regressavam da sua viagem ao estrangeiro se despistou.

Uma onda de expressões de choque espalhou-se pela sala. A reitora ergueu as mãos trémulas. – Não há... – Ela sufocou e parou de falar, mas o silêncio era ensurdecedor. – Não há sobreviventes.

Depois de um momento de horror, as vozes voltaram a elevar-se na igreja. Wen ouviu alguns gritos e, de seguida, algum choro, mas a sua própria garganta fechou-se. Os estudantes missionários... Os dez? Até o motorista?

Josh estava completamente pálido. Wen esticou-se para tocar no ombro de Josh. – Estás bem?

“Os lábios de Josh moviam-se, mas, no início, nenhum som saía da sua boca. Ele engoliu convulsivamente e tentou de novo. – Nita! – disse ele, e o coração de Wen parou. Nita! A namorada de Josh! Eles tinham vindo a falar sobre casarem-se depois de concluírem o curso!

– *Oh meu Deus!* – sussurrou Wen.

Josh apontou a sua cara na direcção de Wen. – Deus! *Deus? Onde é que Ele estava? Porque é que Ele permitiu que isto acontecesse?*

E Wen não fazia a mínima ideia do que lhe poderia dizer.

Jesus: a Ressurreição e a Vida

A última das sete declarações específicas “Eu Sou” que estamos a estudar ao longo desta semana encontra-se em João 11:25. (Leia ou peça a alguém para o fazer.) Esta afirmação é encontrada numa história profundamente dolorosa, uma que só pode ser compreendida por alguém que já tenha estado na mesma situação. Lázaro, o único irmão de duas irmãs, Maria e Marta, tinha morrido. Todos os três irmãos eram amigos de Jesus, e, pior ainda, há já alguns dias que eles tinham mandado avisar Jesus de que Lázaro estava doente, mas Ele tinha escolhido não Se dirigir até lá. Podemos ver isto mesmo no verso 4, quando Jesus diz que a doença não terminará em morte, e no verso 6, onde Ele permanece no local onde Se encontra durante mais dois dias.

Poderíamos adivinhar que Marta e Maria deveriam estar a questionar-se: “Porquê?” Mas não precisamos de adivinhar. Podemos sabê-lo, porque ambas disseram a Jesus: *Se Tu estivesses aqui...* Elas tinham visto Jesus curar muitas pessoas, e estavam certas de que Jesus também poderia ter curado Lázaro. Por outras palavras, porque é que Ele tinha permitido que isto acontecesse? Já passaram pelo mesmo? Já viveram uma situação idêntica?

Jesus está a falar com Marta quando faz esta afirmação “Eu Sou”. Antes de fazer o que quer que seja em relação a esta situação pesarosa em que as Suas amigas se encontram,

Jesus diz a Marta: *Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá. Crês tu isto?*

E qual é a resposta de Marta? (Leia ou peça a alguém para ler o versículo 27.)

Isto era o que Deus queria ouvir. No seu pesar, no seu desapontamento, antes de ter qualquer ideia do milagre que Jesus tem em mente, muito embora possa sentir-se zangada por Deus (Jesus) ter permitido que isto ocorresse, Marta responde: “Eu creio. Eu ainda acredito que Tu és o Messias. Não vou deixar de crer em Ti só porque estou magoada e confusa e devastada pela dor.”

Ela chega mesmo a dizer que sabe que o seu irmão viverá novamente. Marta tem a fé de que a morte não é o fim. Isso não cessa o seu sofrimento, mas torna-o mais fácil de suportar. Imaginemos se realmente pensássemos que todas as pessoas que morrem estariam mortas para todo o sempre e que nunca as voltaríamos a ver!

Mas não. Jesus é a Ressurreição e a Vida. Ele depôs a Sua vida com essa certeza.

Fantástico! Constitui um bom sermão, não vos parece? Mas se já estivemos nesta situação sabemos o quão vão este conforto pode parecer no momento. O que é que dizemos quando um amigo devastado pelo sofrimento nos pergunta *porquê?* Ou quando nós próprios nos sentamos junto de uma aparentemente injusta sepultura e perguntamos *porquê?* Se alguém morre “velho e farto de dias”, como a Bíblia refere, isso é uma coisa. Mas um jovem como Lázaro? Jovens estudantes missionários a trabalhar para Deus? Até mesmo uma criança?

O que é que respondemos então?

Claro, nós sabemos como termina a história de Lázaro. Jesus ressuscitou-o dos mortos, ele caminhou na procissão triunfal que acompanhou Jesus quando Ele entrou em Jerusalém antes da Sua própria morte, e depois . . . Depois o quê? Está Lázaro vivo? Não? Então morreu novamente, certo?

Quando Jesus ressuscitou as pessoas aqui na Terra, quer tenha sido Lázaro, a filha de Jairo, ou o filho da viúva de Naím, Ele não lhes concedeu vida eterna. Tecnicamente, embora o Seu plano de Salvação estivesse completo aos olhos de Deus desde antes mesmo da Criação, Jesus ainda não tinha resgatado o nosso direito à vida eterna. Ainda assim, Ele disse a Marta, bem como a outras pessoas, que todo aquele que cresse n'Ele “nunca morrerá”. Ele sabia que isso era um dado adquirido.

Então, porque é que o famoso mais pequeno versículo da Bíblia se encontra precisamente nesta história? Atentem para o verso 35: *Jesus chorou.*

É fatalmente fácil, quando *não* somos nós quem se encontra em angústia, dizermos muito simplesmente, talvez não com tantas palavras: “Anima-te! Não faz mal! Jesus é a ressurreição e a vida!” Mas até Jesus chorou, e eu não acredito que tenha sido somente por causa da falta de fé manifestada pelos Seus amigos. A morte é triste. A perda é dolorosa. E, por vezes, o melhor consolo que podemos oferecer não é tentar dar uma resposta, mas apenas chorar com os que sofrem, mostrando-lhes, através da nossa presença, que Deus também está presente e que Ele Se preocupa.

Foi pouco tempo depois de Lázaro ter sido ressuscitado que Jesus passou pelo Seu próprio vale da sombra da morte. Com a exceção de que o vale que Ele atravessou nunca foi, e nunca será, atravessado por qualquer outra alma. De algum modo (nunca iremos compreender verdadeiramente como), Jesus não passou somente pela morte normal que nós passamos; Ele passou por aquela morte a que nós chamamos a Segunda Morte, a morte eterna que é a consequência do pecado. Ele deveria ter permanecido morto para todo o sempre. Mas não ficou!

Reflexões sobre o dia em que Jesus chorou

Vamos abrir a nossa Bíblia em João 20. Primeiro, vamos imaginar a cena. Pensemos em todos aqueles momentos em que alguma vez perdemos alguém. Recordemos o choque e o sofrimento em toda a sua força . Agora, acrescentemos-lhes a dor que sentiríamos se se tratasse do nosso próprio filho ou de alguém muito próximo de nós. Juntemos tudo isto e imaginemos se tivéssemos sido um dos amigos de Jesus, e acreditássemos de todo o nosso coração que Ele era o Filho de Deus, o Messias. E agora Ele está morto. *Ele está morto!* Conseguimos imaginar a dor, o horror e o choque?

Ele está morto.

Mas Ele *não pode* estar morto!

Mas Ele está.

E, agora, o que é que fazemos?

Maria Madalena foi um dos seguidores de Jesus mais dominados pela dor. Ele tinha-a resgatado de uma vida de horrores da qual nem metade nos foi dado a conhecer, e ela

não conseguia ver como é que continuaria a viver sem a Sua presença. Então, praticamente antes do Sol nascer naquele Domingo de manhã, ela foi ao sepulcro.

Vamos ver o que aconteceu depois. (Solicite a diversas pessoas que leiam toda a passagem de João 20:1-18. Reserve algum tempo para fazerem uma pausa e discutirem quais teriam sido as vossas emoções se tivessem estado lá.)

Meu Pai e vosso Pai, Meu Deus e vosso Deus. Porque é que acham que Jesus disse isto deste modo? Ele pretendia reassegurá-los, de uma vez por todas, de que Deus os amava tanto como Ele mesmo os amava, e que Ele os amava muito! Ele até permaneceu no cemitério antes de voltar ao Céu para visitar o Seu Pai, do qual tinha sido separado.

Mas depois de reassegurar Maria e de enviar esta mesma mensagem aos outros discípulos, Jesus dirigiu-Se de imediato ao Céu. A Sra. White diz:

“Jesus recusou receber a homenagem do Seu povo, até ter obtido a certeza de que o Seu sacrifício tinha sido aceite pelo Pai. Subiu às cortes celestiais, e ouviu do próprio Deus a afirmação de que a Sua expiação pelos pecados dos homens fora completa, de que, por meio do Seu sangue, todos poderiam obter a vida eterna. O Pai ratificou o concerto feito com Cristo, de que receberia os homens arrependidos e obedientes e que os amaria como ama a Seu Filho. Cristo devia completar Sua obra e cumprir a Sua promessa de que "o varão será mais precioso que o ouro, e o homem sê-lo-á mais que o ouro acrisolado". Isaías 13:12. Foi dado ao Príncipe da Vida todo o poder no Céu e na Terra e Ele voltou para os Seus seguidores num mundo de pecado, a fim de lhes comunicar o

Seu poder e glória.” (*O Desejado de Todas as Nações*, P*SerVir*, pág. 675).

Agora, Jesus era verdadeiramente, e para todo o sempre, a Ressurreição e a Vida. Ele veio para partilhar isso connosco. Convosco e comigo! Espectacular!

A passagem “da morte para a vida”

Em todas estas declarações “Eu Sou”, atentámos primeiramente para o que Jesus disse que Ele é, e depois para o que isso significa para nós. Neste caso, como é óbvio, não há nenhuma forma de algum de nós ser quer a ressurreição quer a vida! Nós apenas temos de decidir se queremos aceitar a *Sua* ressurreição e vida. Contudo, podemos ainda usar a nossa influência tanto para prolongar o estilo de vida de Jesus, ou para espalhar morte e destruição. É surpreendente como os Cristãos, frequentemente, são capazes de praticar actos e de dizer coisas fatais. Palavras rudes, mexericos, distorcer a verdade (especialmente para deixar ficar bem uma pessoa e rebaixar outra) – todas estas atitudes são actos de morte, não de vida. Por outro lado, palavras amáveis, actos de bondade, defender alguém que precise – estas atitudes concorrem para a vida de amor de Deus e demonstram que quem as pratica “passou da morte para a vida”, como Jesus evidencia em João 5:24.

Mas como é que isto pode ser verdade neste preciso momento? Sabemos que podemos crer no que Jesus diz no momento exacto em que Ele o diz, como se tal já se tivesse cumprido. Mas há mais coisas envolvidas. Há uma forma real, física, através da qual, hoje em dia, podemos viver a morte e a ressurreição de Jesus. Vamos ver o que Paulo nos diz. (Leia ou

peça a alguém para ler Romanos 6:4, 5.) De sorte que fomos sepultados com ele, pelo baptismo, na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós, também, em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição.

Assim, quando fomos baptizados, tal decisão foi a manifestação visível de toda uma nova vida que já tinha começado a existir no nosso íntimo. Eis como a Sra. White explana a questão:

“O baptismo significa a maior e mais solene renúncia do mundo. Através da entrega, o eu é morto com a vida de pecado. As águas cobrem o candidato, e na presença de todo o Universo é feita uma promessa mútua. No nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo o homem é imerso na sepultura líquida, 'sepultado com Cristo no baptismo', e erguido da água para viver uma nova vida de lealdade a Deus. Os três grandes poderes no Céu são testemunhas, invisíveis mas presentes.”
(A Fé Pela Qual Eu Vivo, pág. 151)

Isto foi o começo. A pessoa baptizada “professa” estar morta para o pecado. À medida que a vida continua a decorrer, obtém-se a resposta à pergunta: quis ele ou ela dizer mesmo isso? Qualquer pessoa pode *dizer* que quer seguir Jesus. Essas pessoas podem ter tido essa intenção, mas quando o caminho se torna difícil, ou desencorajador, será que elas desistem? As águas do baptismo são somente um símbolo – mas não são elas que nos lavam os pecados. Jesus fá-lo, e Ele é o único que o pode fazer. E não é algo que se faça apenas uma vez – mas algo que se faz vez após vez, todos os dias,

durante o resto da nossa vida. Não importa quantos anos tenham já passado desde o dia do nosso baptismo, essa novidade de vida ainda nos está acessível. Ainda podemos, cada dia, escolher viver esta vida de ressurreição.

Na verdade, numa citação anterior à que foi acima relatada, Ellen White diz o seguinte:

“Deus pergunta aos que tomam o Seu nome: Como estão a usar as faculdades redimidas pela morte do Meu Filho? Estão a fazer tudo o que está ao vosso alcance para se erguerem ao mais elevado nível no entendimento espiritual? Estão a manter os vossos e a agir de acordo com as importantes exigências da eternidade?” (*Ibidem*)

Então, quando pretendemos saber se estamos a viver a vida de ressurreição que Jesus nos promete, estas são as questões que podemos colocar a nós mesmos: Estamos a esforçar-nos por, diariamente, aprender algo novo acerca de Deus e da Sua verdade? Estamos a escolher o que fazer e o que dizer tendo em conta o efeito que isso tem na nossa vida eterna, e na vida dos outros à nossa volta?

Entretanto, quando coisas horríveis e inexplicáveis acontecerem e nos perguntarmos onde está Deus, e por que motivos é que Ele não intercedeu, teremos apenas que depositar a nossa confiança n'Ele e colocar-Lhe as questões. Não há mal algum em mostrarmos a Deus os nossos sentimentos, mesmo quando se trata de sentimentos negativos – Ele compreende. Para quem mais nos podemos voltar? Ele pode não nos responder agora, e muito provavelmente não o fará, de uma forma que possamos compreender, mas Ele estará connosco nesse momento. Ele cuidará de nós com

carinho, chorará connosco, e, por fim, levar-nos-á para vivermos eternamente com Ele, num lugar onde, para todo o sempre, não haverá mais lágrimas ou morte.

Wen já tinha ido a alguns funerais, mas este serviço fúnebre foi o mais difícil de sempre. Cada pessoa que se perdeu na tragédia teve um funeral realizado na sua cidade e igreja de origem, mas a Universidade procedeu a um serviço fúnebre para todos eles. A grande igreja da Universidade estava apinhada até às portas. À frente, suspensas sobre cavaletes, estavam expostas dez fotografias ampliadas, algumas delas já antigas, rodeadas por um mar de flores. Wen permaneceu junto de Josh, que mal conseguia falar.

Pareceu que ambos acordaram quando o Pastor disse: – Podemos, e com razão, perguntar por que razão permitiu Deus que algo tão terrível acontecesse. Estes jovens encontravam-se no início da sua vida. Alguns deles estavam prestes a terminar os seus cursos. Dois estavam noivos e iriam casar-se. Todos estavam a trabalhar para Deus! – O Pastor fez uma pausa e abanou a cabeça. – A trabalhar para Deus! Eles encontravam-se envolvidos numa missão que estava a alimentar centenas de crianças subnutridas! Não deveria Deus ter poupado a sua vida? Não sabia Ele que obras grandiosas poderiam eles ter realizado para Ele? E há também o motorista do autocarro, que deixou um família em sofrimento. Como é que Deus pôde permitir que isto acontecesse?

O Pastor parou de falar e olhou ao redor da sala. Wen desviou o olhar para Josh, cujos olhos pareciam estar fixos no Pastor. Ele suspendeu a respiração. Josh tinha vindo a falar, de um modo descontrolado, sobre desistir da escola, abandonar a

igreja, abdicar totalmente da sua fé. Wen deu por si a orar sem pronunciar qualquer palavra.

– Eu não sei.

Wen fechou os olhos. *Boa resposta, Pastor! É confortante!*

– Não conseguimos encontrar respostas para perguntas como estas. Mas digo-vos aquilo que eu sei. Deus abomina todas as coisas más que têm lugar neste mundo. O pecado tem como consequência a morte e a dor. Se Ele vai pôr fim a uma coisa, porque não a outra também?

Wen abriu os olhos e olhou para cima.

– Porque não impedir que as pessoas morram em acidentes? Porque não impedir que uma criança morra de fome?

Por momentos Wen esqueceu-se de Josh e apercebeu-se da ira que tinha sentido, ele mesmo, e que estava a agitar o seu subconsciente. Ele não tinha pensado nisso naquela perspectiva. Ele recordava-se de, depois do 11 de Setembro, pensar que algumas pessoas contaram histórias acerca dos seus amigos e familiares que, miraculosamente, *não tinham* morrido, como se Deus, de algum modo, os amasse mais do que àqueles que tinham falecido. Deveria ele sentir-se tão desolado só porque estes estudantes missionários eram *seus* amigos? Não ocorriam acidentes todos os dias? Não morriam pessoas nestes acidentes? Alguma vez tinha ele perguntado a Deus por que razão é que Ele não tinha impedido aqueles acidentes? Wen sentiu-se culpado ao pensar nisso e, depois, voltou a lembrar-se de Josh e sentiu-se ainda mais culpado. A sua perda não era nada comparada com a do seu amigo.

– Se Ele vai pôr fim a uma coisa, penso que Ele preferiria pôr fim a todas as coisas que causam sofrimento. – referiu o Pastor. – Não pensam assim?

Wen viu Josh abanar levemente a cabeça dizendo que não, os seus lábios tremiam.

Um sorriso iluminou a face do Pastor Jake, o qual Wen tinha visto a chorar há momentos atrás. – Amigos, ouçam-me. Ele fará isso. Ele *fará* isso! É disso que eu estou aqui para nos lembrar a todos. É a essa esperança que temos de nos agarrar agora. Nós voltaremos a ver os nossos entes queridos. E um dia a morte deixará de existir de uma vez por todas.

Wen parou de lançar olhares laterais a Josh e olhou directamente para ele. Uma lágrima estava a rolar pela sua face. Graças a Deus! Até àquele momento, Josh apenas se tinha sentido furioso. Tanto quanto Wen sabia, Josh não tinha chorado uma única vez ou dormido desde que soube do acidente. Wen tinha o pressentimento de que, se Josh se libertasse e chorasse como um bebé, isso poderia ser algo muito benéfico para ele.

Os olhos de Wen também estavam a arder. Ele viu Josh colocar a cabeça entre as mãos e ouviu-o murmurar repetidamente: – *Deus, estou tão revoltado Contigo!*

Wen suspirou. Iria levar algum tempo. Mas agora tudo ficaria bem.

QUESTÕES PARA DEBATE

1. Já morreu alguém muito chegado a ti? Como é que lidaste com o sofrimento e com as perguntas que te assolaram?

2. O que é que achas que aconteceria se Deus deixasse de permitir que coisas más ou dolorosas ocorressem na vida daqueles que O seguem?

3. Conheces alguém que esteja a sofrer? Não tem de ser por causa de uma morte. Pode ser devido à perda do emprego, à falta de saúde, ou por ter de mudar de cidade ou de país e estar a sentir-se sozinho. O que é que podes fazer no sentido de partilhar com essa pessoa o conforto que se obtém em Jesus?

4. Será que as coisas que tens dito e feito hoje demonstram o estilo de vida de Deus, que se acha voltado para a ressurreição, ou será que elas propagaram a morte e a destruição? Há algo que possas fazer para que te tornes mais apto a partilhar vida em vez de morte?

7º PRINCÍPIO IDENTIFICADOR DA VIDA – Porque Jesus é a Ressurreição e a Vida, posso regozijar-me agora na vida nova que Ele me oferece e confiar n'Ele para a vida eterna.

8

JESUS, O GRANDE “EU SOU”!

Debonnaire Kovacs

TOPO

(Êxodo 3:14, 15)

Wen caminhava pela rua, tão absorto nos seus pensamentos que quase chocou contra uma pessoa. Ele saltou instantaneamente para o lado, olhou para cima para pedir desculpa, e, de seguida, piscou os olhos e sorriu. – Andrea! Olá! Já não te vejo há algum tempo. Não tenho o hábito de ir ao café à noite assim com tanta frequência.

– Sim... Bem, também é muito mais movimentado à noite, por isso eu não teria muito tempo para falar contigo se fosses lá. Como é que estás?

– Estou óptimo! Acreditas que finalmente consegui entrar no curso superior que desejava? Faculdade de Medicina, nem dá para crer.

– Faculdade de Medicina! A sério? Então vais ter para muito tempo.

– Bem, lembras-te de me teres dito que devia pensar no que é que eu queria ser se nunca tivesse crescido? Talvez

estivesses a brincar, mas a forma como encarei a coisa foi pensar no sonho que eu tinha no meu coração, o que é que eu faria, se não tivesse que me preocupar com o dinheiro, o tempo, e com o resto. E a verdade é que eu sempre quis ser médico, mas parecia ser impossível. Mesmo agora, só de pensar nos anos que me esperam fico com medo. Mas quando apresentei o caso a Deus e orei a sério, pedindo-Lhe que me mostrasse não só o que Ele queria que eu fizesse da minha vida, mas quem eu sou realmente cá dentro, a visão tornou-se tão clara que eu já não tinha maneira de a negar. Acredito que, se Ele quer que eu o faça, Ele vai ajudar-me a encontrar uma forma. Pensei que podia primeiro fazer um curso de Enfermagem, e talvez pudesse trabalhar e ganhar a vida como enfermeiro, enquanto fazia o curso de medicina, ou algo do género. Ou, talvez possa não ir até ao ponto de fazer o doutoramento em Medicina, e ficar pelo curso de Enfermagem especializada. Estou disposto a deixar que o tempo esclareça os pormenores. E há também outra diferença. Embora me preocupe quando penso muito no futuro, o nível de medo e o sentimento... bem, não sei, o sentimento de que não estou no lugar em que queria de facto estar, passou. Estou em dívida para contigo, Andrea!

Andrea riu-se. – Isso é maravilhoso, Wen! Mas qualquer coisa que pudesses “dever-me” está mais do que paga. Vou dizer-te que eu também sei o que quero ser quando crescer, e isso deve-se às nossas conversas. Sabes, eu estava obcecada há muito tempo por uma educação superior. Não, não é bem isso. Eu não estava obcecada com a *obtenção* de uma educação superior. Eu estava a desperdiçar a minha energia com a

obsessão da *impossibilidade* de ter essa educação. Achava que era uma falhada, à partida, e portanto, era isso que eu era. Bem, por causa das coisas que conversámos, comecei, com um espírito de oração, a olhar para quem sou realmente e para que capacidades e interesses tenho. Um dos resultados é este novo trabalho no viveiro, que eu *adoro*! E, devido a ele, compreendi várias coisas – gosto mesmo muito de coisas que tenham a ver com um estilo de vida ao ar livre, natural. Na verdade, quero mudar-me para o campo, e ando à procura de uma casa perto do viveiro e oro para descobrir maneiras de conseguir pagar a entrada para a casa. Sabes, no que respeita à educação, há um milhão de maneiras. Se eu conseguir tornar a minha vida um pouco menos agitada, talvez possa fazer algumas cadeiras na faculdade e, entretanto, há toneladas de cursos *on-line*, ou mesmo clubes de leitura na biblioteca. Acredites ou não, até já comecei a pensar se não poderia conseguir fazer um curso vocacional de gestão de dois anos, porque gostaria de ter o meu próprio negócio de plantas em estufa, ou flores, ou até bonsais. As possibilidades são infinitas! E tudo se deve às nossas conversas, e ao trabalho de casa do Professor Ellison!

O Wen sorriu, mas disse com seriedade: – Tudo se deve a que o grande Eu Sou nos fez bater um pouco com a cabeça um no outro e nos fez compreender que nós também podemos viver vidas com significado, se nos mantivermos ligados ao grande Eu Sou.

“Eu sou O Que sou”

Estudámos já as sete declarações “Eu Sou” registadas por João e em que Jesus diz: Eu sou a Luz do mundo; Eu sou a Porta do redil; Eu sou o Pão da Vida; Eu sou o Bom Pastor; Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; Eu sou a Videira Verdadeira e Eu sou a Ressurreição e a Vida. Nesta última ocasião em que nos encontramos juntos, vamos atentar mais profundamente para a própria expressão “Eu Sou”. Qual é a sua origem? O que é que significa?

A primeira vez que esta expressão foi usada encontra-se registada no livro de Êxodo, no capítulo 3 e nos versículos 14 e 15. Vamos até lá. Que história é esta? (As pessoas que se encontram na sala irão reconhecer que se trata do momento em que Deus fala a Moisés na sarça ardente.) Moisés pensava que a vida de liderança para a qual tinha treinado no Egipto já ia longe. Ele era um pastor há 40 anos e não fazia ideia de que alguma vez viria a ser outra coisa que não aquilo mesmo. Durante esse tempo, ele foi também um escritor. Deus tinha-o inspirado a escrever a história da Criação e a história dos primeiros líderes consagrados a Deus, como Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, Jacob, Lia e Raquel.

Agora, a sua vida dá uma volta repentina, chocante. Deus diz-lhe: “Eu quero que vás e tires os Israelitas do Egipto e que os conduzas à Terra Prometida.

Imaginemos que nós éramos Moisés. *O quê?!*

Ele argumentou durante algum tempo: “Eu sou demasiado tímido, não consigo falar, e eles nunca me ouvirão.” Deus, porém, não vai permitir que Moisés discuta a sua retirada desta missão. Agora Moisés pergunta-Lhe: “Bem, quem devo

anunciar que me enviou? Eles quererão saber quem Tu realmente és.”

Isto é algo muito interessante. Moisés apenas perguntou: “Como te chamas?” Contudo, Deus sabia que a questão “quem és tu realmente” é de suprema importância, e vai mais além do que simplesmente dizermos o nosso nome. A Sua resposta é inesperada e um pouco estranha. (Leia ou solicite a alguém que leia os versos 14 e 15.)

Eu Sou O Que Sou. Um nome estranho, não vos parece? É, no entanto, uma resposta muito mais profunda e verdadeira. Quase nunca somos exactamente quem dizemos ser. Na verdade, nós nem tão pouco *sabemos* quem somos integralmente no nosso coração. Mas Deus, pelo contrário, é sempre exacta e verdadeiramente *quem Ele diz que é*. Está aqui implicada uma ideia de escolha, especialmente naquelas Bíblias que traduzem a expressão por “Eu serei o que eu serei”. Deus diz: “Eu sou quem e aquilo que eu escolher ser.”

E no Hebraico vai-se ainda mais longe no que respeita a esta temática. A Sra. White diz: “EU SOU quer dizer uma presença eterna; o passado, o presente e o futuro são a mesma coisa para Deus. Ele vê os mais remotos acontecimentos da História passada, e o longínquo futuro com tão clara visão como vemos nós as coisas que ocorrem diariamente.” (*Para Conhecê-’O*, pág. 12) Uma rabina judia de nome Marcia Prager, ela mesma uma Hebraísta (estudante da língua Hebraica), sugere outras formas de se traduzir a expressão como ela aparece escrita no Hebraico: “Eu sou a Existência Eterna”, ou “Eu sou o Único que vive e aponta para a vida”. Ou “Eu sou o Ser Eterno. Eu

sou o Ser que trás o Ser à Existência a cada momento”.* (Pode pedir a alguém que anote estas expressões num quadro.)

Esta última versão é interessante. Por outras palavras, Deus é um Ser criativo; não só o foi quando pela primeira vez trouxe o Universo, o nosso mundo, à existência, mas é-o sempre. Neste preciso momento Ele está a criar. Ele está a recriar-nos a cada instante, na medida em que nós assim o permitamos. Ele também nos oferece uma oportunidade de escolha. Nós somos, em muitos aspectos, quem nós acreditamos que somos e quem escolhemos ser. E, quando escolhemos cooperar com Ele nessa nova criação, então, da mesma forma que Ele é quem verdadeiramente é, nós começamos a ver e a aprender e a ser quem também nós somos verdadeiramente.

“Eu sou Quem Eu clamo ser”

Para além destas sete vezes em que, no Evangelho de João, Jesus usa a expressão “Eu Sou” como um princípio identificador, há outros quatro momentos em que, nos Evangelhos, Ele usa o nome de Deus sozinho. Vamos estudar todos estes quatro momentos.

Todos, à excepção de um, encontram-se ainda no Evangelho de João. Os dois primeiros aparecem-nos no mesmo capítulo. Vamos abrir a nossa Bíblia em João 8, por favor. Se fizermos uma leitura rápida deste capítulo, vamos aperceber-nos de que nos é familiar. A primeira parte do capítulo trata da história da mulher apanhada em adultério, e, logo depois de Jesus a perdoar, Ele afirma: *Eu sou a Luz do mundo!*

No exacto instante em que o proclama, os chefes da Sinagoga e os Fariseus começam a argumentar com Ele. Temos de

admitir que, se uma pessoa comum nos dissesse isso, sentir-nos-íamos tentados a fechá-la e a guardar a chave! Quem é que Jesus pensava que era? E, aqui, essa é a questão fulcral. *Quem é que Ele pensava que era? Quem é que Ele dizia que era?* E estava Ele a dizer a verdade ou será que estava louco? Porque tinha de ser ou uma coisa ou outra, a menos que Ele estivesse apenas a dizer puras mentiras, a fim de convencer as pessoas a seguirem-n'O. Mas se fosse assim, Ele teria desistido de tudo quando tal começou a ser uma ameaça para a Sua vida, certo? E é exactamente neste capítulo que as Suas afirmações começam a constituir uma ameaça à Sua vida. Em vez de desistir, Jesus torna-Se cada vez mais directo nas Suas declarações. Quando eles tentam argumentar que precisam de outras provas, para além das Suas próprias palavras, de que Ele é quem Ele reivindica ser, Jesus, na verdade, reclama ser o Juiz, e, mais do que isso, Aquele juiz que julga correctamente em todas as ocasiões.

Agora atentemos para o verso 24. Jesus está a dizer-lhes: “Se vocês não acreditarem que Eu sou Aquele que clamo ser, na realidade vão morrer nos vossos pecados.” Uau! Esta foi precisamente a forma como Deus Se referiu a Si mesmo quando falou com Moisés. “Eu sou Quem Eu clamo ser.” E aqui temos Jesus, não só a reivindicar o mesmo em relação a Si, mas a indicar-lhes também que, se não crerem nisso, morrerão nos seus pecados, o que significa passar pela Segunda Morte – morrer para sempre! Conseguimos compreender que, se não acreditarmos que Ele é, na verdade, Deus que desceu à Terra em carne humana, teríamos então de crer que Ele era um louco perigoso? Mas Ele não fica por aí, embora eles continuem a

discutir. No versículo 28, Ele diz-lhes que, quando for levantado da Terra – referindo-Se à crucificação – saberão que Ele é realmente Quem diz ser. (Eles não o fizeram, ou, pelo menos, não admitiram que o tivessem feito, mas o centurião romano fê-lo. Lembrem-se do que ele disse, depois de ter supervisionado a crucificação de Jesus? “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus!”)

Mas continuemos. No versículo 56, Jesus disse que Abraão se alegrou ao pensar no Seu tempo. As pessoas que estão a discutir com Ele fazem troça: “Nem sequer tens cinquenta anos! E dizes que viste Abraão?!”

E aqui temos. Leiam o versículo 59, e tentem imaginar o que teriam sentido se ouvissem isto, se estivessem entre a multidão naquele dia. Lembremo-nos: este é um homem com um aspecto absolutamente normal, com roupas normais. Tem de comer e dormir, transpira e cansa-Se quando caminha o dia inteiro, e Ele olha-nos nos olhos e diz: “Em verdade vos digo,... *antes que Abraão nascesse, Eu Sou!*” (itálico acrescentado).

Exactamente o nome de Deus, acrescentando-se a afirmação de ter vivido desde sempre! Como diz a Sra. White: “Cristo usou aí o grande nome de Deus, dado a Moisés para exprimir a ideia da presença eterna.” (*Para Conhecê-I’O*, pág. 12).

Só lhes restava duas escolhas: crer n’Ele, mesmo parecendo inacreditável, ou rotulá-I’O de blasfemo e matá-I’O. Qual delas escolheram? (Leia ou peça a alguém que leia o versículo 60.) Não conseguiram matá-I’O naquele dia, mas continuaram a tentar, e, por fim, fizeram-no. Vamos a João 18. É a última noite da vida de Jesus na Terra. Em João 14-16, Ele esteve a explicar aos Seus discípulos muitas coisas que queria que soubessem

antes de os deixar. No capítulo 17, João registra a longa oração de Jesus ao Pai, pedindo que todos os Seus seguidores, em todo o mundo e em todos os tempos, incluindo nós, possam ser um n'Ele e um no Pai. Agora, no capítulo seguinte, os soldados vêm prender Jesus, e são atingidos por uma força sobrenatural. Leiamos os versículos 4 a 6. (Leia ou peça a alguém para ler.)

Eis o que a Sra. White diz acerca deste momento: “Uma luz divina iluminou o rosto do Salvador, e uma figura semelhante a uma pomba protegeu-O. A multidão assassina não conseguiu permanecer um momento na presença desta glória divina. Recuaram a cambalear. Sacerdotes, anciãos, soldados, e o próprio Judas caíram como mortos por terra.” (*O Desejado de Todas as Nações*, PSerVir, pp. 591, 592).

Em Lucas 22:47-50, vemos que se aproxima uma multidão liderada por Judas, que O traiu com um beijo. Quando os discípulos viram o que estava a acontecer, Pedro puxou da sua espada e cortou a orelha de Malco, o servo do sumo sacerdote. Mas Jesus tocou na sua orelha e curou-o. Podemos pensar que, depois de verem um milagre desses, os soldados tivessem medo de Lhe tocar; mas não, levantaram-se de novo, como se nada tivesse acontecido, ataram as Suas mãos outra vez (Jesus tinha-Se libertado, sem esforço, para curar a orelha de Malco), e arrastaram-n'O para ser chicoteado e passar por dois julgamentos encenados.

O quarto momento onde, na Bíblia, se encontra registado que Ele usou o nome de Deus, aparece-nos em Marcos 14:62. Acompanhem-me, por favor. Nesta fase do Seu julgamento, Jesus está diante do sumo sacerdote Caifás. Está em silêncio,

recusando-Se a responder a quaisquer acusações forjadas contra Ele, até que Caifás Lhe pergunta directamente: *És tu o Cristo, Filho do Deus Bendito?*

Eu o Sou, diz Jesus. E mesmo então, *não fica por aí*. Acrescenta uma promessa para o corrupto sumo sacerdote, que tinha levado o Seu povo por caminhos errados: *E vereis o Filho do Homem sentado à direita do poder de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu* (versículo 62).

Pergunto-me o que é que Caifás e o resto daqueles que condenaram e mataram o Filho de Deus terão pensado nesse momento. Espero que, pelo menos, alguns deles tenham conseguido ter a fé que salva e que pensem, com lágrimas nos olhos: “Ele fê-lo por *mim!*”

Uma coisa é clara. Ao longo da Sua vida, Jesus sabia claramente quem era. Mas fez a escolha deliberada de pôr de lado os Seus poderes divinos e de viver como um homem, em completa submissão ao Seu Pai. No início do Seu ministério, Ele evitava proclamar abertamente a Sua identidade, porque “o Seu tempo ainda não tinha chegado”, como muitas vezes dizia. Na verdade, foi a revelação da Sua identidade que O levou para a cruz. A única acusação contra Ele no Seu julgamento, que era realmente verdadeira, foi a de que Ele Se tinha intitulado igual a Deus.

Ele veio com dois propósitos. Veio esclarecer as ideias erradas que o povo tinha acerca de quem Deus era e mostrar-lhes que Deus é um Deus de amor e compaixão infinitos, e tornar possível que todos os que estejam dispostos a ser filhos de Deus aprendam a ser o que são realmente.

Quando “morremos diariamente”, como Paulo diz, fazendo escolhas diárias que nos permitem ser quem Deus quer que sejamos, estamos a morrer para o nosso velho eu, para os nossos velhos caminhos, e a ser transformados em novos “eus” e a aceitar novos caminhos de amor e de luz no poder interior do Espírito.

A Semana em resumo

Todos os dias desta semana falámos acerca de quem Jesus dizia que era, e sobre como é que Ele o sabia e vivia de acordo com isso. Todos os dias acrescentámos formas como podemos reflectir essa realidade na nossa própria identidade. Vamos olhar de novo para todas essas formas e analisar um pouco mais cada uma delas.

(Se fez um cartaz, ou um *PowerPoint*, desses princípios de identidade, refira-se a eles e podem lê-los juntos.)

Porque Jesus é a Luz do Mundo, eu posso ser uma vela, iluminando o caminho percorrido por outros até Ele. Quando escolhemos viver na luz de Deus, tudo em nós que não é de Deus é revelado; quando confessamos essas coisas, recebemos perdão e graça e o poder espiritual para vivermos para Ele. A nossa vela está acesa de modo a podermos partilhar luz.

Então, quando alguém se sente triste ou abatido e nos dispomos a ouvir, a ajudar e a animar essa pessoa, estamos a ser uma vela. Quando vemos que um amigo íntimo está em perigo de cair no erro ou na tentação, e nós, *com tacto, com amor e com oração*, o avisamos, estamos a fazer brilhar luz nos seus cantos escuros. (Não podemos fazer isso com alguém

que ainda não seja um amigo íntimo, que confie que não vamos criticá-lo ou julgá-lo. E também não o podemos fazer se não estivermos dispostos a receber o mesmo tipo de ajuda.) Quando visitamos os doentes, ajudamos os necessitados, alimentamos os famintos, e sempre que louvamos a Deus abertamente, estamos a fazer brilhar a nossa vela na escuridão, orientando outros para a Porta que leva à Vida.

Porque Jesus é a minha Porta, eu posso ser um porteiro, dando as boas-vindas aos que se juntam à família de Deus. Quando escolhemos passar pela porta que é Jesus, vamos aperceber-nos de que Ele é a porta que abre caminho a novas possibilidades, levando-nos a lugares que nunca achámos ser possível irmos (e a que talvez nunca pensámos querer ir!). E quando abrimos as nossas portas a Jesus e permitimos que Ele viva em nós, estamos abertos a novas formas de O servirmos.

Logo, quando somos acolhedores para com os “intrusos”, mostrando-lhes as redondezas, convidando-os a tomarem uma refeição connosco e a sentarem-se ao nosso lado, estamos a ser porteiros de Jesus. Quando damos as boas-vindas àqueles que visitam as nossas igrejas, independentemente do modo como se vestem ou agem, estamos a ser porteiros tementes a Deus. Quando agimos de forma a proteger os outros – especialmente aqueles que são mais jovens e mais fracos do que nós mesmos o somos – dos perigos físicos e espirituais, ou quando nos manifestamos publicamente relativamente a questões de justiça no que respeita a paz, estamos a ser guardiões de portas.

Porque Jesus é o Pão da vida, eu posso ser um grão de trigo, oferecendo-me a mim mesmo para alimentar outros com a Sua Palavra. Quando diariamente nos alimentamos na Palavra, e oramos no sentido de uma assimilação meticulosa das verdades nela contidas, estaremos mais capacitados a, de um modo mais efectivo, transmitir essa verdade aos outros. Quando reconhecemos o Seu espírito de sacrifício próprio, e rogamos para que esse espírito se reproduza em nós, aprenderemos a estar desejosos e contentes por nos renegarmos a nós mesmos em Seu favor.

Então, quando, pela nossa própria iniciativa, ou pelo trabalho realizado num Centro de Serviços Comunitários, alimentamos fisicamente os outros, estamos a transmitir o Pão da Vida. Quando as pessoas nos perguntam por que motivo nos encontramos felizes ou como é que conseguimos comportar-nos de uma forma tão amável, sobretudo para com aqueles que não o parecem ser, e nós explicamos que não possuímos nenhuma capacidade especial, mas que temos Jesus na nossa vida e estamos a esforçar-nos por imitá-Lo, encontramos-nos a transmitir o Pão da Vida. Quando desistimos de algo que queríamos ter ou fazer, a fim de praticarmos um acto amável para com outra pessoa, estamos a dar a nossa vida, da mesma forma que o grão de trigo o faz, para que os outros possam crescer. E nós também iremos crescer!

Porque Jesus é o meu Pastor, eu posso ser uma ovelha que O segue fielmente, bem como um pastor auxiliador, ajudando-O a cuidar das outras ovelhas. Quando seguimos Jesus fielmente, tentando dirigir-nos somente aos lugares aos quais Deus nos levaria, estamos a ser ovelhas fiéis. Quando ficamos presos ou

nos perdemos, se suplicamos imediatamente a Jesus que nos ajude, em vez de, por nós mesmos, tentarmos encontrar uma forma de nos salvar, estamos a proceder como ovelhas sábias. Logo, quando usamos a nossa influência no sentido de conduzir o rebanho de volta ao pastor no momento em que este começa a assustar-se e sente vontade de fugir em debandada, estamos a ser ovelhas virtuosas e fiéis. Podemos até ser chamados a servir como pastores auxiliares – ajudantes contratados que *não* fogem quando o rebanho se encontra em perigo apenas para se salvarem a si mesmos. Quando, gentilmente, procuramos levar os outros – especialmente os mais jovens – a seguir Jesus e não a nós, por si mesmos, somos fiéis pastores auxiliares.

Porque Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida, posso trilhar o Seu Caminho, observar a Sua Verdade e partilhar uma vida abundante e completa com aqueles que me rodeiam. Quando mantemos a nossa mente treinada no sentido de reconhecer o caminho de Jesus, através do estudo cada vez mais profundo da Sua palavra à medida que nos desenvolvemos, quando aprendemos a verdade de Deus por dentro e por fora, de forma a reconhecermos a falsidade quando nos deparamos com ela, a nossa vida torna-se plena e abundante.

Então, quando somos seguidores do Caminho, os outros também podem sê-lo. Quando agarramos a Verdade (Jesus), mesmo quando tal é difícil ou perigoso, os outros também podem fazer de igual forma. E a nossa vida crescerá em plenitude e em abundância à medida que vamos ganhando força e capacidade para partilhar essa Verdade. Quando mais dermos aos outros, mais receberemos.

Porque Jesus é a Videira Verdadeira, eu posso ser um ramo abençoado, extraindo d'Ele o meu alimento e glorificando Deus com muitos frutos. Quando nos unimos mais e mais intimamente a Jesus, aprendendo a viver n'Ele a *todo* o instante, quando nos esforçamos por adquirir uma ligação tão perfeita com Ele que o alimento da nossa alma é d'Ele retirado, tornamo-nos ramos frutíferos.

Logo, passaremos o resto da nossa vida a aprender quais são os nossos particulares e únicos dons e talentos, e começaremos a ter amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão e domínio próprio suficientes para dar, e dar, e dar!

Porque Jesus é a Ressurreição e a Vida, posso regozijar-me agora na vida nova que Ele me oferece e confiar n'Ele para a vida eterna. No momento em que tenhamos escolhido Jesus e passamos a viver n'Ele, Ele promete-nos que *teremos* uma vida eterna que tem início naquele preciso instante. Começamos a sentir-nos menos receosos quando sabemos que não há nada nem nesta vida nem na morte que possa afastar-nos de Deus.

Então, ansiaremos por descobrir novas formas de transmitir essa verdade e essa vida a todos aqueles com quem interagimos. Estaremos aptos a confiar n'Ele quando a dor e a perda nos assolarem, e a ajudar e a lamentar-nos com aqueles que sofrem ou enfrentam uma perda. Teremos uma confiança em Deus que nem finge que tudo está bem e que não há razão para chorarmos, nem se rebela contra Deus e O culpa pelas nossas perdas. E seremos capazes de partilhar essa atitude com os outros.

Porque Jesus, o Grande Eu Sou, é, foi, e sempre será, porque Ele viveu uma Vida Real e Plena aqui nesta Terra, n'Ele posso ser eu mesmo real e completo. Quando mantemos os nossos olhos fixos na única Vida Verdadeira e Plena que já alguma vez existiu, começamos a ver coisas novas. Aprenderemos sobre quando e a quem Ele comunicou a verdade de uma forma austera, e sobre quando e a quem Ele transmitiu a verdade de um modo gentil e carinhoso. Observaremos a forma como Ele tratou as pessoas, e ficaremos a conhecer quais as pessoas por quem Ele mais Se sentiu atraído. Veremos que Ele não permitiu que O tomassem antes que chegasse o Seu tempo e que, quando esse tempo chegou, Ele não teve vergonha em reconhecer a Sua própria angústia ou em expressá-la ao Seu pai, tendo, de qualquer forma, enfrentado corajosamente essa angústia. Então, começaremos a procurar e a compreender a nossa própria verdade e os nossos “eus” plenos.

Compreenderemos que a Igreja deve ser unida, mas não uniforme. Somos filhos de Deus e somos únicos no Universo. Passaremos tempo a perguntar a Deus o que é que Ele quer que façamos enquanto aqui permanecemos, e como nos prepararmos para realizar esse serviço. Enquanto cumprir a missão que me é confiada agora, estarei a ser *eu*. Enquanto cumprirem a missão que vos é confiada agora, estarão a ser *vocês*.

E viveremos em amor com Ele e uns com os outros até vivermos eternamente com Ele.

QUESTÕES PARA DEBATE

1. Das declarações “Eu Sou” que estudámos, qual é a tua preferida? Porquê?
2. Indica um dos métodos que escolheste ao longo desta semana a fim de descobrires quem és.
3. Quais são algumas das formas através das quais podes ajudar a clarificar ideias erradas acerca de Deus e mostrar aos teus amigos que Ele é um Deus de amor e compaixão?

A QUESTÃO MAIS IMPORTANTE

Quem és tu? Não, quem és tu realmente?

8º PRINCÍPIO IDENTIFICADOR DA VIDA – Porque Jesus, o Grande Eu Sou, é, foi, e sempre será, porque Ele viveu uma Vida Real e Plena aqui nesta Terra, n'Ele posso ser eu mesmo real e completo.

***Prager, Rabbi Marcia, *The Path of Blessing*, 1998. Woodstock, VT, Jewish Lights Publishing, pp. 81, 82.**

TOPO